

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFÉ MANDIOCA
ARROZ MILHO
ASSUCAR FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

Rua de São Bento N. 29-C
SÃO PAULO

OFFICINAS DO GOV. ESTADO DE S. PAULO



REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

AFRANIO PEIXOTO <i>da Academia Brasileira</i>	Parabolas	207
A. SAMPHIO DORIA	Patria	228
MONTEIRO LOBATO	O comprador de fazendas (novella)	244
MARIO DE ALENCAR <i>da Academia Brasileira</i>	Flôr do campo (poema)	257
AMADEU AMARAL	Machado de Assis e Na- huco	275
F. BARRRO'	Aves de arribação	286
COLLABORADORES	Resenha do mez	290

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 27 - ANNO III

VOL. VII

MARÇO, 1918

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL

RESENHA DO MEZ — Civismo e pessimismo — Bibliographia — A morphéa e o milho (*M. Lopes Oliveira*) — Galeria artistica — A Biologia e a mulher (*A. V. de Carvalho*) — A valorisação do brasileiro (*M. Brant*) — O saneamento do Brasil (*Monteiro Lobato*) — Pelo nacionalismo (*Afranio de Mello Franco*) — João Francisco Lisboa (*Oliveira Lima*) — Machado de Assis (*A. Chateaubriand*) — As velhas arvores (*Sebastião Rios*) — Os bastidores do mundo literario — As reliquias do mar — O submarino na antiguidade — As caricaturas do mez. **ILLUSTRAÇÕES:** *Jesus descendo do monte das Oliveiras*, quadro de R. Amoedo — *A orphan belga*, quadro de L. Geraneo — *Outomno*, quadro de P. do Valle — *Cabeça de camponesa*, quadro de L. de Freitas.

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos inéditos

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

Propriedade de uma
sociedade anonyma

L. P. BARRETTO

Directores: JULIO MESQUITA Redactor-chefe: Plinio Barreto
ALFREDO PUJOL Secretario-gerente: Pinheiro Junior

ASSIGNATURAS:

10	13\$000
Seis mezes	8\$000
Edição de luxo, anno	22\$000
Numero avulso	1\$500
Numero atrazado	2\$000

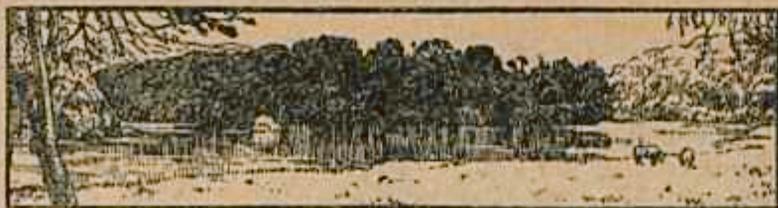
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52
Caixa Postal, 1373 — Telephone, 4210

S. PAULO

Toda a correspondência deve ser endereçada ao secretario-gerente.





PARABOLAS

E' DEMAIS!

Conta Herodoto (*Euterpe*, LXVIII) que os crocodilos do Egypto deixam entrar-lhes pelas fauces a tenros passarinhos, os trochilos, impunemente, pelo bem que delles recebem com o se nutrirem de bichos, adherentes ás suas mucosas da bocca. Confirmam naturalistas contemporaneos o velho historiador, e põem nome legitimo de *Cursorius egyptius*, no amigo e commensal do crocodilo.

No interior do Brasil os anuns e caracarás fazem o mesmo officio ao gado, limpando-lhe a pelle de bernes e carrapatos. Dessa intimidade de mutuo auxilio derivam respeito e gratidão.

Os homens, entretanto, matam a tiro, a pedradas, pegam a visgo e alçapão, enxotam a espantelho, os passarinhos que lhes comem nas searas os insectos damninhos. Por isso, os insectos proliferam e destroem as searas. Ingratos, vá, é da natureza delles, mas estupidos, como nem os bois ou os crocodilos, é demais!



O QUE SE NÃO PERDÔA

Cantam os rouxinoes ao luar, a que ladram aggressivos os cães. A um grande merecimento, ainda quando consagrado, nunca lhe faltou um detractor.

"BRASILIA SIVE PAPAGALLI TERRA"

As historias de papagaios espirituosas são frequentes. Não contando as européas, docilmente reproduzidas nos livros, já os nossos fastos registam algumas engraçadas.

A mais nobre é aquella, de velho exemplar achado por Humboldt em Maypures, que ninguém entendia, por falar a lingua dos Aturés. Fôra esta gente do Orinoco dizimada pelos Carahybas; ficara para lembrál-a o fiel papagaio, de cuja bocca, digo, de cujo bico, ouviu a posteridade as unicas palavras que pôde recolher do espolio de um povo. Por isso, de Curtius a Humberto de Campos, tem elle sido louvado, em prosa e verso.

Conta a tradição popular de um que, depois de domestico, tornou ás selvas, não sem transmittir aos de sua grei o que aprendera. Ouviu-se um dia pelos ares ladainha tirada pelo bicho, a que os parceiros respondiam:—"Kyrie eleison!" "Kristie eleison!" — "Ora pro nobis!" — "Ora pro nobis!"

Outro, pertencente a um vendeiro, de tanto ouvir dizer mal de certo toicinho ardido, preveniu disto a um comprador incauto. Irritado, vingou-se o dono do indiscreto, atirando-lhe um canéco de agua fervendo, que o depennou e quasi mata. Foi o papagaio posto do lado de fóra, á intemperie, para se não entremetter mais nos negocios illicitos do patrão. Eis que num dia de chuva acolhe-se ao beiral da casa pobre pinto pellado, tranzido de frio. Contemplou-o o louro, com o seu olho redondo, e perguntou-lhe, induzido pela experiencia: — Você tambem falou do toicinho?

Logicos, pedagogos, até philologos, podem os papagaios temperar a sua loquela com um laivo de humorismo.





MACHINAS PARA LAVOURA E INDUSTRIA

FUNDAÇÃO GERAL, OFFICINAS MECHANICA,
DE SERRALHERIA E CARPINTARIA

— IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO —

Temos, no Brasil, o maior e mais completo sortimento de machinas para lavoura e industria, principalmente para lavoura, ramo de commercio em que somos especialistas; desde o mais simples arado, semeadeira ou carpidreira, aos mais aperfeiçoados arados e cultivadores de discos lisos ou recortados; da mais simples moenda manual, para moagem de canna e extracção do respectivo caldo ou garapa, ao melhor engenho CHATTANOOGA, a força animal, hydraulica ou mechanica; moinhos para todos os fins; desde o de vento, para accionamento de pequenos aparelhos, como bombas, etc., até os apropriados para a moagem de café, milho, arroz e todas as sementes ou corpos susceptíveis de soffrerem moagem, para uso em casas de familia ou em estabelecimentos industriaes; geradores de gaz acetyleno, cufadeiras mechanicas, machinas de tosquar animaes, faxer cangica, manteiga, etc.; debulhadores e desintegradores de milho, cortadores de forragem, trituradores de ossos, bombas para agua e outros líquidos, arbetes hydraulicos, motores electricos e para combustivel de lenha e kerozene ou gasolina; até os mais aperfeiçoados machinismos para beneficiamento de arroz ou café, compostos estes de bem organizados e efficientes conjunctos de machinas "Engelberg" americanas (as primeiras machinas do mundo, para beneficiamento de arroz e café), dos quaes conjunctos as principaes peças são: descascadores, ventiladores, esbragadores, catadores, polidores, lustradores e separadores; e, enfim, tudo quanto aos agricultores se torna necessario adquirir, relativamente a aparelhos, para a elaboração da terra, semeadeira, plantio e consequente beneficiamento dos productos de sua lavoura.

Fazemos nossas compras directamente, aos principaes fabricantes norte-americanos, em optimas condições, porque compramos a dinheiro á vista, nas fabricas; e isto nos habilita a podermos offerer aos nossos estimados freguezes, vantagem de preço e qualidade de mercadorias, que poucos outros importadores poderão offerer. Além disso, dedicando-nos de ha longo tempo ao commercio de machinas, principalmente agricolas, ninguém, no Brasil, melhor do que nós está apto a bem servir os senhores agricultores, de tudo que elles precisam para execucção de seus trabalhos agrarios, para cujo fim dispomos de um sortimento que, além de vasto, completo, é escolhido por profissionais competentes.

Pertanto, nossa casa é aquella a que sempre deverá ser dada preferença, para effectivação de compras de todos os quaesquer artigos de nossa especialidade commercial e industrial.

E, sob encomenda, em nossas officinas de fundição geral, mecanica, serralheria e carpinteria, construímos machinas para qualquer fim agricola ou industrial; assim como fazemos toda e qualquer peça, para substituição das que porventura se hajam gasto ou estrazada, de machinas de fabricacão nacional ou estrangeira, tudo mediante desenho ou modelo.

A pedido, e sem compromisso da parte do solicitante, fornecemos preços, catalogos e orçamentos, relativos a quaesquer machinas ou aparelhos de nossa especialidade.

F. UPTON & C^o

IMPORTADORES



São Paulo

LARGO SÃO BENTO N. 12
TELEPHONE (OWING) 1182
CAIXA POSTAL 59

AV. RIO BRANCO, 18
TELEPHONE
(Nº 41) 2887

Rio de Janeiro

:: CASA FRANCEZA ::

DE

L. Grumbach & C.^{id}

RUA SÃO BENTO, 89 e 91

SÃO PAULO

CASA MATRIZ

EM PARIS

17 Bis, RUE DE PARADIS

Louças, Vidros, Crystaes,
Porcellanas, Objectos de
Arte para Presentes,
Baterias de Cosinha.



VENDAS A VAREJO E POR ATACADO
:: IMPORTAÇÃO DIRECTA ::

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABAT-JOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1853

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscrito . . . £ 2.000.000

.. realzado. . . . £ 1.000.000

Fundo de reserva . . . £ 1.000.000

Succursaes em: BAHIA,

RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,

ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

Ó Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo o qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã às 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

Esta é do Dr. Emilio Goeldi, grave naturalista que em tempo fundou e dirigiu o Museu do Pará: conhecera aqui um papagaio que, a cada detonação de foguete, gritava: "Viva!" e, em voz mais baixa, reservado, accrescentava: "Tolo!" O sabio sublinha: "nunca deixei de achar graça neste modo original de apreciar a febre de foguetes que infesta o paiz".

Podia ter ajuntado, e era tambem historia natural, que ha por aqui, na terra dos papagaios, bipedes implumes, immensa maioria, a qual ao ouvir o espoucar festivo de um foguete será apenas capaz do primeiro commentario.

I

DOMESTICAÇÃO E EDUCAÇÃO

A' margem da "Rondonia"

*A Roquette Pinto, naturalista
e pedagogo.*

No interior do Brasil ha zonas de criação em que o boi é tão selvagem que só a tiro se consegue capturar, Entretanto, por ahi mesmo, pela abundancia, esses bichos não só provêm ao sustento e á industria dos naturaes, em carne, leite, couro, senão tambem que, domados, servem á tracção nos carros, porte das cargas e até para montaria.

Para chegarem a este ponto não é pouco o trabalho. O garrote laçado na malhada é trazido, depois de muita pejeja para o curral e atado solidamente a um poste. Fura-se-lhe então o septo nasal, pelo qual se enfia um atilho de couro. Passa a noite no mourão, urrando, espenoteando, á magua da ferida e á humilhação do laço. Pela manhã põem-lhe nos lombos as cangalhas: são arreios toscos, duas forquilhas de pau juntas por um travessão, protegidas por maunças de palha, cobertas com capa de couro e fixadas no paciente pelos arrochos, peitoral e rabicho.

A este vestido incommodo resistem como desespera-

dos: dão pulos, investem de raspão contra cercas e troncos de arvore, lançam-se ao chão, repetem os safanões, até que desfazem, arrebetados em estilhas, pelo campo, os petrechos com que os adornaram.

Recompoem os vaqueiros as cangalhas desfeitas, tornam a repôl-as no boi furioso, para se repetir a mesma scena, duas, tres, dez vezes, até que vencido o animal se submete e, passivo, recebe a carga. Com o tempo e o mesmo regime acaba num bom cargueiro, docil á voz que o faz parar ou proseguir no caminho: "E... cô!... ê... Azeitão!" "Quêta Caboclo!"

Domar um boi é fazel-o domestico, trazê-lo á utilidade humana, social...; é o que se chama, transposto para homem, para fazê-lo gente. E' o mesmo processo, apenas mais brando e, por isso, mais demorado; daria o mesmo resultado se fora empregado sempre e não se julgasse o homem ás vezes tão differente dos outros bichos.

Criminosos, rebeldes, violentos, energúmenos, grosseiros... são bois chucros, que não tiveram vaqueiros... Depois, por isso mesmo, só a tiro, como os bois selvagens da vaccaria. O humoristico, bem humano, é que são elles que dão os tiros... nos bois mansos.

II

"BICHO-HOMEM"

Celebre facinora do sertão da Bahia, depois dos seus crimes, perguntava sempre á victima agonizante: — "Conheceu, papúdo, para que presta o bicho homem?"

O "bicho-homem" — nem o bronco sertanejo sabia quanto tinha de razão — presta-se mesmo para isso; não importa se a maldade é individual ou collectiva, assassinio ou guerra, contanto que lhe dê azo á intelligente crueldade. E' a differença que elles fazem com os bichos propriamente ditos.



III

CIVILIZAÇÃO

A VIDA DOLOROSA DOS TICO-TICOS

A civilização é a "domesticação" do homem. Sempre relativa, muitas vezes precária.

(Tragedia em tres actos)

A Primitivo Moacyr, que comprehende tudo, mas a quem muita coisa aborrece.

Venho assistindo, desde ha dias, a uma tragedia mais terrivel e commovente que essas que andam por ahi nos theatros ou na vida dos homens.

Descobri num arbusto, quasi á beira do caminho, no meu jardim, um ninho de tico-tico. Vi-o voar, quando me approximava e pude notar tres ovinhos depositos na fofa cama bem feita. Pareceu-me que um dos ovos era differente na forma e na cor, dos outros dois, mas não insisti na minha malícia. Seria isso lá com o tico-tico. Não perturbei mais o mysterio dessa maternidade, com a minha indiscrição.

Muitos dias depois, distrahido, vou pelas mesmas bandas e ouço inquieto pipilar. Pé ante pé chego á espreita: o tico-tico depois de saltitar de galho em galho, acerca-se do ninho, trazendo no bico a nutrição para a ninhada que o chamava soffrega. Olho para o ninho e vejo um passariinho só, grande, bem maior que o outro, vestido de pennugem negra, de amplo bico aberto, á espera do alimento... O filho do tico-tico era um melro!

O drama intimo se me revelava então, sem disfarce. Junto aos ovos do tico-tico o melro pusera o seu. O mesmo carinho solícito, as mesmas pennas suaves incumbaram tres. Nasceram provavelmente os tres, e, terrivel lei da



natureza, a prole legítima succumbira á usurpação: o intruso, mais forte, mais guloso, tomou o pequeno espaço e a limitada providencia materna das aves. Não vira o coração cego de tico-tico nada disso, nem sentira sequer a differença, senão que lhe sobrevivera o filho mais forte, e que, ainda bem, ficara para lhe consolar a maternidade diligente e soffredora.

Natureza, como és cruel na tua indifferente simplicidade! Guardei o meu segredo e sahi dahi, commiserado e triste, pensando nos homens... cuja ruindade nem ao menos é original.

Pobre tico-tico!

Dahi a dias já o ninho estava abandonado... Pensei que a tragedia findara. Não; eu vinha ainda a tempo para assistir ao ultimo acto. Perto, no chão, comecei a ouvir um pipilado insistente, como chamado. Era o meu tico-tico ensaiando a andar, a buscar a vida, ao melro.

O contraste era enorme, entre os dois. O pequenino, agil, travesso, com suas rajadas e seu elegante cocuruto, ia na frente, aos pulinhos leves, até encontrar na terra um bichinho, que tomava, matando-o a bicada, enquanto chamava o filho... Este, um melro grande, todo emplumado de negro, com a passada incerta e pesada, achegava-se e comia então o bocado preparado, no chão. O tico-tico proseguia, até nova descoberta, novo e insistente chamado.

Nisto um graveto parte-se ao meu lado e os dois passarinhos assustados voam, em rumos diversos... Fiquei pesaroso de ter interrompido assim, sem o querer, a educação do intruso. Mas, enquanto reflectia sobre a scena, vejo tornar, afflicto e inquieto, o meu tico-tico. Trilos e pipilos, pipilos e trilos, do chão para as hortensias proximas, dos ramos do caminho para o intimo das moitas... numa tortura, numa ancia... que fazia pena. Procurava o seu filho, que incumbado, criado, educado, ganhara mundo, para a vida dos melros, os indignos vira-bostas, que é o nome proprio delles... que vivem a enganar os japus e os tico-ticos, e sei lá quantas mais avesinhas, credulas e honestas.

O meu tico-tico dolorido e inquieto, não cessava de procurar o filho ingrato, que não tornaria... Não é pungente, dado o engano, que não seja duradoiro? A vida, porém, ahí estava, viria novo engano, para outro desengano.

Pobres tico-ticos...

LEMBRA-TE DE DESCONFIAR

(Moto grego, divisa de Stendhal e de Merimée)

O caramujo é sceptico: desconfia de tudo, até da propria casa; por isso anda com ella ás costas.

IMAGENS

A Amadeu Amaral, que não conheço, mas que admiro, poeta cujos versos têm poesia.

I

As lagartas e as borboletas, as ostras e as perolas, deram á poesia as mais formosas imagens que a intelligencia inventou. De larva asquerosa deriva esse encanto alado, como da miseria do instincto surge o divino sentimento. Uma obra prima, joia da natureza, resulta do soffrimento que a produziu, como symbolo de dor que custa toda criação.

II

Ha no sertão do Brasil especie de abelha que os naturaes chamam "lambe-olho". Persegue o viandante pelas estradas resequidas, em busca de uma gotta de humidade, ainda do suor ou das lagrimas. Faz dessa amarugem, de fadiga ou de mágua, o mel dos seus favos. Não é imagem do poeta, que labuta e soffre, para a alegria que dá aos outros a obra-prima?



O AUTOMOVEL E O CARRO DE BOI

*A Alberto Faria, cuja modestia
encobre o merecimento.*

Passa na estrada poeirenta, num trilo prolongado, um carro de boi, atulhado de espigas de milho. Vae tocando na frente, vara de ferrão em punho, pitando descansado o seu cigarro, o carreiro, enquanto a junta somnolenta puxa, sem pressa, as rodas chiadoras.

Atrás, ainda á distancia, ouve-se a buzina de um automovel e logo após o arfar impaciente do motor que se aproxima. Desvia o carreador o seu vehiculo para a direita, á beira do caminho, dando passagem ao outro, apressado, que dispara em frente, envolto numa nuvem de poeira. Suffocado o caipira pragueja: — "Diabos te leve!"

Meia hora depois chega, finalmente, á fazenda, o carro de boi, onde encontra, parado, o automovel.

O AUTOMOVEL (*risoinho*)

Custou a chegar, heim? D'ali áqui... uma hora!

O CARRO DE BOI

Não tenho pressa. Não fui buscar fogo...

O AUTOMOVEL

De fogo não preciso eu... é o que não me falta. Quei-
mo com elle as distancias.

O CARRO DE BOI

Sim... Espanando o pó das estradas e empestando o
caminho com esse cheiro repugnante de alcatrão...



O AUTOMOVEL

Isso é nada. O essencial é que ando por esse mundão a fora, num abrir e fechar de olho. Parto e chego. Você parte quando pode, chega quando Deus é servido...

O CARRO DE BOI

De caminho faço o meu passeio, distraio-me, pelas manhãs ouço a passarada, canto com as cigarras ao meio-dia, e, ás tardes tristes, o sol, mais cansado do que eu, parece que me inveja não ter duas rodas. Você quando passa não attende a nada, não vê nada... Você apenas é visto, malvisto...

O AUTOMOVEL

Mas chego, chego antes da hora. Encurto o espaço, poupo o tempo. Nesta vida breve vale isto mais do que dinheiro, do que sangue... E' uma outra vida que se vive, graças a mim. Viagem não é mais fadiga, é recreio; necessidade já não será remanção, porém serviço...

O CARRO DE BOI (*ironico*)

Você diz bem, é o seu merito: Você chega, é "arri- vista". Chega aonde não devera, é "parvenu". E' o que Você é.

O AUTOMOVEL

Que culpa tenho eu de Você não poder chegar... pesado carroção, atravancado de madeira... bichos pesados que se mexem com tanta lerdeza...? "Arrivista" e "parvenu", eu?!... Sim, por que tenho dentro de mim um motor, de cincoenta cavallos. E' por isso que hei de chegar e vencer. Razão que seu despeito não quer ver e troca por insulto...

Não pôde o carro de boi responder porque, arfando de novo, o automovel se pôs a marchar, abafando com a bu- zina a inveja do outro.



Depois de esvaziar no paiol as suas espigas de milho, tambem o carreiro, com a agulhada em riste, tocou a junta e, pesadamente, rodou nos gonzos resequidos o carro de boi.

Lá adiante, no meio da estrada, estava parado o automovel. Em mangas de camisa, suado, esbaforido, remexia o motorista a sua machina, da qual se escapava ainda um vapor de fadiga: o monstro era entretanto insensivel ao mau trato das ferramentas de concerto.

O CARRO DE BOI (*com alegria maliciosa*)

Que é isto? Empacou?

O AUTOMOVEL (*envergonhado*)

Eu não empaco, porque não tenho vontade minha... enguiço, Transtôrno cá de dentro, a que elles não sabem prover, e dão por isso um nome qualquer, como fazem os medicos ás doenças.

O CARRO DE BOI (*perverso*)

... Mas que lhe reduz a peor condição que a de um carro... sem bois... *Compassivo*. Quer o meu auxilio? Ando de vagar, mas sempre puxo. Não sei quando chego, mas chego...

Prendem o carreiro e o motorista com uma grossa corda o automovel á trazeira do carro de boi.

O AUTOMOVEL (*humilhado*)

Paguei pela lingua... pelo motor!

O CARRO DE BOI (*reflectido*)

A gente não deve ter vaidade do que é. Tambem eu fui injusto, negando merecimento a sua machina. Dezenas de cavallos, embora de vapor, galopam e hão de chegar, neces-



sariamente, sem por isso merecerem pecha de "arrivista" e "parvenu", como o despeito do triumpho alheio nos fazem ás vezes dizer. Má lingua é sempre filha de despeito e inveja. O que vocês não devem, na sua victoria, é humilhar aos pobres carros ronceiros que, mal mal, sempre prestam para alguma coisa...

O AUTOMOVEL (confirmado e penitente)

A "panne", o enguiço... é castigo do nosso orgulho. Bem feito que eu, com os meus cincoenta HP seja puxado por uma junta de bois... Quanto maior é o merecimento de uma intelligencia ou de um character, maior deve ser tambem a humildade do seu coração. Não ha que ter vangloria, de nada: a vida é feita de compensações. Chia, amigo, agora na minha frente, que depois eu te jogarei poeira nos olhos...

AFRANIO PEIXOTO



PÁTRIA

A idéa de pátria: seus elementos constitutivos. A pátria, a liberdade e a humanidade. A pátria brasileira.

A pátria tem sido, por toda a parte, e sempre, uma das maiores preocupações dos homens. Por ellas, se tem sacrificado, na fornalha das guerras, legiões innumeráveis de mocidade. Umhas têm prosperado até ao fastígio, outras perecido até á saudade, e algumas, decaindo de um prestígio inegualado, esperam, sempre, uma renascença de esperança.

Os poetas as decantam, inspirados, em estrophes maviosas; os historiadores lhes descrevem a origem, a evolução e o destino; os oradores as declamam inflamados de eloquencia; os philosophos se converterem, por explical-as com theorias, que as exaltam até ao sublime e ao extase, ou as menosprezam até ao preconceito e á rotina. Todos as sentem, senão com amor, ao menos com indifferença ou desprezo. Ella emociona até mesmo o coração dos nomades, entre os quaes, máo grado a estreiteza da vida que vivem, ella já se esboça na agremiação das familias, e communiidade de usos e religiões, sob o dominio de um cacique atilado e temido.

E', pois, a pátria uma realidade universal e perenne.

Todavía, não é facil definil-a com precisão. Onde estão os elementos substanciaes da sua existencia, á parte as tonalidades individuantes, aquillo que as caracteriza entre si, e as distingue, umas das outras? Que concepção fundamental, em summa, clara, precisa, inequivoca, se pode ter da pátria?



PORQUE VARIAM AS IDEAS DE PATRIA

A razão por que, a despeito de universal e constante, variam as idéas de patria, está na impropriedade do methodo, com que as estudam. Não que se devam acoimar de má fé as doutrinas, que as negam, nem arguir-se de menos capazes aos que as obscurecem, e as deformam. A causa primaria de todo erro é a ruindade do methodo, com que as concebem.

A intelligencia do homem não dispõe senão de um só meio, para conhecer originariamente as cousas: é o seu contacto directo com as realidades cognoscendas. As idéas não se geram espontaneas no espirito, germinadas pela Razão, ou pela Revelação divina. Mas o espirito, as concebe com dados experimentaes, que os sentidos apanham no ambiente, a memoria conserva, e o pensamento decompõe e recompõe em criações ás vezes maravilhosas. A observação cautelosa das cousas é a base unica de toda a sabedoria humana. Por isto, quando vacillarem as nossas concepções scientificas, seja sobre o que fôr, o recurso legitimo e efficiente é observar, com logica, a realidade mal concebida.

Se ha duvidas, divergencias e contradições, sobre o que seja a patria, observemol-as, as que existem, e as que já se foram. Não haverá quem, ao cabo, não extranhe as vacillações e confusões anteriores.

A OBSERVAÇÃO DAS PATRIAS

Attentemos em algumas patrias: o Brasil, a França, a Inglaterra, a Belgica, os Estados Unidos, Portugal, a Italia, o Japão. . . O que, para logo, se nos depara, visivel e palpavel, é a existencia de um povo e de um territorio.

A humanidade se fragmenta em grupos, mais ou menos homogeneos pela raça, pelos costumes, pela linguagem, pelas tradições. Toda a terra está assim matizada destas agremiações de individuos, que a fatalidade historica ajuntou. E' evidentemente, o povo um dos elementos encontra-



veis, sempre, onde quer que a patria exista. Onde está, ou esteve, a patria, que não implicasse a realidade objectiva de um povo? Não se conhece, nem se poderia jamais conhecer tal cousa. Logo, o povo é um factor da patria, como a carne o é dos homens.

Com o mesmo relevo se nos apresenta o territorio em todas as patrias mortas e vivas. Os povos se localizam em regiões certas do globo. Ha, sem duvida, tribus nomades, vagueantes como ciganos. Mas ninguem as pode considerar como patrias. Serão, quando muito, nebulosas, donde poderia, com a fixação ao solo, nascer, um dia, uma patria noya. Um territorio, com fronteiras mais ou menos definidas, é o segundo elemento fundamental da patria, como o esqueleto o é do homem. Não importa que o territorio seja exiguo, como o da Republica de Andorra, ou de extensão enorme, como o da China. O tamanho não é nada; o essencial é a existencia do territorio. Quando pensamos em nossa patria, o traço mais assignalado da imagem é o da configuração geographica, o mappa, como nos habituamos a ver e a desenhar na escola primaria.

A patria é, pois, primeiramente, a gente e a terra, como a carne e os ossos o são do homem.

Mas não é tudo. O povo, que habita uma determinada terra, se anima de certo espirito. Compare-se o Brasil com a Polonia. Porque não é a Polonia, miseravel e retalhada, uma patria viva, como o Brasil? Sem duvida, foi uma patria extraordinaria e brilhante, que as luctas internas enfraqueceram e consumiram, até reduzi-la á carniça da Prussia arrogante, da Austria orgulhosa, e da Russia imperialista. Não é hoje senão, apenas, a saudade de uma patria, que espera o milagre de uma resurreição promettida.

Que lhe falta? A unidade de um governo proprio. E' um povo de heróes, que habita uma terra fecunda, mas governada por tres autocracias estrangeiras. Nem autonomia, nem unificação de poder. A conquista inimiga amortahou e sepultou a patria poloneza, até que a justiça tardia da humanidade seja, para ella, o que, para Lazaro se pulto, foi, um dia, a piedade de Jesus. Sem instituições politicas proprias, que a tradição solidifique e legitime, ou a



soberania popular conceba e realise, não se tem noticia de nenhuma patria viva e real.

A unidade do governo soberano é, pois, terceiro elemento da patria, como a intelligencia directora dos seus actos o é do homem. A patria é a terra, é o povo, é a soberania.

Ha mais. Os homens se agremiam, sob o imperio de um mesmo governo entre fronteiras territoriaes, para que lhes seja garantida a liberdade de pensar, de sentir, de querer, de agir. Cada qual, isolado, viria a perecer, de momento a momento, nas garras das feras, ou nos odios implacaveis dos seus semelhantes. A conservação e a expansão da vida requerem cohesão intelligente de forças, para a luta common em beneficio de todos. Dahi os feitos memoraveis do povo pela liberdade individual dentro do paiz, e pela independencia nacional em face do mundo. Mesmo com as agremiações, vêde, ainda agora, a matança em massa, dentro de um mesmo imperio, como a dos armenios infelizes pelos turcos facinoras, e fóra das fronteiras, como a dos belgas heroicos, pelos allemães transviados. A historia das reacções pela liberdade constitue, para cada povo, o melhor das suas tradições. Tambem as ha, sem duvida, nas sciencias e nas artes. Mas onde a liberdade não reflorece, o terreno é safaró para qualquer genero de gloria. Por isto, os feitos mais em relevo, mais brilhantes e ruidosos, são os militares pela grandeza do paiz, e os civis e politicos em prol da liberdade e da justiça. Dahi, as datas memoraveis, os homens illustres, as glorias nacionaes, os symbolos, as tradições.

As tradições fazem parte da patria, como da entidade moral de cada homem o seu passado, as suas experiencias. A patria, pois, pelo que até agora se vio, é a terra, é a gente, é a soberania, é a tradição.

Ainda apenas dois elementos: a lingua e as aspirações nacionaes. Não ha patria sem communidade de idioma. A Suissa, onde tres linguas nacionaes se fallam, não é, em rigor, uma patria, mas um Estado da mais perfeita organização civil e política. A Suissa são pedaços desgarrados de tres patrias distinctas. A sua existencia autonoma só se explica pela necessidade de defesa reciproca das suas tres vi-

sinhas irreconciliáveis. Cada secção da Suissa, a franceza, a alleman, a italiana, tende a se autonomizar, ou fundir-se na communhão dos seus irmãos de raça e de lingua. Só pelo idioma, assimilado desde o berço, os sentimentos nacionaes se apuram e cristalizam na constituição de uma certa unidade moral, basica, da patria. Nações de mosaico, ou Estados de retalhos, como a Austria-Hungria, não se mantêm unidas, senão sob o terror militar. São patrias monstros, como homens de dez pernas, ou tres cabeças. A unidade da lingua é um factor dynamico da cohesão nacional.

Até aqui, pois, a patria é a terra, a gente, a soberania, as tradições, a unidade da lingua.

E', por fim, o futuro. Nenhuma patria deixa de ter aspirações de aperfeiçoamento e de grandeza. Cada homem, além das suas ambições individuaes, aspira, para a sua terra e a sua gente, um renome e prosperidade collectiva. Todos nós, alem da nossa riqueza individual, queremos, para o Brasil, a mais invejavel grandeza: uma frota mercante na altura das nossas necessidades, uma poderosa marinha de guerra, um exercito que nos faça respeitadas, progresso industrial, agricola e commercial, que nos façam antes celeiro que mercado de consumo, a inteira verdade da democracia, e da instrucção publica, cultura artistica e scientifica, um nome glorioso e digno, um futuro pujante e inegualavel. O Brasil inteiro quer, pelo desenvolvimento natural das suas possibilidades, cooperar, com efficacia, para a grandeza e a gloria da humanidade livre e justa. Assim, todas as patrias têm as suas ambições de futuro. Umas se esforçam por dilatar os seus dominios coloniaes, outras por ampliar os horizontes da sua influencia moral, algumas por tirar desforras de affrontas passadas, não poucas por um logar tranquillo á luz do sol. Nenhuma deixa de ter aspirações, ainda que se limitem as de manter o prestigio actual, em que se achem.

Não sei se uma analyse perspicaz, e mais detida, não descobrirá, talvez, ainda outros elementos essenciaes da realidade patria. Quer parecer-me, todavia, que todas as demais suggestões da patria se reduzem a estes seis elementos fundamentaes, que acabo de bosquejar.



A DEFINIÇÃO DE PATRIA

Todas supõem um povo, de raça fixada, ou em formação, mas um povo: todas exigem uma terra, com fronteiras mais ou menos traçadas, exiguas ou amplas, mas sempre um certo e determinado territorio; nenhuma dispensa unidade de governo, monarchico ou republicano, autocratico ou democratico, mas sempre unidade de instituições politicas; cada qual implica a communhão de um idioma, primitivo ou culto, não importa, mas sempre unidade de lingua; nenhuma ha sem tradições, e nenhuma se comprehende sem ambições e esperanças.

A patria é, pois, a comunidade da terra e da gente, das instituições e da lingua, das tradições e do futuro.

PATRIA E LIBERDADE

Mas dilatemos o olhar, da patria á liberdade. Sem o conhecimento das relações entre uma e outra, a idéa da patria não teria relevo, nem contorno, que a tornem absolutamente inconfundivel. Como realidade objectiva, a patria, é, no espirito humano, uma idéa e um sentimento. Mas, no espirito humano, tambem ha, como reflexo do mais nobre predicado humano, a idéa e o sentimento da liberdade. Por contingencia inexoravel, se chocam, ás vezes, estes dois sentimentos. E, então, se proclama em dogma que o da patria é o dever supremo, a que o da liberdade ha de ceder o passo.

Será mesmo assim? Deve a liberdade individual ser sacrificada nos altares das Razões de Estado, para salvagão da patria mal ferida, ou ameaçada de morte?

Estou que absolutamente não. Entre a patria e a liberdade, se força me fosse, um dia, preferir, eu preferiria a liberdade.

As cousas, realmente boas, não precisam de exagero, para brilhar de merecimento, e receber a consagração dos applausos. A bondade se assenta na verdade, e, quando a erigem num pedestal de mentira, logo se lhe gangrena o san-



gue. O exagero é a serpente de perdição das cousas boas e puras.

A pátria não exige de nenhum de seus filhos o sacrificio da liberdade. Pelo contrario, a razão rigorosa da existencia da pátria é a manutenção viva da liberdade.

Para nos convencermos disto, basta a cautella de se precisarem os sentidos das palavras. Já sabemos o que é a pátria. Que é, agora, a liberdade ?

Não ha de ser um poder absoluto de acção, porque, se todos os homens podessem fazer o que lhes viesse á cabeça, as contendas e as guerras seriam constantes e perpetuas entre elles. A vida humana não se compadece com a faculdade illimitada de acção, concedida a todos os individuos. A sociedade, onde por natureza, por necessidade, por interesse, os homens vivem, impõe inevitavelmente acções e omissões, sob pena de sobrevir a destruição e o extermínio. O poder de acção de cada homem tem de se conformar com o respeito ás condições da vida collectiva. O excesso destas condições, imposto pelo Estado, é a tyrannia, a mordaca da liberdade, ventre maldito das revoluções. O minimo, porém, de restricções ao poder de acção de cada homem, tantas, e apenas tantas, quantas necessarias á existencia da sociedade, é a condição mesma da liberdade.

E' para fixar e impor aos individuos as condições da vida collectiva, que os povos, senhores de certas regiões do globo, sob a influencia criadora da lingua, e sob o imperio de governo proprio, tendo-se enpenhado em campanhas civis, ou aventurado em guerras estrangeiras, terminam formando e consolidando as patrias. Logo, a pátria só se legitima, quando não desdenha a suprema razão da sua existencia, que é a liberdade. Nada mais absurdo, pois, que estar a pátria contra a liberdade. Um governo de usurpação, sem duvida se incompatibilisa com a liberdade. Mas semelhante governo não é pátria, senão enfermidade das patrias desvirilizadas, ensandecidas, ou corruptas. Não sendo a liberdade a omnipotencia da acção individual, mas o poder de acção compativel com a sociedade, os onus que o Estado exige dos cidadãos, inclusive o imposto de sangue nas guerras de defesa, como condição que é da vida collectiva,



não cerceiam, não contrariam, não violam a liberdade, mas a estabelecem, a garantem, a efficaciam.

Os governos, sim, têm, por erro, por covardia, por orgulho, destruído a liberdade, com falsas invocações do interesse da patria. São as tyrannias, que armam guilhotinas, que fazem dos justos e patriotas proscriptos e parias. Então, essa patria, indistincta dos governos corruptos e corruptores, essa patria monstro dos caudilhos sanguinarios é incompatível com a liberdade. Mas, neste caso, é a liberdade que deve prevalecer. Eu comprehendo e louvo que, ao jugo de uma autocracia de lodo, um homem digno prefira expatriar-se, para viver sob a doçura de um céu mais clemente, sob a garantia de um regimen de paz e respeito á natureza humana. Sendo, em summa, a patria uma condição da liberdade, a liberdade não se pode sacrificar pela patria que a corrompa.

A PÁTRIA E A HUMANIDADE

Por outro lado, peccam do mesmo modo as doutrinas, que amesquinham as patrias em louvor da humanidade.

E' um preconceito de estreiteza mental a patria, dizem ellas. São todos homens filhos de um mesmo Deus, irmãos todos, e não hostes. Por isto, o idéal supremo, acima do da patria, é o da humanidade. No dia, em que elle triumphar, a felicidade reinará na terra. E' um bello sonho: a humanidade sem fronteiras de povos, sem odios de raça, toda amor e fraternidade, como obra perfeita de um só e mesmo Criador. A terra toda é uma cosmopolis de concordia. Já não ha mães, que gerem filhos para carniça de canhões, nem filhas para os mercados da torpeza. Em todos os lares ha lume e alegria, nem velhos, que mendiguem sustento, nem criancinhas, que chorem de fome. Ha justiça sem rogos, e ha pão sem avareza, abundante e universal, como o ar, o calor e a luz do sol. A terra é de todos, e o trabalho de cada homem, dando de sobra ás necessidades individuais, tem direito a banir da terra a miseria, que opprime e desgraça.



Quem priva, quem impede, quem perturba a realização deste sonho de justiça?

A patria, respondem, só ella, a sustentadora do capitalismo, inimigo eterno do trabalho.

Não ha maior engano, nem theoria mais subversiva, contra a qual devemos estar precavidos.

A igualdade absoluta de todos, ou nivelção entre os capazes e os tolos, os que sabem, e os que ignoram, os que trabalham, e os que vadiam, é a mais clamorosa desigualdade, a maior monstruosidade pratica imaginavel. Os vadios e os tolos continuariam ociosos e ignorantes, e, para elles, haveriam de trabalhar e aprender os bens nascidos. O resultado seria a escravização dos melhores pelos peiores.

Porque os bens, que se sonham, não caem do céu, em dadiva, por milagre, como outrora, o maná no deserto aos eleitos do Senhor. A saude e a fartura, postas ao goso de todos, são conquistas do trabalho. O essencial á obtenção dellas é que a todos seja facultado o trabalho livre, segundo as aptidões, capacidades, e energias individuaes.

O ideal de humanidade não é outra cousa. No dia, em que todos os homens gosarem, em todos os recantos da terra, a liberdade completa, nesse dia, o ideal de humanidade estará realizado. Não haverá, então, parasitas. O trabalho de cada homem sobra das proprias necessidades. E trabalhando uns mais productivamente que outros, em virtude das differenças de capacidade, nativa e adquirida, haverá, sempre e necessariamente, desigualdades economicas. Para que o capital não degenerere em polvo do trabalho, basta que gosem todos a legitima liberdade, sob o regimem da mais pura e completa justiça.

Mas como lograrem todos o goso da liberdade? Varrendo da superficie da terra todos os governos, toda sorte de autoridade, num imperio, sem imperio, de anarchia? Organizando-se toda a humanidade, sob um só governo?

Nem com o anarchismo sociocida, nem com uma organização cosmopolita, inexequivel, mas sim e só com as organizações parciaes da humanidade, com o estabelecimento dos varios Estados, a cristalização das varias patrias, até que, entre ellas, se forme a Liga das Nações, para contel-as



nos seus excessos. Se todas as patrias realizassem, como lhes cumpre, os seus objectivos de liberdade, o ideal de humanidade estaria realizado necessariamente. Logo, sobre não ser a patria incompativel com o ideal da humanidade, só por ella, o ideal da humanidade poderá, um dia, realizar-se.

O que da patria contraria a humanidade é o fanatismo nacionalista, o jacobinismo feroz dos incapazes, o bairrismo odiento das nullidades, a impotencia dos nativos na luta leal das competencias. Mas o amor da patria não implica o odio ao estrangeiro, como o amor de cada esposo á sua mulher não vive do odio que elle nutra ás outras mulheres. A patria não tem, por condção da sua existencia, o exclusivismo nacional em beneficio dos nullos e dos maus.

A PATRIA BRASILEIRA

Agora, algumas palavras finaes sobre a patria brasileira.

Não direi que o Brasil seja a mais brilhante de todas as patrias, mas provarei que, em potencialidade, é a melhor de todas, e é, na sua realidade actual, tão invejavel, como as que mais o forem. Basta para isto, que se confrontem, um a um, os elementos constitutivos da patria brasileiro, com os correspondentes das patrias estrangeiras.

Em primeiro logar, a terra. O Brasil tem 8400.000 k. q. Na extensão ultrapassa a quasi todos os paizes do globo. E' claro que não é a quantidade que vale. Mas sim a situação privilegiada, em que esta immensidade territorial se acha no planeta. O solo nacional vae desde ás regiões equatorias, até ás frias campinas do sul, admiravel não só na variedade, mas na amenidade dos seus climas. A natureza ostenta, aqui, as mais variadas fertilidades. Ahí, estão as nossas luxuriantes mattas virgens, os campos de vastidão oceanica, os mais caudalosos rios do mundo, as cachoeiras mais portentosa, as regiões mais saudaveis, como os Campos de Jordão, e as praias mais veraneaveis, como a encantadora Praia Grande em S. Vicente. Nas suas immensas costas, se encurvam numerosos portos seguros para o commercio e a nave-



gação, como o de Santos e a incomparavel Guanabara do Rio de Janeiro. Que outro paiz ha, com tantas riquezas accumuladas, á espera do homem que as explore? e tanta magnificencia da natureza no céo e na terra? A situação geographica do Brasil é das melhores e mais bellas do mundo. A natureza se esmerou em dotal-o de todas as opulencias e fascinações dos seus inexauriveis thesouros.

Quanto ao primeiro elemento, pois, das patrias, a terra, o Brasil supera a quantos ha grandes, hoje, no mundo.

Em segundo lugar, o povo. Não direi que o povo brasileiro exceda aos outros na intelligencia, no saber e na cultura moral. Nem é precisamente isto o que nos interessa. O de que, agora, se trata, é saber se a raça brasileira é capaz de produzir grandes homens. E' a nossa raça apta a criar homens saudaveis, homens intelligentes, homens de bem? Ha, na raça brasileira, o poder latente de gerar extraordinarias capacidades de adaptação á vida? Eu não preciso invocar senão um só exemplo: Ruy Barbosa. E' brasileiro de lei, na origem e no sangue, nas tradições de familia e no incomparavel amor á sua terra e á sua gente. A existencia, só por só, desta genial cerebração prova, inequivocamente, a capacidade da raça brasileira. Onde, hoje em dia, uma intelligencia que exceda á intelligencia ruy-barboseana? Não a teve a Conferencia Internacional de Haya, para onde as nações se empenharam em mandar a fina flor das suas summidades. Em que época um orador, por mais Demosthenés, logrou a belleza das suas imagens, a logica da sua dialectica, a precisão e previsão das suas doutrinas? E' o mais assombroso orador da historia. Deus não se limitou a nos dar o melhor quinhão do globo: quiz que o homem o merecesse na potencialidade da raça, e, então, entendeu dar uma amostra pratica em Ruy Barbosa. Dir-se-á, comtudo, que elle é um caso isolado. De accordo, não ha dois no mundo, nem mesmos entre nós. Mas deixa, com isto, de ser da raça brasileira? Deixa, com isto, a raça brasileira de ter sido capaz de o gerar? E é, por ventura, a quantidade que vale? Mesmo assim, se não temos tido toda uma flora de gigantes do espirito, como elle, ide buscar a causa, não na impotencialidade mental e moral da raça,

mas nas condições especiaes da nossa existencia de povo. Principalmente, a desproporção enorme da população nacional com a immensidade do nosso territorio, nem 3 habitantes por kilometro quadrado, é que tem difficultado, não só a diffusão da instrucção primaria, como a intensa cultura dos mais capazes. Muita gente ha obscura, muita cerebração ha desconhecida, sem a luz da sciencia que a faria brilhar. O que nos falta, é a intensa e extensa educação popular, como a têm outros povos. Isto, porem, não prova que a raça brasileira não produziu a cerebração ruybarbosiana. E' o quanto basta, para evidenciar a potencialidade da nossa raça em crear grandes homens.

O Brasil é, pois, no aspecto do povo, uma patria, que não inveja a nenhuma outra.

Em terceiro lugar, as tradições. Somos de hontem. Temos a nossa certidão de baptismo na celebrada carta de Vaz Caminha. Para uma nação, quatro seculos de existencias são ainda uma infancia. E' verdade que a civilização nossa não é, nem podia ser, autoctona. E' uma transplantação europeia, libertada dos seus seculares preconceitos de casta, moral e politicamente accrescida pelo sopro da liberdade e de egualdade. Mas, por isto mesmo que não tem o legado oneroso dos odio de casta, o Brasil se acha a coberto das necessidades, sempre imminente, de guerras com os seus visinhos, o Brasil não é terra propicia ás revoluções internas que mais fundo dividem os homens. Não obstante, teve de sustentar guerras estrangeira, em que nunca foi vencido, e teve de soffrer revoluções civis, para maior firmeza da liberdade e da egualdade. Num e noutro caso, lhe ficaram tradições, que o enobrecem. Não são nem podiam ser numerosas, como as de outras nações milenarias, em situação de aperto e má visinhança. Mas ainda e sempre não é o numero que decide. E o valor das nossas tradições não pede licença para luzir e fulgurar, com destaque, entre a mais brilhantes tradições alienigenas. Como simples amostras, lembrarei o nosso protesto contra o bombardeio de Valparaíso, em que desinteressadamente advogámos um principio de direito internacional, a solução pacifica das questões da Amapá, do Acre e das Missões, a cessação do condominio



da Lagoa-Mirim, a honra inestimavel de nos não havermos nunca enodado em guerras de conquista e de rapina, o preceito constitucional de só podermos entrar em guerra com outros povos, quando não haja logar, ou falhe, o arbitramento. São tantas que não cessaria tão cedo de enumeral-as. Estas que aqui se nomeiam, chegam a pôr em relevo o quilate moral das nossas tradições. Qual o povo que as tem melhores? Allegar-se-á, talvez, que, ao lado das tradições honrosas, nós temos algumas abominaveis: a instituição da escravatura, oppressões dictatoriaes, como a usurpação florianista e o negredado governo Hermes, ficções constitucionaes, como a legalidade do estado de sitio, o voto popular e o reconhecimento dos não eleitos, crimes politicos, officiaes, como o da Ilha das Cobras, a cuja lembrança todas as boas almas estremecem de indignação. A allegação é tristemente verdadeira. Mas dahi? Quem jamais tentou negal-os, ou encobril-os? O que, apenas, temos em vista, é mostrar que, comparada a proporção entre as nossas tradições boas e as más, com a mesma proporção em outros povos, e attendendo á nossa existencia nacional apenas de 4 seculos e pouco, as nossas tradições nos honram como nenhuma outra. Porque todos os povos têm, no seu passado, chronicas do crime, as suas Bastilhas, as suas Torres de Londres, as suas inquisições, o seus kaisereres. Demais, as grandes tradições estrangeiras são de glorias militares em guerras nem sempre justas, ao passo que nós jamais fizemos guerra contra o direito e a verdade; sempre nos empenhamos, para que as relações internacionaes se regulassem pela justiça, e não pelas armas. Estas tradições pacificas, e as glorias que ellas nos tem fructificado, bastam a collocar o Brasil na vanguarda das nações cavalheirescas em acção discreta, mas firme, pelo reino da paz e da justiça no seio da humanidade.

O Brasil, pois, quanto ás tradições, é patria que não inveja a nenhuma outra.

Em quarto logar, as instituições nacionaes. Cumpre, aqui, preliminarmente, não confundil-as com os governos. Em rigor, o governo deverá ser a expressão pratica das instituições politicas. Na realidade, porem, costuma sophismal-as e negal-as. O que faz parte integrante da patria, são



as instituições vigentes. E as instituições vigentes abrangem a constituição política e o governo. Os nossos governos não tem sido lá grandes modelos. Os excessos do poder executivo já se não sabem a quanto montam; as violações da Constituição pelo poder legislativo são cada vez mais incontrictas, e as fraquezas do poder judiciario se medem pelas curvaturas dos criados de libré. O Governo, que é a somma desses tres poderes em acção, tem (seria feio negal-o) exorbitado, conspurcado e deturpado a lei. O espirito da Constituição republicana ainda não anima, e não dirige os responsaveis por ella. Habitados ao regimen monarchico, não entenderam, nem praticam a pureza do regimen federativo presidencial. E' preciso que se propague a cultura civica e politica por todo o povo, para que, com o exercicio obrigatorio do voto intelligente, se renovem as camadas governativas, ozonando-as do espirito constitucional. Esse beneficio virá em tempo breve, se os moços souberem evitar a escola politica dos trampolineiros, que vencem. A' parte, porem, as mazellas do governo, as nossas instituições politicas são as melhores do mundo. E' a maravilhosa criação juridica norte-americana, transladada e apurada para a nossa terra. Por ella, a liberdade dos cidadãos é maxima, e as suas garantias perfeitas. Como extensão das liberdades, basta citar o artigo 72, que faculta a nacionaes e estrangeiros direitos e regalias, como em nenhum outro paiz. Para as seguranças da efficacia constitucional, adoptámos o Supremo Tribunal Federal, como arbitro inappellavel da lei, como oraculo, inerme e poderoso, da justiça e do direito, com cujas decisões refluem, impotentes, as ameaças das tyrannias renovadas. Com excepção da Republica Norte-Americana, nenhum Estado, hoje, no mundo, se sublima com a maravilha desta organização politica. E' um modelo e uma lição a todos os povos. Com mais um pouco de esforço da Nação, a realidade pratica do Governo reflectirá, com fidelidade, a maravilhosa organização politica da nossa terra.

O Brasil, em instituições politicas, iguala ás dos Estados Unidos, e supera a todos os demais paizes.

Em quinto lugar, a lingua. A lingua portugueza é



aquelle mesmo idioma dos *Lusiadas*, engrandecido e aprimorado por alguns seculos de cultura e bom gosto. Não é esta algaravia de calão, que nos costuma vir d'alem-mar, nem esta mescla indigena, que se apregoa, em dialecto brasileiro. E' aquelle primoroso verbo de Frei Luiz de Souza, de Camões, de Vieira, de Castilho Antonio, de Castello Branco, de Eça nas "*Cidades e as Serras*", de Gonçalves Dias, de Machado de Assis, e, sobre todos, de Ruy Barbosa. Esta é a lingua portugueza. O idioma latino era o mais nobre, o mais severo, o mais puro, e o mais bello da antiguidade. A lingua portugueza, com ligeiras modificações para melhor, se diria que é a latina mesma, como proclamava aquella Venus protectora dos lusitanos audazes. Com excepção do idioma francez, que a longa cultura apurou em transparencias, donaires e graças, e o gentil idioma da Italia eterna, com as suas harmonias e doçuras de sabor divino, o idioma vernaculo, como se fala no Brasil na voz de Bilac, é a mais perfeita e culta lingua do mundo. Nenhuma a sobreleva em vocabulario, em torneios e modismos, em propriedade e singeleza, em clareza e elegancia. Nenhuma no poder de exprimir os mais intimas estados d'alma, as tonalidades mais fugidias dos sentimentos e dos idéaes. E' mascula, energica, distincta, inconfundivel nas graças patriicias. O que lhe falta, é, apenas, o aproveitamento dos seus filões de ouro massiço. Ha confusões na sua orthographia, indecisões na sua syntaxe usual, expondo o estrangeiro, que a queira aprender, a serios tropeços. Culpa é dos que ainda ignoram ser a lingua, em cada momento historico, a tradição classica, seleccionada sob o criterio da clareza e da belleza. Aprimorada pela cultura de suas formas, enriquecida por aquisições novas, para as necessidades emergentes, o idioma lusitano attinge, sem favor, nem exagero, ás mais elevadas alturas da intelligencia e do saber.

Ainda neste aspecto, o Brasil é patria, que não inveja a nenhuma outra.

Em sexto lugar, e por fim, as aspirações nacionaes. Sonhemos este sonho de amanha: — o Brasil com cem milhões de habitantes; exploradas as riquezas inhexauriveis do seu sub-solo; aproveitadas a navegabilidade e a força



motora dos seus rios; aperfeiçoados os seus portos e bahias de incomparavel prestimo e formosura; cultivadas as suas terras feracissimas; cortado, em todas as direcções, por estradas de rodagem e vias-ferreas; desenvolvidas todas as suas industrias e commercio; sem nenhum analphabeto em todo o seu vastissimo territorio, e, em cada brasileiro, a consciencia viva do cidadão e do homem... futuro grandioso e possivel... se tivermos juizo. E' só dar tempo ao tempo, mantendo a cohesão nacional, e fomentando a natural expansão das nossas forças. Futuro grandioso, a que nenhum paiz, hoje, pode aspirar com iguaes probabilidades de exito.

Nesse dia, o Brasil, se acaso lhe fôr necessario, poderá fechar as suas fronteiras á communicação com o Universo, e dizer, com justificado orgulho: — Tenho de tudo, de nada preciso; eu sou um mundo á parte, o universo, para mim, sou eu mesmo.

(Da *Educação Civica*, a apparecer).

A. DE SAMPAIO DORIA





O COMPRADOR DE FAZENDAS

Peior fazenda que a do Espigão, nenhuma. Já arruinara tres donos, o que fazia dizer aos praguentos: Espiga é que aquillo é. O detentor ultimo, um David Moreira de Souza, arrematou-a em praça convicto de negocio da China, mas lá andava, tambem elle, escalavrado de hypothecas, coçando a cabeça n'um des-animo...

Os cafesaes em vara, anno sim anno não batidos de saraiva ou esturrados pela geada negra, nunca deram de si colheita de entupir tulha.

Os pastos ensapitados, enguanxumados, ensamambaiados nos topes, eram acampamentos de cupins com entremeio de macegas morticças, formigantes de carrapato; boi entrado ali punha-se logo de costellas a mostra, encaroçado de bernas, triste e dolorido de metter dó.

As capoeiras substitutas das mattas nativas revelavam pela indiscrição dos tabocas a mais safada das terras seccas. Em tal solo a rama bracejava a medo varetinhas nodosas; a canna

cayenna assumia aspecto de caninha, e esta virava uns taquariços magrelas que passavam incolumes por entre os cylindros moedores.

Piolhavam os cavallos. Os porcos escapos á peste enervavam na magreza pharaonica das vaccas egypcias.

Por todos os cantos imperava soberano o ferrão das saúvas dia e noite entregues á tosa dos capins para que em Outubro se toldasse o ceu de nuvens de içás em saracoteios amorosos com os senhores savitús.

Caminhos por fazer, cercas no chão, casas d'aggregados engotteiradas, combalidas de cumieira, prenunciando feias tape-ras. Até na moradia senhorial insinuava-se a breca, aluindo pannos de reboco, carcomendo assoalhos; vidraças sem vidro, mobilia capengante, paredes lagarteadas... Intacto que é que havia lá?

Dentro da esboreinada moldura o fazendeiro aveluscado por força de successivas decepções, e, a mais, roído pelo cancro voraz do premio, — sem esperança e sem concerto, coçava cem vezes ao dia o redomoinho capillar da cabeça grisalha.

Sua mulher, a pobre D. Izaura, perdido o viço do outomno, agrumava na cara quanta sarda e pé de gallinha inventam a idade de mãos dadas com a trabalhosa vida.

Zico, o filho mais velho, saira-lhes um pulha, amigo de er-guer-se ás dez, ensebar a pastinha até ás onze, e consumir o resto do dia em namoriscos mal azarados.

Afóra este malandro tinham a Zilda, então nos dezeseite, me-nina galante, porém sentimental mais do que manda a razão, e pede o socego dos paes. Era um ler Eserich, a rapariga, um scismar amores d'Hespanha...

Em tal situação só havia uma aberta: vender a fazenda mal-dita fosse lá pelo que fosse, e respirar a salvo das dividas. Era difficil, entretanto, em quadra de café a cinco mil réis pôr unhas n'um tolo das dimensões requeridas. Já levados por an-nuncios manhosos varios pretendentes abicaram ao Espigão; mas franziam todos o nariz, indo-se a arrenegar da pernada, sem abrir offerta.

— De graça é caro, diziam elles de si para consigo.

O redomoinho do Moreira a cabo de coçadelas suggeriu-lhe uma traça mystificatoria: entreverar de cahetés, cambarás,



unhas de vacca e outros padrões transplantados das visinhanças a fimbria das capoeiras, e uma ou outra entrada accessivel aos visitantes. Fel-o, o maluco, e mais: metteu um páu d'alho importado da terra roxa em certa grota. E ainda adubou os cafeeiros margeantes ao caminho, o sufficiente para encobrir a mazella dos demais. Onde um raio de sol denunciava com mais viveza um vicio da terra, ahi o alucinado velho botava a peneira...

Um dia recebeu carta do seu agente de negocios. "Voce tempere o homem, aconselhava elle, e saiba manobrar os padrões que este cae. Chama-se Pedro Trancoso, é muito rico, muito moço, muito prosa, e quer fazenda de recreio. Depende tudo de v. espigal-o com arte de barganhista ladino."

Preparou-se Moreira para a empresa. Advertiu em primeiro aos aggregados para que estivessem a postos, afiadissimos de lingua. Industriados pelo patrão estes homens sabiam responder com manha consummada ás perguntas dos visitantes, de geito a transmutar em maravilhas as ruindades locais. Os pretendentes, como lhes é suspeita a informação do proprietario, costumam interrogar a socapa os encontradiços.

All se isso acontecia, e acontecia sempre, porque era Moreira em pessoa o machinista do acaso, havia dialogos desta ordem:

- Gêa por aqui?
- Coisinha, e isso mesmo só em anno bravo.
- O feijão dá bem?
- Nossa! Inda este anno plantei cinco quartas e malhei cincoenta alqueires. E que feijão!
- E o gado? Berneia muito?
- Qual o que! Lá um ou outro carocinho, de vez em quando.
- Para criar não ha melhor. Nem herva nem feijão bravo. O patrão é porque não tem forças. Tivesse elle os meios e isto virava um fazendão!

Avisados os espoletas, discutiram-se á noite os preparativos da hospedagem, alegres todos pelo revicar das esperanças emmurhecidas.

— Estou com palpíte que desta feita a "coisa" vaie, disse o filho maroto; e declarou necessitar á sua parte de tres contos de réis para estabelecer-se.

— Estabelecer-se com que? perguntou admirado o pae.



— Com armazem de seccos e molhados na Volta Redonda.

— Na Volta Redonda! Já me estava espantando uma ideia boa nessa cabeça de vento. Para vender fiado á gente da Tudinha?

— O rapaz se não corou, calou-se; havia razões para isso.

A mulher queria casa na cidade; de ha muito trazia d'olho uma de porta e janella em certa rua, casa baratinha, d'arranjados.

Zilda, um piano, e caixões e mais caixões de Eserich.

Dormiram felizes essa noite e no dia seguinte mandaram cedo á villa buscar gulodices de hospedagem: manteiga, um queijo, biscoitos. Na manteiga houve vacillações.

— Não vale a pena, reguingou a mulher; sempre são tres mil réis. Antes me comprassem com esse dinheiro a peça de algodãozinho que tanta falta me faz.

— E' preciso, filha; ás vezes uma coisa de nada engambella um homem e facilita um negocio. Manteiga é graxa, e graxa engraxa.

Venceu a manteiga.

Emquanto não vinhos os ingredientes metteu D. Izaura unbas á casa, varrendo, espanando e arrumando o quarto de hospedes; matou o menos magro dos frangos e uma leitõa manquitola, temperou a massa do pastel de palmito e estava a folheal-a, quando,

— Evem elle! gritou Moreira da janella, onde se postára, desde cedo, muito nervoso, a devassar a estrada por um velho binoculo; e sem deixar o posto de observação, transmittia á occupadissima esposa os pormenores divisados...

— E' moço... Bem trajado... Chapeu panamá... Parece o Chico Canhambora...

Chegou afinal o homem, apeou-se, deu cartão: Pedro Trancoso de Carvalhaes Fagundes. Bem apessoado. Ares de muito dinheiro. Mocetão e bem falante mais que quantos, até aquella data, apearam ali.

Contou logo mil cousas, com o desembaraço de quem no mundo está de pijama como em casa sua, — a viagem, os incidentes, um mico que vira pendurado n'um galho d'embaúva. Entraram para a saleta de espera, e Zico, incontinentemente, grudou-se d'ouvido ao buraco da fechadura, d'onde cochichava ás mu-



lheres occupadas na arrumação da mesa o que ia pilhando da conversa. Subito, esganiçou para a irmã n'uma careta suggestiva:

— E' solteiro, Zilda!

A menina largou disfarçadamente os talheres, e sumiu-se. Meia hora depois reapareceu, trazendo o melhor vestido, e no rosto duas redondinhas rosas de carmin. Quem a ess'hora penetrasse no oratorio da fazenda notaria nas rosas de papel de seda vermelho que enfeitava o S. Antonio a ausencia de varias petalas... e aos seus pés uma vellinha acesa.

Na roça o *rouge* e o casamento saem do oratorio.

Trancoso dissertava sobre os mais variados themes agricolas.

— O canastrão? Pff! Raça tardia, muito agreste. Eu sou pelo Paland Chine. Tambem não é máo o Large Black. Mas o Poland! que preciosidade! que raça!

Moreira, chucro na materia, e só conhecedor das pelhancas famintas, sem nome nem raça, que lhe grunhiam em roda á casa, abria insensivelmente a bocca pasmada.

— Como em materia de pecuaria bovina, continuava Trancoso, tenho para mim que andam todos, de Barretto a Prado, erradissimos. Nem selecção, nem cruzamento. Quero a adopção immediata das mais finas raças, o Polled Angus, o Red Lincoln. Não temos pastos! Façamol-os. Plantemos alfafa. Fene-mos. Ensilomos. O Assis confessou-me uma vez...

O Assis! Aquelle homem confessava os mais altos paredros de agricultura! Era intimo de todos elles, o Prado, o Barreto, o Cotrim... E de ministros! "Eu já alleguei isso ao Bezerra..."

Nunca a fazenda se honrara com cavalheiro mais distincto, assim bem relacionado e tão viajado.

Falava da Argentina e de Chicago como quem veiu hontem de lá. Maravilhoso! A bocca de Moreira abria, abria, e accusava o grão maximo da abertura permittida a angulos maxillares, quando uma vozinha feminina annunciou o almoço.

Apresentações. Mereceu Zilda louvores nunca sonhados, que a puzeram de coração aos pinotes. Tambem os teve a galinha ensopada, o títu' com torresmos, o pastel e até a agua do póte.



— Na cidade, senhor Moreira, uma agua assim pura, crystallina, absolutamente potavel, vale o melhor dos vinhos. Felizes os que podem bebel-a!

A familia entreolhou-se: nunca imaginaram possuir em casa semelhante preciosidade, e insensivelmente sorveu cada um o seu golé, como se naquelle momento travassem conhecimento com o precioso nectar. Zico chegou a estalar a lingua.

Quem não cabia em si de gozo era a D. Izaura. Os elogios á sua culinaria puzeram a boa senhora reudida; por metade d'aquillo já se daria por bem paga da trabalhadeira.

— Aprende, Zico, cochichava ella ao filho, o que é educação fina. Isto é que é ser gente!

Após o café, brindado com um — delicioso! — convidou Moreira o moço para um gyro a cavallo.

— Impossivel, meu caro, não monto em seguida ás refeições: dá-me cephalalgia.

Zilda coron. Zilda corava sempre que não entendia uma palavra.

— A' tarde sairemos, não tenho pressa. Prefiro agora um passeiosinho pedestre pelo pomar, a bem do chylo.

Emquanto os dois homens, em pausados passos, para lá se dirigiam, Zilda e Zico correram ao dicionario.

— Não é com S!, disse o rapaz.

— Veja com C., alvitrou a menina.

Com algum trabalho encontraram a palavra.

— Dor de cabeça! Ora! ora! Uma coisa tão simples...

A tarde, no gyro a cavallo, Trancoso admirou e louvou tudo quanto lhe passou pelos olhos, com grande espanto do fazendeiro, que pela primeira vez ouvia elogios ás cousas suas.

Os pretendentes, em geral, malsinam de tudo, com olhos abertos só para os defeitos; diante duma barroca abrem-se em exclamações sobre o perigo das terras frouxas; acham más e poucas as aguas; se enxergam um boi não despegam a vista dos bernes. Trancoso, não. Gabava! Quando Moreira nos trechos mystificados apontou os padrões, o moço embasbacou.



— Caquéra! Mas isto é raro!

Em face do pau d'alho culminou-lhe o assombro.

— E' maravilhoso o que vejo! Nunca supuz encontrar nesta zona vestígios de semelhante arvore! — disse mettendo na carteira uma folha como lembrança.

Em casa abriu-se para com a velha.

— Pois, minha senhora, a qualidade destas terras exceden de muito á minha expectativa. Até pau d'alho! Isto é positivamente famoso!

D. Izaura baixou os olhos.

A scena passava-se na varanda: Era noite, noite trilada de grillos, coxada de sapos, com muitas estrellas no ceu e muita paz na terra. Trancoso refestelado n'uma preguiçosa, transfez o sopor da digestão em quebreira poetica.

— Este cri-cri de grillos, como é encantador! Eu adoro as noites estrelladas, o bucolico viver campesino, tão sadio e feliz!...

— Mas é muito triste, aventurou Zilda.

— Acha? Gosta mais do canto estridente da cigarra em pleno sol? disse elle amelaçando a voz; — é que no seu co-raçõesinho ha qualquer nuvem a sombreal-o.

Vendo Moreira assim atiçado o sentimentalismo, e desta feita passivel de consequencias matrimoniaes, houve por bem dar uma pancada na testa e berrar: "Oh, diabo! não é que me ia esquecendo do..." Não disse do que, nem era preciso. Saiu precipitadamente deixando-os sós.

Continuou o dialogo, mais mel e rosas.

— O senhor é um poeta! exclamou Zilda a um regorgeo dos mais sucados.

— Quem o não é, debaixo das estrellas do ceu, ao lado d'uma estrella da terra?

— Pobre de mim! suspirou a menina palpitante.

Tambem do peito de Trancoso subiu um suspiro. Seus olhos alçaram-se a um cirro que fazia no ceu as vezes da Via-Lactea, e sua bocca murmurou em soliloquio, um "postal" desses que derrubam meninas:

— O amor!... A via-lactea da vida!... O aroma das ro-



sas, a gaze da aurora!... Amar, ouvir estrellas, ... Amai, pois só quem ama entende o que ellas dizem!

Era zurrapa de contrabando; não obstante ao paladar inexperto da menina soube a *Lacryma-Christi*. Ella sentiu subir á cabeça um vapor. Quiz retribuir. Deu busca nos ramilhetes rhetoricos da memoria em cata da flor mais bella. Só achou um bogari:

— Lindo pensamento para um album! disse. Pararam no bogari; o café com bolinhos de frigideira veio interromper o idyllio nascente.

Que noite aquella! Dir-se-ia que o anjo da Felicidade distendera suas azas consteladas por sobre a casa triste. Zilda via realizar-se todo o *Escrich* deglutido. D. Izaura gozava-se da possibilidade de casar-a rica. Moreira sonhava quitações de dividas com sobras fartas a tilintar-lhe no bolso. E Zico, transfeito imaginariamente em commerciante, fiou, a noite inteira, em sonhos, á gente de Tudinha, que afinal, captiva de tanta gentileza, lhe concedia a menina.

Só Trancoso dormiu o somno das pedras, sem sonhos nem pesadelos. Que bom é ser rico!

No dia immediato visitou o resto da fazenda, cafesaes e pastos, examinou criação e bemfeitorias; e como o gentil mancebo continuasse no enlevo, Moreira, deliberado na vespera a pedir 40 contos pela Espiga, julgou de bom aviso elevar o preço. Após a scena do páu d'alho suspendeu-o mentalmente para 45; findo o exame do gado pulou para 50; de volta do cafesal firmou-se em 60. E assim, quando foi abordada a magna questão, o velho disse corajosamente, na voz firme de um *alea jacta*:

— Sessenta... e cinco, e esperou de pé atraz a ventania.

Trancoso, porém, achou razoavel o preço.

— Pois não é caro, disse, está um preço mais moderado do que eu suppuz.

O velho mordeu os beiços e tentou emendar a mão.

— Sessenta e cinco, sim, mas... o gado fóra...

— E' justo, respondeu Trancoso.

— ...e fóra tambem os porcos...

— Perfeitamente.

— ...e a mobillia.

— E' natural.

O fazendeiro engasgou: não tinha mais que excluir; confessou-se lá de si para consigo que era uma cavalgada: porque não pediu logo oitenta?

A mulher, informada do caso, chamou-lhe sarambé e paz-vobis.

— Mas creatura, por 40 já era um negócio!

— Por 80 seria o dobro melhor. Não se defenda. Eu nunca vi Moreira que não fosse palerma e sarambé. E' do sangue. Você não tem culpa.

Amãaram um bocado, mas a ancia de architectar castellos com a imprevista dinheirama, varreu logo a nuvem.

Zico aproveitou a aura para insistir nos tres contos do estabelecimento, e obteve-os.

D. Izaura desistiu da tal casinha. Lembrava agora uma outra, maior, em rua de procissão, a casa do Eusebio Leite.

— Mas essa é de 12 contos, advertiu o marido.

— Mas é outra cousa do que não é aquelle casebre. Muito bem repartida. Só não gosto da alcova pegada á copa; muito escura...

— Abre-se uma claraboia.

— Tambem o quintal precisa de reforma; em vez do cercado de gallinhas...

Até noite alta, enquanto não vinha o somno, foram remendando a casa, pintando-a, transformando-a na mais deliciosa vivenda da cidade. Estava o casal nos ultimos retoques, dorme-não-dorme, quando Zico bateu á porta.

— Tres contos não bastam, meu pae; são precisos cinco. Ha a armação de que não me lembrei, e os direitos, e o aluguel da casa, e mais coisinhas...

O pae concedeu generosamente seis entre dois bocejos.

E Zilda? Essa vogava em alto mar d'um romance de fadas. Deixemol-a vogar.

Chegou finalmente o dia de ir-se o amavel pretendente. Tran-coso despediu-se. Sentia muito não poder prolongar a deliciosa estadia, mas interesses de monta chamavam-no. A vida do capitalista não é folgada como parece... Quanto ao negocio considerava-o quasi feito; daria a palavra definitiva dentro de semana.



Partiu Trancoso, levando um pacote de ovos — gostára muito da raça de gallinhas criada ali; e um saquito de carás — petisco de que era mui guloso.

Levou ainda uma bonita lembrança: o rosillo do Moreira, o melhor cavallo da fazenda. Tanto gabara o animal durante os passeios que se viu o fazendeiro na obrigação de recusar uma barganha proposta, e dar-lh'o de presente.

— Vejam voces, disse Moreira resumindo a opinião geral: moço, riquissimo, direitão, instruido como um doutor, e, no entanto, amavel, gentil, incapaz de torcer o nariz como os pulhas que cá tem vindo! O que é ser gente!

A' velha agradava sobretudo aquella semcerimonia. Levar ovos e carás! Que mimo! Todos concordaram, louvando-o cada um ao seu modo. E assim, mesmo ausente, o gentil riciaço preoccupou a casa durante a semana. Mas a semana transcorreu sem que viesse a resposta ambicionada. E mais outra. E outra ainda. Escreveu-lhe Moreira, já apprehensivo. Nada. Lembrou-se, d'um amigo, morador da mesma cidade, e endereçou-lhe carta pedindo que obtivesse do capitalista a solução definitiva; quanto ao preço abatia alguma coisa, dava a fazenda por 55, por 50 e até por 40, com criação e mobilia.

O amigo respondeu sem demora. Ao rasgar do envelope os quatro corações da Espiga pulsaram violentos: aquelle papel encerrava o destino de todos os quatro. Dizia a carta: "Caro Moreira. Ou muito me engano ou estás illudido. Não ha aqui nenhum Trancoso Carvalhaes capitalista. Ha o Trancosinho, filho de Nha Veva, vulgo Sacatrapo. E' um espertalhão que vive de barganhas e sabe illudir aos que o não conhecem. Ultimamente tem corrido o Estado de Minas, de fazenda em fazenda, sob varios pretextos. Finge-se as vezes de comprador, passa uma semana em casa do fazendeiro, a caceteal-o, em passeios pelas roças, e exames de divisas, come e bebe do bom, namora as criadas, ou a filha, ou o que encontra, e no melhor da festa raspa-se. Tem feito isto um cento de vezes, variando sempre de zona. Gosta de variar de tempero, o patife. Como aqui Trancoso só ha este, deixo de apresentar ao pulha a tua proposta. Ora o Sacatrapo a comprar fazenda!"

Moreira cahiu numa cadeira, aparvalhado, com a carta na mão. Depois o sangue lhe avermelhou as faces e os olhos chisparam.

— Cachorro!

As quatro esperanças da casa ruíram com fragor, entre lágrimas da menina, raiva da velha e colera dos homens. Zico propoz-se a partir incontinentemente na piugada do biltre afim de quebrar-lhe a cara.

— Deixa, menino. O mundo dá voltas. Um dia cruzo-me com o ladrão e justo contas.

Pobres castellos! Nada ha ahí mais triste que estes repentinos desmoronamentos de illusões. Os formosos palacios d'Hespanha erigidos durante um mez, á custa da mirifica dinheirama, fizeram-se taperas sombrias, como nas magicas. D. Izaura chorou os bolinhos, a manteiga, os frangos. Quanto á Zilda o desastre operou como pé de vento atravez de paineira florida. Caiu de cama, febril. Encovaram-se-lhe as faces.

Todas as passagens tragicas dos romances lidos desfilaram-lhe na memoria; reviu-se na victima de todas ellas. Pensou dias a fio no suicidio. Por fim habituou-se com a ideia e continuou a viver. Teve azo de verificar que isto de morrer d'amores só no Escrich.

Acaba-se aqui a historia — para a platéa; para as galerias segue inda por meio palmo. As platéas costumam impar umas taes finuras de bom gosto e tom muito de rir; entram no theatro depois de começada a peça, e saem mal as ameaça o Epilogo. Já as galerias querem a coisa pelo comprido, a geito de aproveitar o dinheirinho até ao derradeiro real. Nos romances e contos pedem esmiuçamento completo do enredo, e se o autor, levado por formulas de escola, arruma-lhes para cima, no melhor da festa, uma caudinha reticenciada, a que chamam nota impressionista, franzem o nariz. Querem saber, e fazem muito bem, se Fulano morreu, se a menina casou e foi feliz, se o homem afinal vendeu a fazenda, a quem, e por quanto.

Sã, humana, e respeitabilissima curiosidade!

— Vendeu a fazenda o pobre Moreira?

Peza-me confessional-o: não! E não vendeu por artes do mais estranho, absurdo, inconcebível e fantastico de quantos qui-pró-quos tem armado neste mundo o diabo — sim, porque



afóra o tinhoso quem é capaz de intrincar os fios da meada, com laços e nós cegos, justamente quando vae a feliz remate o croché?

O acaso deu a Trancoso uma sorte de cincoenta contos na loteria. Não se riam. Porque motivo não havia Trancoso de ser o escolhido, se a sorte é cega e elle trazia no bolso um bilhete? Ganhou os 50 contos, dinheiro para um pé-atraz d'aquella marca significativo de grande riqueza.

De posse da maquia, após os dias de tonteira, deliberou afa-zendar-se. Queria tapar a bocca ao povo realisando uma cousa que jamais lhe passara pela cabeça: comprar fazenda.

Correu em revista quantas visitara nos annos de malandragem, propendendo afinal para a Espiga. Ia nisso sobretudo a lembrança da menina, dos bolinhos da velha, e a ideia de metter na administração ao sogro, de geito a lhe folgar uma vida de regalos, embalada pelo amor da Zilda e os requintes culinarios da sogra.

Escreveu pois ao Moreira annunciando a sua volta afim de fecharem o negocio.

Ai! Quando tal carta penetrou na Espiga houve rugidos de colera entremeiados de bufos de vingança.

— E' agora! disse o velho. O ladrão gostou da pandega e quer repetir a dose, mas desta vez curo-lhe a balda, ora se! — concluiu esfregando as mãos no antegoço do despique.

No murcho coração da pallida Zilda bateu um relampago de esperança; a noite de su'alma alvorejou ao luar de um "Quem sabe?" Não se atreveu, todavia, a arrostar a colera do pae e do irmão, concertados n'um tremendo ajuste de contas. Confiou no milagre. Accendeu outra vellinha ao Sto. Antonio.

O grande dia chegou. Trancoso rompeu pela fazenda caracolando o Rosilho. Desceu Moreira a esperal-o em baixo, de mãos ás costas. Antes de soffrear as redeas já o amaval patife abriu-se em exclamações.

— Ora viva, caro Moreira! Chegou enfim o dia do negocio. Desta feita compro-lhe a fazenda.

Moreira tremia. Esperou que o biltre apeasse, e mal Trançoso, lançando as redeas, dirigiu-se-lhe de braços abertos, todo risos, o velho saca de sob o jaleco um rabo de tatu' e rompe-lhe para cima com impeto de queixada.

— Queres fazenda, grandessissimo tranca! toma, toma fazenda, ladrão! — e *lepte, lepte*, finca-lhe rijas rabadas coletricas.

O pobre rapaz, tonteado pelo imprevisto da aggressão, corre ao cavallo e monta ás cegas, de passo que o Zico, avançando com um grande relho lhe sacode no lombo nova serie de lambadas de aggravadissimo ex-cunhado.

D. Izaura atíça-lhe cães:

— Pega, Brinquinho! Ferra, Joli!

O mal azarado comprador de fazenda, acuado como raposa em terreiro, dá de esporas e foge a toda, sob um chuveiro de insultos e pedras. Ao cruzar a porteira inda teve ouvidos para distinguir dentro da grita os desaforos esganiçados da velha:

— Comedor de bolinhos! Papa-manteiga! Toma, que em outra não has de cair, ladrão de ovo e cará!

Atraz da vidraça com os olhos pisados do muito chorar, a triste menina viu desaparecer para sempre, envolto em nuvens de pó, o cavalleiro gentil dos seus dourados sonhos.

Moreira, o caipora, perdia, assim, naquelle dia, os dois únicos negocios bons que durante a vida lhe deparara a Fortuna: o duplo descarte da filha, e da Espiga...

MONTEIRO LOBATO



FLÔR DO CAMPO (*)

NARRATIVA

PRIMEIRA PARTE

XVIII

E ia passando o tempo socegado,
Té que uma tarde — era a primeira vez
Que Flavio e Laura frente a frente um do outro
Viam-se a sós. Laura esperava-o sempre,
Ao portão do jardim, junto de Alice;
E a presença de Alice desatava
O embaraço da espera e da entrevista.
E ou fosse a ausente usada companhia,
Ou a nova expressão dos olhos d'ella
De timidez inquieta e quasi ousada,
Um quer que fosse extranho e não receiro,
Flavio sentiu o coração mais rápido.
E as mãos dos dois juntando-se tremiam
— “Sabe? disse ella — e a sua voz echoava
O alvoroço contido da palavra —
Alice vai-se embora esta semana.”
E fechou de repente o olhar no delle,
Que se deixava estar como esquecido
Sob o effluvio da luz do rosto della.
Então ao alvoroço da pergunta
Sucedeu doce espanto de sorpresa
Que lhe aflorou nos labios um sorriso,
E fez bater-lhe as palpebras na rapida
Agitação com que da luz protegem
Encandeados olhos. Flavio olhava-a
E ella, ou porque não lhe bastasse tudo,

(*) V. n. 26 da Revista do Brasil.



Ou só por goeto de fallar ainda
 Por disfarçar a commoção alegre,
 Ou remorso do proprio pensamento,
 Fallou de Alice: — "Vou sentir saudade:
 Quem deixará de ter saudades della?
 Não acha?" — "Certo; é tão gentil e boa;
 Quem não terá saudades? Faz-nos falta
 Para os nossos passelos." — "Só por isso
 (E mal continha o puro egoismo della
 O prazer de contente) Só por isso?
 Pois eu suppunha... (E o riso d'alma, subito
 Na bocca se abroihou em reticencia,
 E nos olhos, em tenue luz de scisma,
 Velado inda da sombra de um receio
 Passado embora)... é que eu suppunha que...
 Tinha a certeza que, partindo Alice,
 Eu ficaria só."

Olhos fechados

Um momento, reabriu-os fitos nelle.
 Que palavras, que juras valeriam
 A expressão de verdade irradiante
 Que a alma de Flavio trouxe á flor do rosto,
 E era como a oração muda de um crente?
 Olharam-se um ao outro olhos nos olhos;
 E Flavio, por vencer o enlelo, disse:
 — "De hoje em diante somos Laura e Flavio.
 Diga-me: Flavio" — E ella sorrindo, a custo,
 Quasi em sussurro, como um beijo escapo,
 Tirou do intimo d'alma o nome: Flavio...
 E a alma com o nome velu aos labios d'ella,
 E abriu-se-lhe em rubores pelas faces.
 — "Netvos não fazem cerimonia, Laura,
 São como irmãos, mais do que irmãos;... mas olhe
 Só para nós; deante toda gente
 Vamoe ser doutor Flavio, dona Laura."

XIX

Gota de orvalho, que na espalma folha
 Do mais alto de uma arvore se engasta,
 Enquanto a não distilla o sol que sobe,
 Reluz e espelha na opalina curva
 A esplendida expansão azul do estfo,
 E no ambito minuscule de um plngo



Envolve um mundo de harmonia e graça
E forma e força e luz e movimento.
Tal a vida feliz de Flavio e Laura.
Num cantinho da terra, longos dias
Morou contentamento doce e puro,
Que reflectia todo o bem do mundo,
Ignorado de todo o mundo emtanto.

XX

Foi quando o fazendeiro, pai de Laura,
Voltando ao arraial, conheceu Flavio.
Simple roceiro que era, de alma aberta,
Com seus olhos de pai, viu-lhes o affecto,
E descansou no moço o olhar contente.
E retornando então para a fazenda,
Foi a familia, e acompanhou-a Flavio,
Mais do que mero convidado hospede,
Tacito noivo para os pais de Laura.
Tacito só para elles, pois, que expresso
Era-o já entre os labios namorados,
Entre os olhos accessos, em sorrisos,
Em palavras, em raios luminosos,
Em beijos innocentes, que se abriam
Como as aves por si abrem as azas,
Mal que as revestem pennas para o vôo.

XXI

Fazenda antiga, surta em plena mata,
De costumes roceiros primitivos,
Como a saudou alegre o olhar de Flavio!
Dir-se-ia que era o berço a que volvêra,
Tão bem quadrava essa paysagem rustica
A' vida e ao sonho d'elle. A ingenuidade
Da gente e do logar lhe desvestia
A alma de tanta sobreposta imagem
Que interceptava o natural sentido.
Fazia-se menino a pouco e pouco;
O espirito folgava-lhe traveso,
Como um collegial que volta em ferias
A' expansão livre do nativo campo.

Laura, também lhe parecia agora
 Mais engraçada e mais perfeita. A graça,
 A vida, a perfeição, a formosura
 De um beija-flor só as revela o vôo.
 Inquieto, arisco, rápido, em sussurro,
 No prado livre. A borboleta esplende
 Em todo o encanto do Irlis da aza florea
 No lento, balouçado e fofo adejo
 Que espelha a luz do sol em chamalote.
 Também a flor silvestre, linda e gracil
 Não lhe sentirás a beleza viva
 No acanhamento de um jardim factício;
 Mas na larga extensão de monte ou valle,
 Que outra flor de cultivo a sobrepuja
 Em graça e côr? e até no mesmo aroma,
 Que, imperceptível no arrancado calix,
 Na molta agreste forma todo o ambiente,
 Com o fino pollen de ouro que inebria
 Myriades de insectos voadores;
 E nas noites de lua a flor silvestre
 Dá impressão de ter perfume o luar.

A flor silvestre da fazenda antiga,
 A borboleta livre em seu desejo,
 O sussurrante beija-flor em vôo,
 Era Laura revinda no ar agreste,
 No seu simples vestido campestino,
 Calix harmonioso em que exhalava
 Beleza, luz e força da alma e corpo.
 Era allí como deusa vinda á terra,
 Esquecida da própria divindade;
 E Flavio, o homem tocado de uma deusa,
 E espantado de haver deusas tão simples.

XXII

Deusa e homem... Creanças é que eram.
 Ell-os ahí vão á cata das fructeiras
 Pelo extenso pomar. Abril passara
 Sem chuva, e dera o dom da safra nova
 Dos cambucás. Do glabro tronco aos galhoes
 Mais esguios, mais altos, em borbulha,
 Salta subíto o fructo; a seiva farta



Corre apressada em flor, agraço e o pomo
Entre a ramada verde, Laura e Flavio
Espreitam, contam, de olhos soerguidos,
Tantas, tão altas, tão vermelhas... Flavio
De um salto de flexão á arvore sobe,
E como um agil gato, cauteloso
De não pisar á toa, corre os ramos;
E Laura embaixo a leve saia encopa
Onde um a um os cambucás se empilham
Dos que não saltam sobre o solo e estalam...
Que pena! tanta fructa que se perde!
Quer apanhal-as Laura: olhos reparte
Entre as que pulam rebentando a polpa
No chão e as outras que já Flavio atira,
Alvejando-lhe o cafo do vestido;
Mas desconcerta o movimento mutuo,
Não raro attinge a cabecinha amada
Esta e outra fructa. "Al Flavio!" e Laura ri-se,
Ri-se e ao peso das fructas que arregaça,
Solta um momento a mão: estala o riso;
Toda a carga das fructas se derrama,
E ella, entre o espanto e o riso irresoluta,
Antes que volva a recolhel-as, Flavio
Ao lado della já lhe envolve a cinta;
E rindo os dois, sentados alli mesmo,
A saborosa rubra polpa sorvem;
Sorvem alegres e gulosamente
Os cambucás, e ás vezes, entre as fructas,
De bocca a bocca um beijo passa e vóa.

XXIII

Amor é companheiro ingenuo e facil:
Nunca a invenção lhe falta com que teça
As traças do prazer. E horas e dias
Do compasso monotono do tempo
Fazem um rythmo vario de surpresa,
Como se a vida apenas começasse.
Flavio e Laura, que importa para elles
A passagem do tempo, ou qual o tempo?
Ha sempre aurora, e é sempre azul o espaço;
Que o espaço, o mundo todo se illumina
Da grande luz interior que os leva
E os corações em sonho lhes conjuga.

Em passeio na terra e no infinito.
 Nem elles já distinguem terra e espaço.
 Senão que a terra é um piso para o vôo;
 E vão como dois passaros voando
 Aqui e allí...

E tudo elles percorrem

Pela velha fazenda. Entre as lavouras,
 Pelos canaviaes que além ondulam,
 Mar verde-claro sobre o escuro valle,
 Perlongando a inflexão do lento rio.
 E acima, pelo cafetal que ascende
 Enfileirado ao tope das montanhas,
 Transpondo grotas, coroando os morros.

Por onde os leve a phantasia, o acaso
 De uma trilha, o capricho do passeio,
 Elles lá vão, o par enamorado,
 Curiosos de tudo, e achando em tudo
 O gosto de exercer o movimento
 E a vida que os communga á natureza.

Laura é uma dextra cavalleira ousada,
 E tem garbo em montar. Flavio lhe admira
 A graça e o porte e a facil segurança
 Com que domina o seu cavallo inquieto.
 E é tão singelo o traço seu caseiro!
 Toaco chapéo de palha de abas grandes,
 Dps que os roceiros usam; mas um gesto
 No encurvar da aba e uma enlaçada fita
 Transformaram-lhe aquella rude palha
 No mais gentil sombreiro de amazons.
 A saia, curta embora, Laura ajusta-a
 De tal maneira á sella, que não teme
 Nas arrancadas do galope ao vento
 A indiscreção do vento: o que se mostra
 Da perna esbelta não lhe dá cuidado,
 Nem vale o seu rubor, se sorprehende
 O olhar amante que lhe beija a curva.

XXIV

Beijos é do que Flavio não se farta.
 E' um beijo cada olhar com que elle envolve

O lindo vulto amado. E os lábios fremem
 Empós dos olhos, e andam vigilantes,
 A' espreita do momento aeado. Subito,
 Onde outros olhos já não passam vel-os,
 Ao fim de uma corrida porfiada,
 Em que Flavio é o vencido voluntario,
 Mal que a alcança e os cavallos se fianqueiam,
 Flavio distende o braço e afflora a bocca
 E emquanto a cinta abarca, esvoaça o beijo,
 Penhor que dá contente á vencedora,
 Ou elle toma por feliz vencido.
 E num momento os dois, lábios nos lábios,
 Ficam como dois passaros que em vôo,
 No relance do encontro, amor conversam

XXV

Mas eis vozes extranhas... Os cavallos
 Arrancam fustigados a galope.
 Ouvido á escuta, os dois a sombra espiam
 E a direcção do vento. A voz resoa.
 E Flavio e Laura riem-se do susto.
 Era somente o grito compaseado
 Dos bemtevis da matta em chusma alerta.
 Bemtevi... bemtevi... Quem não se illude
 Por muito que frequente o campo e as mattas,
 Quem não se illude, quando vae absorto,
 E o canto requebrado o sorprehende,
 Com timbre e rhythmico de uma voz humana?
 Bemtevi... bemtevi... Passado o susto
 Riam-se os dois; mas já na sombra havia
 Olhos á espreita, e ouvidos affitados...

E volviam attentos aos rumores,
 Que o vento leva no roçar dos ramos;
 E escutavam as vozes indistinctas,
 Que tecem a surdina da floresta.
 E a pouco e pouco o fluido inebriante
 Do ambiente da matta adormecia-lhes
 O intimo sentido que discerne
 Pessoa de pessoa.

Como as gotas

De agua que cae num lago, e como as aguas
 De um lago se confundem nas do um rio,



E como um rio na água se confunde
Do largo mar; assim sob a floresta
A consciencia individual se escoa
Na magica fusão da natureza,
Que opera em toda a força primitiva,
Plasmando a vida...

Dentro da floresta

Ha um concavo silencio subterraneo
Em que o rumor ondula de echo em echo,
E o homem penetra a passo e passo ao fundo
Mysterio que trabalha a natureza,
Oprime a magnitude que se expande
Na nascente da vida. O homem se apouca
Na sensação da tumultuosa calma;
E se annulla e se absorve incorporado
No todo immenso, como um tenue atomo,
E a alma lhe paira sobre o esvaimento,
Como o fumo que sobe de uma pyra,
Como a nevoa sobre a agua que evapora.

XXVI

Mas como esplende a luz do sol que ao termo
Da floresta devolve a alma evolada
Ao ser, confuso em atomo no todo!
E' a sensação perfeita, alegre e extreme,
Da vida que retoma e anima a forma;
E o corpo ao gozo de sentir-se, espasma.
A luz desce, circumda e flue macia
Como um banho de ervalho na alvorada.
Laura e Flavio sorriram-se transpondo
O limiar da matta para a aberta
Do descampado em luz. Vinham de um sonho;
E no alvoroço da alma despertada,
Aos cavallos refeltos deram redeas,
Galopando na estrada larga e longa...
E era como essa estrada larga e longa
Que aos olhos limpos lhe surgia a vida.

XXVII

Mas não só ao ar livre se aprazia
Flavio no gosto do viver rocelro.
No velho casarão rural da Estiva,

Desatavam-se as horas multiformes.
 Igual de dia a dia em singeleza
 A vida alli, dava-lhe a só presença
 De Laura, como o sol cambia as nuvens,
 Todos os tons de variedade e graça.
 Madrugador como um roceiro activo,
 Flavio esperava o sol para saudal-o,
 Ao poial da janella do seu quarto.
 Abría essa janella sobre a horta,
 E apos a cerca da horta era a mangueira,
 Onde as vaccas leiteiras anoltavam.
 Era no amanhecer um côro lento
 Do mugido das crias e das vaccas,
 Que o ordenhador juntava e separava.
 Nos grandes tarros esgufchava o leite
 Branco e cheiroso; e Flavio na janella
 Com ponco o copo sen recebe, calido
 Do liquido que chia em alva espuma,
 E o leite sabe a suave aroma agreste.
 A esse tempo já o som Flavio escutava
 Entre tantos que o sol no campo accorda,
 O claro e fresco som da cachoeira,
 Que o chama ao banho.

Em derredor erguidas

Bastas touceiras de bambú resguardam
 A ampla bacia, recavada em rocha
 Ao golpe impetuoso da agua em salto.
 A agua escachoa de uma pedra a pique
 E a alva curva parece que suspende
 Até que ao proprio peso se desmancha
 Numa explosão de espumas, Corpo ao vento,
 Livre de peias e de vestes, Flavio
 Sentia na agua entrar-lhe pelos poros
 A energia da vida em movimento.
 E a alma tambem sentia que lhe vinha
 A' flor da pelle nua renovar-se
 Na fria, doce e cristallina essencia
 De pureza, de força e de alegria.

XXVIII

E refeito e contente, Flavio aguarda
 Em frente ao vasto casarão da Estiva,
 Que o matutino sol suba e entreabra

Certa janella que retarda sempre.
 Tardia ao que parece; matutina.
 Com a luz primeira, ella tambem aguarda
 Entrefechada, á espreita, o sol de fóra.
 Abrem-se enfim os dois batentes verdes.
 Bom dia! a um tempo dizem, sem palavras
 Olhos e labios, num sorriso e um beijo,
 Que no ar se cruzam rapidos voando.

O bom dia em palavra é já na sala.
 Quando a familia á mesa se reúne
 Para o café. "Bom dia, D. Laura."
 "Bom dia, dr. Flavio" A mesa ostenta,
 O que é costume antigo na fazenda,
 Variados pratos, fartos e recentes
 De biscotos e bolos. Saboreia-os
 Flavio, que os gosta, e sabe quantos d'elles
 Foram feitos das finas mãos de Laura.
 Que ella é doceira e quituteira eximia,
 E disso tem prazer sem ter validade,
 Como exercicio de dever futuro
 De uma dona de casa. As mães antigas,
 E ainda as mães roceiras, educavam
 Ao proprio exemplo as filhas para espoas,
 Para o mister domestico. A de Laura
 Folgava de rever-se inteira nella.
 Não saberia Laura os ademanos
 Das moças de salão; talvez bisonha
 Não ousasse ensaiar garbosos passos
 Ou requiebro gentio de contradanza.
 Mas o espontaneo senhoril donaire,
 A viva faceirice descuidada,
 O ar serio de quem pensa e ao mesmo tempo
 O ar de quem faz já sem pensar as cousas,
 Em summa a graça honesta, a feiticeira
 Desenvoltura natural, discreta
 De movimentos, gestos e palavras;
 Que moça há hí que não quizesse tel-os,
 Moça embora elegante da cidade!
 E não sentira inveja por ventura,
 Sob o influxo da ingenua paysagem,
 Vendo a moça gentil, ingenua e linda,
 No seu trabalho, natural, contente,
 Como a formiga opera, como a abelha
 No seu cortiço!



A' porta da cozinha,

Onde os tachos de doce se enfileiram,
No alvoriço das servas que trabalham,
Ao bate-bate liquido das massas
Nas sonoras gamellas, surge às vezes,
Como um ralo de sol dentro da sombra,
O alvo vulto de Laura. Arregaçadas
As mangas do vestido, a sala presa
Sob o branco avental, Laura inspeciona
O trabalho das servas ajudantes.
Não se pejam os finos dedos brancos
Da pegajosa massa em que se enfiagam;
Que só ella a virtude sabe e imprime
A'quella mescla informe, que com pouco
No quente bafo do fogão de argilla
Sobre as longas bandejas entumece
E aloura e exala o doce e vivo cheiro.
E ella, a doceira por dever de officio,
Da bandeja que a serva lhe apresenta,
A' luz da porta aberta sobe o pateo
O aspecto e o gosto da feltura prova.
Prova-o cuidadosa, e o olhar que acaso estende
Ao pateo afora, encontra a contemplal-a
Flavio. Inquieta-se a moça sorprendida.
Faz gesto de esconder-se, apenas gesto.
E logo o rosto aberto em luz e riso
Acena ao moço, chama-o, e sem palavra
De um dos pratos cheirosos dá-lhe a prova
Que os dedos della aos labios delle levam;
E de repente some-se, deixando
O ruído afflado de azas arrancadas.

XXIX

Nas horas de serão Flavio preside.
Em torno á mesa de jantar, conjuga-se
A attenção da familia na pausada
Costumeira palestra. E' a trama velha
Em que se tece e alastra, na urdidura
Dos accidentes triviaes da casa,
O gosto e a força do intimo convívio.
Aos ouvidos extranhos fóra insípido
Esse quotidiano passatempo;
Mas, a ouvidos amigos, a monotona



Musica, feita na toada simples,
Sobre os mesmos singelos instrumentos,
Forma a harmonia que entrelaça e aperta
Os corações unidos em jornada.

Flavio já lhes sentia a intima graça
A'quelles nadas do viver caseiro;
E era já socio alegre na palestra...
Mas a palestra era allí só o introito
Do praxer do serão, como o cochicho
De auditorio que espera. Allí, na roca
Doutor valia um titulo de sabio,
E Flavio, alem de ser doutor de estudo,
Viera da Côrte. Embaixador de Roma,
Em longe e antigo povo submettido,
Não houvera o prestigio fascinante,
Com que aos labios do moço ee prendia
Enlevado, admirado, mudo, absorto,
Esse ingenuo auditorio.

O tibia luno

Da lampada suspensa ao tecto, espalha-se
Na vasta mesa, á volta circumscripto
Pela penumbra em zonas recrecentes,
Laura diverte os dedos na feitura
De alvo tecido em renda; na almofada
Celere a mão transfixa os alfinetes
Que o modelo pontuam; soa o toque
Leve como num rhythmio saltitante,
Dos bílros que ás mãos ambas Laura alterna,
Num movimento rapido e seguro,
Que o pensamento, mais que os olhos, guia.

Descae ás vezes o travado dialogo.
E uma palavra ou outra que se ouve,
E' mais um echo do que voz activa...
Mas não a deixa em vão o pensamento
Sempre alerta de Flavio, em cujo espirito
(Como em sonoro concavo refaz-se
O minimo sussurro perpassante)
Toda a palavra minima é um pretexto
A' memoria de um nome, um feito, um dicto,
Em que a palavra delle habil discorre,
Como agéis dedos num teclado inventam
De nota a esmo improviando andante.

Agora é uma anecdota, que abre o riso
 Nas faces do casal roceiro; é um trecho
 De historia e escutam todos aprendendo;
 Agora é um facto pessoal, e é Laura
 A mais attenta, e os longos olhos bebem
 Na voz de Flavio esse passado ignoto,
 Prestigioso e vivo, porque é o d'elle.

Como a alma se lhe esboça enamorada
 O luminoso quadro que adivinha,
 Do brilho, da grandeza e do mysterio
 Da cidade remota! Pede a Flavio
 A cada instante que lhe falle d'ella,
 E Flavio lhe compraz; feliz, contente,
 A memoria actual já não lhe accorda
 Do soffrimento senão sombra tenue,
 Que é como nuvem condensada á noite,
 Mas que o arrebol transforma em ouro e opala,
 E em orvalhada do iris. São lembranças
 Que quasi dão saudade, mas saudade
 Menos do coração que da memoria.
 A memoria diverte-se traçando,
 Para relevo das imagens novas,
 A perspectiva antiga.

Laura escuta-o,

E murmura, enleada de curiosa:
 — "Que linda deve ser a Côte! Allice
 Fallava muito d'ella; mas agora,
 (Com tanta graça o sr. conta tudo)
 Só agora é que eu posso ter ideia
 Do que ella é. Por força hei de ir á Côte!"
 — "E deve.", disse Flavio; "se é tão facil!"
 — "Tão facil, pois não é? porém pergunte
 A' papai e a mamã. Já me disseram
 Que era mais facil ir á Europa. Veja!..."

Ia sorrir-se Flavio de espantado,
 Mas sorrindo-se o velho fazendeiro,
 O espanto antecipava-lhe, e dizia:
 — "Era um simples gracejo para Laura,
 Um modo de escusar-me da preguiça,
 Da inercia de roceiro. Fui creado
 E nascido na roça. Este é o meu mundo.
 A occupação de lavrador tomava-me
 Todo o tempo e cuidado. Por mim mesmo

Nada mais me interessa afóra disto.

Que é que me falta? Os céos aqui me ajudam.

Vi crescerem-me os filhos; e são fortes,

E bons filhõe que são, graças a Deus.

Tenho de que viver. A minha velha

E' a mesma namorada dos bons annos

(Não vê como sorri para o seu velho?)

E inda é bonita e moça nos meus olhos

(Vejam como enrubece e negacela)

Como nos doces dias de noivado.

Pois, feliz como sou, que me importava

O mundo todo, além deste meu mundo?

Tambem os filhos, quando eram pequenos,

Que haviam de querer mais do que isto?

Mas agora bem sei que não lhes basta

Esta vida de roça. Dos rapazes

Nem todos têm o mesmo gosto; uns gostam

De estudo, e pelo estudo lá se foram

Para a cidade; e até os que ficaram,

Querem ser lavradores á moderna...

Eu me contento de fazer aquillo

Que a meu pai vi fazer, e é o mais seguro.

A nossa Laura é justo, pois que é moça,

Que se aborreça aqui; não tem amigas.

A nossa companhia não tem graça...

(Não é censura, Laura; bem sentimos

Que boa filha que é você: Não houve,

Não ha, nem haverá por este mundo

Outra mais carinhosa, ou mais chegada

Aos velhos paes.) Mas esse amor de filha

Não é tudo, nem basta. Eu bem quizera

Que você fosse pequenina sempre.

Para ser sempre uma boneca nossa.

Mas se em pequena deram-lhe bonecas,

Não foi para ensaiar-lhe o sentimento

De ser tambem um dia mãe? Pergunte

A' minha boa velha que lhe ensina

A ser dona de casa. Ella que diga,

Pois melhor sabe do que nós, o anceto

Com que esperava e via o namorado.

(Não precisa vexar-se, todos sabem

Que nós nos namorámos, minha velha.)

Como isto já vae longe! Mas me lembro

Que era assim meamo... Fosse perguntar-lhe

Se lhe bastava para toda a vida
Ficar com os paes somente moça e filha!
Verdade é que naquelles idos tempos
Era tudo mais simples do que é hoje.
Mas depende dos noivos: casamento
De certo tom... pede enxoval da Côrte...
Pois bem, pelo enxoval da nossa Laura
Nós iremos á Côrte. Está contente?
"Oh, papai..." ia Laura contestar-lhe
A allusão que a turvava. O pai sorria;
E ainda mais frisando o pensamento:
"Então suppunha que eu não vejo nada?
Olhos de amor não sabem ter segredos.
Lembra-me bem de uns certos olhos pardos
Que um dia me contaram tanta cousa,
Que eu me deixei prender, e inda estou preso.
Não se perturbe, Laura; nós iremos
Pelo enxoval de noiva á Côrte."

Laura, as faces em chamma, não ousava
Erguer os olhos da almofada, e os bilros
Davam-lhe o azo a derivar no inquieto
Nervoso movimento dos seus dedos
A confusa emoção da alma agitada.
Flavio tambem, de commovido e turvo,
Mal podia pousar os olhos tontos,
Indeciso, ao effeito de tão certa
Allusão imprevista, entre apanhal-a
E definir allí seu sentimento,
Ou sorrir como os outros dos gracejos
Do velho fazendeiro. Mas já elle,
Palrador pachorrento, proseguia
No assumpto da viagem, perguntando
Novas da Côrte imperial, e Flavio,
Contente de esconder na narrativa
A propria turvação, dava abundantes
Impressões do que vira. E referia
Com todo realce da emoção recente
As varias scenas triviaes da Côrte;
Pintava em viva côr e movimento
A apparição do imperador em gala
Nas ruas da cidade, acompanhando
A pé a proclamação do nobre santo,
Que ia montado em seu corcel guerreiro.
Das janellas das casas colgaduras

De rica seda multicolor pendiam,
 E as damas e os senhores, como em festa,
 Contemplavam solemnes; pelas ruas
 Apinhava-se em chusma o povo inquieto;
 Tangiam-se em compasso os altos sinos,
 Que o alvoroço accordavam na cidade.

Agora o Imperador apparecia
 No coche magestático e na pompa
 Do seu Imperio: ia á Assembléa. A' frente
 Cadetes emplumados galopavam
 Abrindo-lhe o caminho; e atraz a escolta
 Engalanada, num tropel ruidoso,
 Com que as pedras falscavam da calçada
 Passava erguendo um turbilhão de poeira.
 No Senado, em seu throno, e reveatido
 Do farto e fofo manto roçagante,
 Entre as insignias do poder supremo,
 O Imperador, como um divino arauto,
 Lia em pessoa a Palla...

Já gozava,

Ouvindo-a, o fazendeiro a scena extranha,
 E presentia a commoção solemne
 Do faustoso espectáculo, em que os olhos
 Ia fitar no Imperador de perto.
 Recolhe o pensamento, conta os dias,
 Repassa em mente os calculos, e subito
 Annuncia a viagem aprazada
 Para a semana proxima.

XXX

Revolve

Flavio, em seu leito, as impressões da noite.
 Doces os pensamentos, mas agitam-no,
 Como accordal-o de alongado sonho.
 Noivo era-o já, em coração, de Laura;
 Mas assim como um passaro, voando
 Empéa de um outro e pelo proprio vôo
 Embalado, ao descer ao chão, perplexo
 Paíra, escrutando onde pôisar e os riscos
 Que a terra firme, o chão rasteiro esconde;
 Assim vacilla o espirito de Flavio.
 Tanta cousas minuscultas, não vistas,



Que era preciso olhar! Nada receia,
 Nada cogita então do seu futuro,
 Ao de Laura sagrado para sempre:
 Formava a conjunção dos dois destinos
 A razão mesma, a essência de sua vida...
 Mas o amor era como um sonho alado,
 E o casamento, se era sonho ainda,
 Era-o feito na terra, e se operava
 Entre os homens...

E assim Flavio responde

Ao proprio pensamento, que censura
 A evasiva confusa ao claro ensejo
 De definir o seu noivado.

XXXI

Laura,

No matinal sorriso que o sauda,
 Nada lhe diz mais que a alegria nova
 Da proxima viagem; porém Flavio
 Nos olhos d'ella lê o que em seu peito
 Lhe falla o proprio coração magoado.
 — "Laura, esta noite, mal dormi, pensando..."
 — "Em mim, Flavio?" — "Em você..." — "Eu toda noite
 Penso em você, mas durmo, porque é em sonho.
 E você não dormiu! porque?" — "Pensando,
 Em tanta cousa... escute, Laura: escrúpulos
 Da consciencia, vãos talvez, embora...
 Sou seu noivo, ante Deus, desde o momento
 Em que senti que, sendo seu, podia
 Fazer você feliz, fazendo-a minha.
 Seus paes com uma bondade confiante
 Entendendo-me o affecto, complacentes
 Acolheram-me aqui a igual de um filho.
 O meu dever era fallar-lhes logo,
 Para lhes confirmar a confiança.
 Mas eu, seguro da annuencia delles,
 Queria por escrúpulo de filho
 Fallar primeiro a minha mãe; sou homem,
 Mas para minha mãe sinto-me sempre
 Como o menino que já fui... Em carta
 Contei-lhe a ella esta affeição bemdita,
 Que me faz tão feliz, e insinuava
 Em proxima viagem meu pedido
 Da bençãem della para o meu noivado..."

— "E se ella recusasse a benção, Flavio?"
 — "Hypothese impossivel!" — "Mas supponha!"
 — "Não supponho esse aburdo, fóra o mesmo
 Que imaginal-a cega, ou insensata,
 E incapaz de sentir o bem de um filho."
 — "Podia não sympathizar commigo..."
 — "Se ella não fosse mãe, e minha mãe...
 Laura, nem falle nisso! — "Bem, não falle;
 Mas você não me diasse esse cuidado
 Que não deixou você dormir... — "Escute.
 Seu pai, hontem, fallando da viagem,
 Fez carinhoso uma allusão precisa
 Ao nosso estado; e eu, de confuso e tonto
 Deixei cahir o assumpto da conversa,
 Quando as palavras delle me obrigavam,
 Como um dever de polidez ao menos,
 Ao pedido formal que coonestasse
 Minha presença aqui, todo este tempo.
 No entanto eu disfarcei, nada lhe diasse.
 E foi o que me deu cuidado e insomniã,
 Pensar que assim deixara em seu espirito
 Uma duvida, leve que ella fosse,
 Do meu sincero e firme sentimento.
 Diga-me então que não duvida e approva
 Confiante os meus escrupulos de filho."
 — "Você já sabe, Flavio, que me basta
 A certeza somente de ser sua."

Fim da primeira parte

MARIO DE ALENCAR

Errata do trecho publicado no n.º 26

pg.	132	—	linha	24	—	Em vão; se elle é mimado pela fama.
	136	—	"	16	—	De alegrias ephemerâs, postizas.
	138	—	"	12	—	E o silencio de subita sorpresa.
	"	"	"	19	—	Desdobra em leve ondulação de cumes.
	"	"	"	29	—	Como vagas do oceano somolento.
	140	—	"	1	—	Tinhão passado como um vôo arisco.
	143	—	"	29	—	Longos, absortos, no furtivo instante.
	144	—	"	2	—	Mais que do pensamento, lhes rompiam.
	145	—	"	2	—	Assaltou, sacudiu no oceano turbido.



LIVROS

MACHADO DE ASSIS E NABUCO

José Maria Bello: NOVOS ESTUDOS CRÍTICOS (Machado de Assis, Joaquim Nabuco e outros artigos). Rio, 1917.

O sr. José Maria Bello, num espaço de menos de um anno, dá-nos dois livros de estudos criticos, o segundo dos quaes temos agora em mãos. Receia que lhe tomem essa productividade por pressa de publicar: "Não tenho pretensões literarias. Depois da phase de leituras intensas, o escrever se nos torna um acto quasi inconsciente. Poderia talvez resistir á tentação. Não o faço. Encontro certo prazer intimo em divagar através dos livros alheios, ao sabor das impressões de momento. Porque me privar deste gozo inoffensivo?"

Effectivamente, não ha razão para isso. E, se houvesse, seria pena... O sr. Bello perambula pelas paginas de um livro, através das idéas e das formas, com a graça indolente e com a nervosa mansidão de um gato entre vasos e "bibelots"—sem ruido, sem atrapalhações, e sem desarranjar as coisas. E' um espirito flexivel e doce, respeitoso de si mesmo, do leitor e — qualidade mais nobre — do trabalho e da obra alheia. E' ao mesmo tempo um espirito penetrante e sagaz, cheio de curiosidade e de gosto, com uma percepção delicada dos matizes e das esfumaturas.



A sua prosa singela e enxuta, um tanto desalinhada (1), de marcha irregular e reticenciosa, de massa porosa e leve, dir-se-ia lançada a lapis no papel, entre baforadas tranquillias de fumo, no silencio de uma livraria. Sem ser assim tão divagante e bohemia como as linhas transcritas fariam suppor (2), a sua critica não tem nada que se assemelhe a essas affirmações hirtas, a essas sentenças osseas, a esses dizeres terminantes, a esse tom intimativo que entrezilha a escripta de tantos homens do officio, dando-lhe o aspecto secco e rebarbativo de postas de bacalhau cru com muita espinha. E', pois, um prazer acompanhar nos seus passeios este cicerone amavel, que sabe mais do que apparenta e que sugere mais do que diz — indicio seguro de que tem o habito de pensar. Os que não têm esse habito, quando se resolvem a pensar sentem a alvoroçada impressão de serem os unicos que têm idéas, julgam que cada idéa que lhes occorre é um achado, tornam-se soberbos, e o menos que fazem é atirar-nos com ellas á cara, como se dissessem: — "Repastem-se!"

Mas, se o sr. Bello reclama para si uma indulgencia de que não precisa, porque recusa aos poetas a indulgencia de que tantas vezes carecem? Diz o nosso autor, quando se excusa de escrever estudos: "Poderia perpetrar coisas mais censuraveis ou mais inuteis do que um mau livro de critica, maus versos, por exemplo..." E' curioso como um espirito independente, que gosta de pensar por si e de se exprimir a seu geito, ainda sacrifica por essa for-

(1) "Na minha Formação, evidentemente modelada pelos Souvenirs d'Enfance et de Jeunesse, julgou-se com o direito, a que se arrogara Rênan, de se rever no passado e contar vaidosamente de si mesmo. E o livro é tão fino, tão cheio de graça e de franqueza que não o perdoo-mos apenas; agradecemos-lh'o também..." (Jonquim Nabuco, pag. 112).

(2) Em outros logares, elle proprio diz: "Um estudo sobre Machado de Assis deve consistir na analyse objectiva da sua obra, e para semelhante estudo o methodo mais facil e fecundo é o de acompanhá-la systematicamente nas suas diversas manifestações." (Machado de Assis, pag. 29).

"Quero escrever sobre elle, releio-lhe os livros, medito-lhe a vida, procuro advinhar-lhe o temperamento, as raizes psychologicas e sociais de sua personalidade, e receio bem não passar de uma apologia..." (Jonquim Nabuco, pag. 105).



ma no altar do "respeito humano". E' moda no Brasil, moda velha, mas sempre moda, falar mal dos poetas. O paiz está, naturalmente, cheio de maus lavradores, de maus commerciantes, de maus jornalistas, de maus funcionarios, de maus cidadãos, de pessimos politicos, de detestaveis musicos, de desastrados pintores: só os maus poetas, e mesmo os que não são maus, bolem com os nervos de toda a gente — inclusive os proprios poetas, que se entredoveram com aquella espiritualidade e aquella profundidade de sentimento, que são o seu orgulho. E' um habito, uma mania, um tic machinal, uma vulgaridade sem sombra de razão nem de espirito. E os nossos homens de pensamento, ou por suggestão, ou por tendencia commodista a subalternizarem-se á mentalidade do meio, encorajam essa attitude inconsciente, fornecendo-lhe apparencias de opinião reflectida.

Porque razão um mau livro de versos será ainda peor do que um mau livro de critica? O intuitivo e razoavel é justamente o contrario. Um mau livro de versos morre por si; e se não morre, não faz grande mal: aquelles que o applaudem não podem ser pervertidos por elle, porque já o estão. Com o mau livro de critica nem sempre succede o mesmo: pode espalhar más idéas, pontos de vista estreitos ou falsos, interpretações mesquinhas pelo aspecto intellectual ou pelo aspecto moral, ou por ambos os aspectos conjuntamente. O livro de versos, em regra, ainda que de autor illustre, só é lido pelos poucos apreciadores do genero. Estes não pedem ao poeta o pão ordinario do espirito, apreciações, opiniões, julgamentos; procuram nelle a belleza, a emoção e a graça, a imagem, a sonoridade, a musica, a expressão nova e feliz; quanto ás idéas, recebem-nas como "idéas de poeta," que de antemão se condemnam a quarentena, ou que se guardam a um canto para ornamentar a memoria, para servir ás damas, para repelir aos amigos quando a palestra deslisa para o terreno das letras. Diversa é a disposição mental de quem lê um critico. Quer então factos, coisas concretas, observações, comparações, juizos, quer informação e conselho,



afim de mobilar o cerebro, afim de tomar um partido, afim de fixar um modo de vêr. E ha mais: o poeta, geralmente, não visa a pessoa alguma nos seus escriptos: não prejudica senão a si proprio. Outro é o caso do critico, e portanto outras as suas responsabilidades, mais palpaveis e mais estrictas. Por todos os motivos, pois, a these contraria á do sr. Bello é que é justa: antes dez maus livros de versos do que um mau livro de critica — sobretudo se o critico tem talento.

O sr. Bello é um critico de talento, e o seu livro é bom. E' um livro meditado, é um livro honesto, é um livro sensato e amavel. Eis o seu maior elogio, que toma especial relevo na turvação desta epoca, em que "só ha lugar para os gritos, as blasphemias, as diatribes e as injurias". A restricção mais positiva que se lhe pode fazer é notar-lhe a desigualdade da materia e o valor desigual dos trabalhos que enfeixa. Estudos criticos, só contém dois: "Machado de Assis" e "Joaquim Nabucó"; "Helena B..." é uma fantasia literaria, com ares de conto; "O que se lê entre nós," uma reportagem curiosa. Nenhum destes dois trabalhos devia figurar ao lado do outro, menos ainda ao lado dos dois outros. Mas esta falta de homogeneidade não é um grande mal; os dois estudos valem um volume.

O processo de critica do sr. Bello consiste, resumidamente, em traçar e colejar o duplo retrato do homem na sua obra de escriptor e do escriptor na sua vida; em destrinçar as diversas influencias que o fizeram tal qual elle se nos apresenta sob os dois aspectos, explicar-lhe o feitio, comprehender-lhe as falhas, discriminar aquillo que o torna semelhante ao commum dos homens e aquillo que lhe dá os rasgos inconfundiveis de uma personalidade distincta e irreductivel, só igual a si mesma. O nosso ensaista colloca-se mais perto de Taine e de Sainte-Beuve que de Brunetière, e talvez mais ainda de Sainte-Beuve do que de Taine, ou melhor entre os dois, sem contudo adoptar-lhes deliberadamente os processos. A seu vêr, a critica não é "uma

especie literaria definida," mas "um genero indistincto, que se pode confundir com todos os outros," e "tem direito a todas as liberdades." Isto mostra que as suas idéas reflectidas sobre critica não correspondem nitidamente ás suas tendencias intimas de critico nem ao seu modo effectivo de proceder como critico.

A missão do analysta de almas é difficil e perigosa. Uma individualidade é tudo quanto ha de mais **complexo** e mais **distante**: cada uma é um mundo á parte, e cada uma é um mundo quasi impenetravel, — "sorte d'abime dont le génie visionnaire ou l'érudition énorme peuvent seuls égaler la profondeur" (Taine). Impõe-se portanto todas as reservas e todos os cuidados. Querer penetral-a inteiramente é pretensão demasiada; ficar na superficie é pouco, e não vale a pena. Torna-se preciso, pois, que o estudioso penetre sempre, mas com a prévia certeza de que não poderá ir muito longe, de que nunca poderá dissecar uma individualidade como se disseca uma rã ou um coelho, e com uma prévia disposição para duvidar das proprias descobertas, assim como das conclusões a que seja tentado. É ainda não é tudo: o analysta deve tambem, antes de iniciar o trabalho, proceder a um exame de consciencia, para verificar se está em condições moraes propicias á tarefa. Não lhe basta isenção; não lhe basta o amor da verdade. O amor da verdade é sufficiente num trabalho de laboratorio: o chimico que averigúa as reacções de um corpo, o anatomista que procura as ramificações nervosas de uma peça, podem levar a sua missão a bom termo sem outro requisito. Se erram, o erro pode ser a todo momento apontado e destruido, corrige-se automaticamente na immensa actividade impessoal, methodica e objectiva da sciencia. Na literatura, tudo corre diversamente. Os erros podem durar, quasi diriamos que se podem perpetuar. Não ha ahi actividade organizada, tendendo para um fim, debaixo de methodos definidos e severos. Todo esforço é, em regra, eminentemente pessoal, e quanto mais se lhe vinca esse distinctivo, mais interessante resulta, e quiçá mais valioso. Aquillo que o domina



não é o imperativo da verdade. Todos os erros de observação, todos os desvios de raciocínio, todas as aberrações do senso commum são ahí possíveis, são ahí vulgares, desde que sirvam de destacar uma individualidade, de accentuar a nota original de uma attitude, de uma maneira, de um estylo. Não basta, pois, ao analysta de almas o amor da verdade, porque o amor da verdade não exclue o erro, e o erro, para durar, e resistir, e triumphar, não precisa senão de vir envolvido nos refegos de uma escripta brilhante e prestigiosa. Está lhe garante o exito, e lhe garante o papel de um elemento de erudição facil, para o futuro, em mãos de gente de letras. . . E' necessario que ao amor da verdade se junte a sympathia. Só esta desvenda alguma coisa recondita, nos corações e nos caracteres que se observam. Somos feitos de tal maneira, que só enxergamos bem nos outros aquillo que podemos enxergar, ou pelo menos presentir ou suspeitar em nós mesmos. Uma alma na qual queiramos entrar á bruta, com a desenvoltura de um caixeiro-viajante mal humorado que embarafusta por uma hospedaria da roça, é uma alma que se nos furta e se nos entenebrece. E' certo que a sympathia é um começo de parcialidade. Mas não o será até o ponto de prejudicar a lucidez de um observador honesto.

Todas essas precauções parece terem sido deliberadamente adoptadas pelo sr. Bello. Percebe-se isto pela estrutura dos seus estudos, pelo tom dubitativo e respeitoso de muitas proposições, pelas restricções e excusas com que atenua certas idéas, pelo tom geral de sua linguagem sem dogmatismos e mesmo sem vivacidade. De resto, elle proprio se confessa, em relanços como este: "Não acreditando na função pedagogica da critica, julgo que a maxima virtude do critico é a sympathia. Os maus livros, ou que taes nos parecem, não devem merecer os nossos cuidados; dos livros que se amam ou das pessoas que se estimam só se deve dizer bem."

Entretanto, a critica do sr. Bello nem sempre se atém á objectividade que annuncia. Propondo-se observar, cons-



tatar, comprehender e explicar, parece que o seu grande merito consistiria em fazer tudo isso com a justeza, a limpidez e a isenção possiveis, e em não fazer nada mais do que isso. Cada estudo seria então uma peça organica e definida, com uma completa coordenação de partes, com uma espinha dorsal, com uma idéa central, com um fim limitado e certo. Mas, de quando em quando, o sr. Bello quebra a sequencia das suas observações, e o homem intervem no trabalho do anatomista com uma divagação pessoal.

Fazendo o retrato de Machado de Assis, o sr. Bello não podia deixar de accentuar o alheamento em que o grande escriptor viveu em relação aos acontecimentos sociaes e politicos da patria, absorvido completamente na sua litteratura. E' um facto. A sua constatação se impunha. Mas, logo a seguir, s. s. discute: "A mim não me seduz este aspecto de Machado de Assis. Afigura-se-me, de algum modo, uma revelação de egoismo e de misanthropia." E derrama-se por duas paginas, a sustentar que os artistas, os homens de letras e de pensamento "não devem" encerrar-se na preocupação do officio, mas associar-a aos cuidados pelo interesse do paiz. (3)

Não seria melhor que o sr. Bello se limitasse ao "facto," abstendo-se de digressões, e passasse logo a outro "facto," e fosse assim juntando traços a traços, uns após outros, de maneira a dar-nos apenas uma evocação poderosa e viva do homem "como elle foi?" Porque é isto que nos interessa. Tratando-se de Machado de Assis, nada nos interessa mais do que a figura de Machado de Assis, com suas qualidades, os seus defeitos, o seu genio, a sua doença, a sua ironia, a sua sensibilidade, a sua tristeza,

(3) "Num paiz de civilização acabada, comprehende-se e justifica-se um pure artista, um homem de letras, vivendo dellas e para ellas somente. Existe uma litteratura definida, uma profissão de literato, um publico numeroso que se interessa pelas cousas de arte..."

Num paiz em formação como o Brasil — que os poetas e os artistas perdõem a minha sinceridade barbara — o homem que se limita ao campo das puras letras tem o ar exquisito de planta exotica... Aquelles a quem Deus permittiu idéas e a ventura de as saber articular, não têm o direito de se insular no egoismo dos proprios sonhos e pensamentos." (Machado de Assis, pag. 16).



a sua gagueira, as suas idiosyncrasias. Machado, tal como elle foi, vale mais, para a nossa curiosidade, do que Machado tal como "deva ter sido"... o que aliás não tem significação.

Foi mais ou menos assim mesmo que o sr. Bello comprehendeu a sua tarefa, e é assim que a leva a cabo. Se foge de quando em quando á objectividade que se propoz, o faz rapidamente, para logo voltar ao plano preestabelecido. O seu trabalho está cheio de observações felizes. Por exemplo, falando da producção rithmada e serena do eminente escriptor, desde 1863 até 1908, sem interrupções e sem febre, diz o sr. Bello:

E' uma obra cheia de graça, harmonia e belleza, onde o seu genio corre tranquillamente, mais largo e mais profundo sempre, como as aguas de um rio, de margens planas, que não se comprimiram nunca na afflicção de uma garganta nem se precipitaram no algar das cachoeiras. Encontrara o segredo da eurythmia hellenica nas exuberantes terras tropicaes. Nem o esgotamento precoce da maior parte dos escriptores indigenas, nem a pressa alvorçada de certos espiritos que querem produzir a todo transe, sacrificando embora a qualidade do ouro á quantidade do minerio bruto...

Tudo muito justo. Observemos aqui, de passagem, que foi precisamente aquelle alheamento em que elle viveu, todo entregue á sua arte, exclusivamente á sua arte, que permittiu a Machado essa productividade pausada e longa, como lhe tornou possivel esse pausado refinamento das suas qualidades de escriptor. Diz o sr. Bello, em tom de censura, citando Pascal, que em vão procuramos em Machado de Assis um "homem," só encontramos um "autor." Mas, se o autor só podia ter sido tão grande com sacrificio do homem,—deixando em todo caso integro o homem de bem, — ainda menos mal. E' o caso typico do fabulista francez, de quem dizia uma dama quasi nos mesmos termos e justamente no mesmo sentido: "Mr. de Lafontaine n'est pas un homme; il n'est qu'un fabuliste." E, afinal de



contas, mais ou menos evidente, mais ou menos disfarçado, esse traço se repete em grandíssimo numero de artistas, de poetas, de chimicos, de mathematicos, de pensadores de todos os tempos.

Adeante, marcando o que lhe parece "a suprema virtude artistica de Machado de Assis," escreve:

Em regre, somos muito mais rhetoricos do que pensadores; interessam-nos, sobretudo, o aspecto externo das cousas, a natureza e a sociedade. A alma humana, nos seus pequenos mysterios e subtilzas, nos importa mediocrementemente. Existem em nossa bibliographia numerosos romances de costumes e paisagens, mais de paisagens do que costumes, e alguns livros de idéas que agitam problemas sociais e nos obrigam a pensar; mas faltam-nos livros de analyse intimas, "Adolfos;" isto é, o que, na technica litteraria, se chama propriamente — romance psychologico.

Machado de Assis torna-se, pois, um caso á parte, um escriptor singular, sem fillação nem parentesco em o nosso meio litterario.

E' outra observação importante e justa. Ainda um traço feliz:

Machado, sendo menos superficial do que a maioria dos poetas brasileiros, não tem, entretanto, o verdadeiro sentimento poetico. Foi um temperamento frio, pouco emotivo, ironico e sceptico — virtudes negativas para a poesia. Pode rimar impeccavelmente, sem se elevar muito desta habilidade. As qualidades da sua poesia são qualidades de prosa: medida, graça, bom gosto, correção de linguagem. Sente-se á primeira leitura que a poesia não é a sua expressão natural.

Poder-se-iam citar muitos trechos assim, indicativos de uma visão clara e fina, e de expressão facil e justa. Tambem se poderiam citar algumas proposições menos aceitaveis. A paginas tantas, o sr. Bello descobre na poesia de Machado "toques de lascivia da raça," e cita para exemplo estes versos:

Depois naquelle delirio
Suave, doce martyrio
De pouquisimos instantes,
Os teus labios sequiosos,
Frios, tremulos, trocavam



Os beijos mais delirantes,
E no supremo dos gozos
Ante os anjos se casavam
Nossas almas palpitantes.

Por mais boa vontade que se tenha de concordar com o crítico, não se pode acquirir facilmente em achar grande lascívia nesses versos. É muito menos de lascívia mestiça! Se a luxúria da raça é uma coisa assim tão certa, tão clara, tão palpável como o autor parece dar por assentado, cumpria-lhe então explicar como é que ella só veio a furo em expansões tão chôchas como aquella, na arte do nosso tropical Machado, quando é notório que toda a poesia e toda a prosa universaes pullulam de escabrosidades muito mais crespas, desde Salomão até Anatole France e desde Longus até Gabriele D'Annunzio. O exame comparativo do caso de Machado serviria de demonstrar exactamente o contrario do que o nosso autor parece pretender: ou que não ha nenhuma lascívia notavel na mestiçagem nacional, ou, se ha, então não se manifesta em Machado de Assis, cujos deslises nesse sentido são raros e vagos. Machado é mesmo um dos nossos escriptores mais castos.

O estudo sobre Joaquim Nabuco é mais igual, mais bem composto e mais completo. Concorreu principalmente para isso a especial sympathia, profunda e quente, que o sr. Bello confessa votar desde a meninice á figura superior de Nabuco, digna por certo como nenhuma outra da admiração entranhada das almas jovens, bem constituídas e harmoniosas. Percebe-se mesmo sem esforço que o nosso crítico, quando estudava Machado de Assis, tinha presente a imagem seductora do homem das suas intimas preferencias; nem é ousadia conjecturar que, sem dar talvez muito por isso, carregava a mão nos traços do romancista que mais contrastavam com os bellos característicos do polygrapho, cujo retrato interior ia assim retocando e illuminando... Também não custa notar que o estylo do joven



escriptor guarda um ar de familia em relação ao estylo de Nabuco — estylo sem artificio visivel, natural e fluente, com um tom de despreocupaçào amavel, e cujas feições sào as propras feições nativas do espirito do autor, com a sua saude e a sua elegancia moral. A mesma estrutura franceza dos periodos e dos paragraphos de Nabuco, que este era o primeiro a vêr e que procurou explicar em "Minha Formaçaõ," repete-se, talvez mais accentuada, na escripta do sr. Bello, que tambem se justifica, e por meio de identicas razões.

Não censuremos nada disso ao nosso talentoso escriptor. Influencias alheias; era fatal que as soffresse. Ter soffrido a de Nabuco já é um indicio de distincçaõ mental, num meio onde não é o estylo de idéas que faz mais impressaõ e onde a sobriedade, a finura, a discreçaõ, a ironia, as qualidades temperadas e doces da sabedoria sorridente pas-sam despercebidas no turbilhão das coisas violentas e vistosas. Assim consiga o sr. Bello realizar na vida algo de semelhante a essa organisaçaõ maravilhosa pelo equilibrio e pela efficiencia, cuja physionomia tão bem bosquejou na pagina que segue:

Na sua harmonia final, o espirito de Nabuco foi complexo. E' difficil isolar o homem publico do homem de letras, para condemnar um e louvar o outro; o pensador, do mundano, para admirar o primeiro e sorrir do segundo. A sua grande virtude consiste justamente no isochronismo das faculdades. Rythmo perfeito. Nenhum movimento se perde, se retarda ou se precipita. Nós temos organisações cerebraes mais poderosas do que a de Nabuco, — a de Ruy Barbosa, por exemplo; em nossa historia politica não é difficil citar maiores estadistas: José Bonifacio, Feijó, Rio Branco, pela acçaõ diplomatica; na litteratura, Machado de Assis está num plano superior. Mas ninguem como Nabuco consegue temperar tantas virtudes diversas para a belleza e perfeição do conjuncto. A sua sensibilidade de artista e as suas idéas de pensador trabalham o politico e o possivel homem de partido, contendo-o nas demasiaes, elevando-lhe as ambições e alargando-lhe o raio visual. As preoccupações do politico, do homem publico, corrigem e attenuam o intellectual, dando-lhe toques humanos, a theologia dos esforços para um fim de utilidade pratica.

AMADEU AMARAL



AVES DE ARRIBAÇÃO

Quasi todas as aves no Brasil são sedentárias. A ornithologia do caçador brasileiro arfola entre as aves de arribação as pombas, os patos e as narcejas. Destas é que vamos falar. Para alguns ornithologistas o movimento migratorio das aves provem da necessidade que ellas têm de fugir dos rigores do frio e do calor.

Para outros procede das seguintes causas:

- 1.ª A imperiosa necessidade da alimentação;
- 2.ª A faculdade de prever a mudança da estação;
- 3.ª A necessidade da reprodução em clima e logares favoraveis.

Analyzadas todas essas causas verifica-se que no instincto que impelle certas aves a mudar de clima existe um motivo desconhecido, mas poderoso, que se prende a uma lei geral — a conservação da especie.

As codornizes criadas nas galolas, providas de tudo que é necessário, postas em condições de não conhecer o frio e o calor, associadas aos pares, na "hora da partida" são atacadas de intensa febre, que chega, ás vezes, a lhes comprometter a existencia.

Já Buffon havia notado que nos mezes de abril e de setembro as codornizes manifestavam extraordinaria agitação. Essa agitação dura um mez mais ou menos e recomeça todos os dias antes do pôr do sol. Durante a noite debatem-se contra as grades da galola e de manhã apparecem prostradas, adormecidas...

O Marquez de Cherville na sua bella obra — *Les Oiseaux de Chasse* — diz que a lei da migração das aves parece ser independente da acção dos orgãos.

E' uma necessidade primordial como a fome, a sede e a reprodução.

Em qualquer logar que seja a ave collocada, não pode fugir a essa força irresistivel que obriga suas azas a se abrirem e a impelle ora para o norte, ora para o sul. Já nas Sagradas Escripturas (Esodo XVI. 13) se fala daquella tarde em que as codornizes em tamanho bando cobriram o acampamento dos hebreus...



Philo, o moço, refere, que em certa época do anno, as codornizes que atravessavam o Mediterraneo, quando decaíam caçadas sobre um navio, o punham em perigo de naufragio, tamanha era a sua quantidade.

Figuler no seu livro — Os Passaros — conta que nas margens do Bosphoro, na Moréa, e em algumas ilhas do archipelago grego, as codornizes chegam em bandos tão compactos que o trabalho do caçador é só abaixar a mão e apanhal-as. Cabem na praia exaustas em verdadeira chuva de aves... Nas praias de Porto D'Anzio eu mesmo vi, de manhã cedo, a chegada "delle quaglie" em numero consideravel. Vinham das mysteriosas terras africanas. Essas "chegadas", e tambem as "partidas", se fazem com toda a regularidade, em épocas certas.

As pombas, os patos e as codornizes são as aves migradoras que mais attrahem a attenção dos caçadores na Europa. Depois dessas vêm as narcejas. No Brasil as migrações periodicas, como ensina Augusto Goeldi nas Monographias Brasileiras, dão-se incontestavelmente, mas em grau mais attenuado, e falta muito ainda para que suas particularidades estejam estudadas de modo a serem aproveitadas pela sciencia em geral e em particular pela ornithologia do caçador. Ainda não temos elementos para organisarmos o nosso calendario ornithologico, livro de cabeceira dos caçadores na Europa.

Escrevendo no Estado do Rio, Goeldi affirmou que as migrações dão-se em tres direcções diversas: a) de Sul para o Norte e inversamente; b) do Sertão para a costa e inversamente; c) da Serra dos Orgãos para as baixadas do littoral e inversamente. Esse escriptor lamenta que os amigos da Natureza e os caçadores ainda não tenham voltado a attenção para este objecto e outros connexos, levando por meio da imprensa suas observações ao conhecimento do publico e dos naturalistas. Essas informações deveriam ser despidas de classificações scientificas que na maioria dos casos saíriam truncadas, contendo apenas os nomes vulgares das aves, a época das posturas, das chegadas e das partidas. Essas seriam as aves de arribação, porque as sedentarias são conhecidíssimas entre nós. De todas as aves migradoras do Brasil, a que mais dá na vista é a pomba, cujos bandos em certos pontos são assombrosos, como no Ceará por exemplo.

Nas suas Notas de Viagem, A. Bezerra de Menezes refere que o que mais impressiona o viajante em certas paragens do Ceará é a incrível quantidade de pombas, denominadas *avoantes* pelo vulgo, que em bandos de milhares de milhares cobrem a região por onde passam. E' impossivel calcular-se o numero dessas aves. Ainda não se fez um estudo dellas. Ninguem lhes conhece a origem e os habitos. Acredita Bezerra de Menezes que se ellas não são origi-

narias do Ceará, allí é que se reproduzem, sabido por breve tempo rumo de Goyas e Minas. Em todo o Brasil Central, em determinadas épocas, apparecem grandes bandos de pombas, que demoram no tempo das fructas ou das colheitas de arroz e milho, desaparecendo sem que ninguem conheça o rumo.

Aqui no norte de Minas parece que ellas vem dos lados da Bahia, onde viajantes illustres tem dado noticia pormenorizada da sua passagem. No anno de 1905, nas bordas dos campos de Minas Novas, que confinam com a mata, que vae até ás margens do Mucury, vi um desses assombrosos bandos de pombas verdadeiras, como aqui são chamadas.

Pastavam nas queimadas, onde eram abundantes as fructas de carurússu'. Caçavamos perdizes, tendo abandonado essa caçada para perseguir as pombas. Dentro de dois dias acabou a nossa munição e voltamos com um formidavel carregamento de pombas. Atirava-se nos bandos assentados nas arvores, atirava-se nas pombas que passavam como que cegas sobre as nossas cabeças, fazendo nossas armas terrivel devastação. Quando d'ahi a um mez voltamos á mesma zona, já tinham ellas desaparecido, sem que os moradores daquellas paragens dessem a menor noticia.

Anoiteceram e não amanheceram... Todos os annos nos mezes de junho, julho, agosto e setembro é notavel a passagem das pombas nesta região que demora proxima dos grandes rios Araguaia e Jequitinhonha.

De que não moram nem fazem posturas aqui, estamos seguros: são aves de arribação, que nos visitam procurando cibo. Nas suas Notas sobre a Parahyba o sr. Jeffly nos conta que as pombas de arribação apparecem todos os annos nas catingas, no fim do inverno (isto é depois das chuvas), em bandos innumeraveis, pousando nos campos de capim milhao, de cuja semente se nutrem. Milhares de pessoas as perseguem, matando a tiros de espingarda e até a pauladas, colhendo do mesmo tempo os ovos postos e a granel sobre a terra, até que arribam para outros logares.

No Ceará se observa o phenomeno dessa postura sem ninho, chegando alguns cearenses a dizer que os ovos incubam ao calor do solo e do sol... como os pintos nas chocadeiras a gaz... Por cá não se dá disso: apenas chegam, permanecem na região enquanto nella encontram pasto abundante. E' bem possível que o Ceará e algumas ilhas do Amazonas sejam os logares preferidos pelas pombas de arribação. No Ceará ha poucas mattas e o clima é quente, mesmo quando em outras partes do Brasil faz frio. Está scientificamente demonstrado que o desenvolvimento das pombas é maior nas ilhas do que nos continentes. A matta não é propicia ao desenvolvimento das aves. Wallace já dizia que riqueza de macacos era signal de pobreza de aves. Os macacos, garués, cuicas, iraras, coatis e ratos fa-

zem guerra de morte aos filhotes de todas as aves que incubam alto. Segundo uma narrativa de Goeldi existe na contra costa atlantica de Marajó uma ilha deserta chamada dos Machados, povoada de pombas, gaivotas, camaleões e... cães bravios. De pombas ha verdadeiras, nuvens. Não havendo all trepadores pois o unico mamifero é o cão, as pombas podem procrear em condições muito vantajosas.

O que é verdade é que não possuímos dados para a organização do nosso calendario ornithologico. Nem das pombas podemos dar uma noticia exacta aos caçadores. Des patos e das narcejas falaremos em outros artigos.

F. BADARO'



RESENHA DO MEZ

CIVISMO E PESSIMISMO

O entusiasmo com que foi acolhido o sortelo militar consola e anima. Uma atmosphera de scepticismo, pesada e escura, envolve de tal modo o espirito nacional, de alguns tempos para cá, que esse movimento estalou e vibrou como uma descarga electrica no cou torvo, clareando e desopprimindo.

Podem os pessimistas de todo o genero e de todo o estofa dizer, com razão ou sem ella, que os dirigentes da Republica levam o paiz á ruina e á deshonra. A propheta não se ha de realisar. Não pode desaparecer, nem pôde enxovalhar-se um povo que, sem educação civica, sem a menor pratica da democracia, sem a mais ligeira cultura politica, acôde alegremente, ao primeiro apello que se lhe faz, a cumprir um dos deveres mais arduos e espinhosos que se lhe offerecem.

A não é essa propaganda, recente e um pouco desconcertada, que na imprensa e na tribuna das conferencias, alguns espiritos de boa vontade tem desenvolvido ultimamente, nenhuma outra lição de civismo recebeu, até agora, o povo brasileiro. Ao contrario, o que lhe era ensinado, até ha pouco, era exactamente, pelas revoltas continuas, o desrespeito ás autoridades constituídas, pelas concussões e malversações, invariavelmente impunes, quando não

galardoada, o desprezo aos homens publicos e, pela fraude nas urnas ou nos parlamentos, o nojo ás instituições.

Não é só essa revelação consoladora que o sortelo militar nos trouxe. Trouxe-nos tambem uma larga provisão de esperanças. O governo, aproveitando esse bello movimento patriótico para uma acção politica e social de rutilante clarividencia, terá naturalmente o cuidado de levar, mesclando-os na camaradagem dos batalhões, os filhos de uns para outros Estados. Saltam aos olhos os beneficios dessa medida.

O serviço militar, pondo em contacto uns com os outros, os filhos das differentes zonas do paiz, apressará a fusão definitiva da raça, dissipando aos olhos de todos essa nevoa de preconceitos e desconfianças que afasta o nordestista do sulista e que, não raro, se condensa num grão de ciumentinhos irritantes e picuinhas atoleimadas. O que a falta de meios de communicacão tem retardado, o serviço militar vai realisar: a revelação do Brasil aos brasileiros e dos brasileiros aos seus proprios irmãos. Pela primeira vez, depois de tantos annos de adoração beatifica ao estrangeiro, o brasileiro vai ser obrigado a olhar para si, para a sua terra e para os seus patriotas.

A novidade do espectáculo forçosamente ha de encantal-o e o valor das descobertas que irá fazer ha de forçosamente prendel-o ao solo que

pizar e ao homem com que viver. Elle comprehenderá, finalmente, que nunca poderá ser grande e forte em quanto não sentir, reunidas á sua, a força e a grandezza dos seus irmãos e que essa reunião só se dará no dia em que, voltando as costas aos idolos ocios e impossiveis a que anda sacrificando, deitar fóra o thurybulo da admiração a tudo que vem da Europa, e volver os braços carinhosos para os homens que soffrem com elle sobre a mesma terra e debaixo do mesmo céu.

O brasileiro é um filho prodigo que só agora acertou com o caminho da casa paterna.

Mas tenhamos prudencia. Não matemos ainda a melhor ovelha do rebanho para festejal-o. Trabalhemos todos por que se não dissipem as nuvens rosas que o attrahem, dissimulando as asperezas e os precipicios do caminho, e preparemolo para o cumprimento de outros deveres talvez mais espinhosos e mais arduos que o do serviço militar.

Regozijemo-nos dentro de nossas almas mas deixemos ainda a ovelha no campo, a engordar e a saltar...

BIBLIOGRAPHIA

DANTAS BARRETO —
Conspirações — (Livraria
Francisco Alves).

Muito melhor seria que este livro não tivesse sido escripto ou, tendo sido escripto, não tivesse sido publicado. E' uma desagradavel recommendação para a penna que o traçou e para o paiz que lhe forneceu o assumpto.

Propõe-se o autor, que é general do exercito, membro da Academia de Letras e ex-governador de um grande Estado, a narrar todas as conspirações que se tramaram no Brasil desde a presidencia do sr. Rodrigues Alves até os nossos dias. A narração, além de visivelmente lacunosa, nem sempre é guiada por um criterio seguro, servindo antes para desafogo das paixões politicas de

quem escreve do que para instrução de quem lê. Falta-lhe, por outro lado, isso que se poderia chamar o sentimento da dignidade da historia, isto é, o cuidado de não baixar a certos pormenores de nenhuma importancia no desenvolvimento dos factos expostos e a arte de contar sem desfallecimentos de estylo e sem quebra da serenidade olympica que caracteriza o historiador, os episodios mais escabrosos ou mais deprimentes. Logo no primeiro capitulo o sr. Dantas Barreto, general do exercito brasileiro, desafia de tal maneira o novello da sua narrativa que o leitor, enrubescido de pejo, fica oscillando entre estas duas conclusões: ou o escriptor é um leviano desastrado, ou não ha no mundo maior compendio de covardia, de ineptia e de baixeza que o exercito brasileiro.

TEIXEIRA DE PAS-
COAES — *Terra Prohibida*
— "Renasçença Portu-
guesa".

E' a segunda edição de um livro de versos. Excellente prova de que o poeta soube despertar na alma de innumerados leitores um eco para as dores e alegrias que cantou. Melhor recompensa não lhe podia sorrir, de maior elogio não necessitam os seus versos.

RAUL BRANDÃO —
Humus — "Renasçença
Portuguesa".

O sr. Raul Brandão é um philosopho melancolico e amargo. Como, porém, sabe escrever, não se sente a minima fadiga na leitura das suas reflexões e acaba-se mesmo por achal-as interessantes. O seu livro *Humus*, chronica sombria de um espirito a lutar com o eterno enigma da vida e da morte, é para os que apreciam esse genero de literatura uma obra merecedora de attenção.

GOMES DOS SANTOS—
Espelho encantado — "Re-
nasçença Portuguesa".

O sr. Gomes dos Santos, ao contrario do sr. Raul Brandão, não gosta de aprofundar muito o segredo das coisas e das almas. Chronista mais objectivista, que subjectivista, a sua analyse corre leve, agil e elegante pela superficie dos factos, demorando-se mais nos aspectos comicos ou grotescos do que nas suas expressões tenebrosas. Prefere sempre o riso, mesmo quando é um difarrea da dor, ao pranto ou ao lamento.

Esse feitiço particular do seu espirito dá ao *Espelho Encantado*, collecção de chronicas de jornaes, um sabor agradável que attenna e dissimula a frivolidade inevitavel de todos os escriptos dessa natureza.

A MORPHÉA E O MILHO

A sciencia inda não descobriu o modo de propagação da lepra. Varios autores ensinam a possibilidade de correr por conta de insectos ou vermes a transmissão do bacillo descoberto por Armauer Hansen.

Mas qual o transmissor? Eis o problema.

A frequencia d'um pequeno "hemiptero" em amostras de milho viandas de varias procedencias (Sul de Minas, interior de S. Paulo, Rio, Maceió) despertou-nos a curiosidade. Conseguindo a sua cultura em milho tanto debulhado como em palha, quando já atacado pelo caruncho, observamos que esse insecto sugava-lhes o sangue. Observamos em seguida que tambem picava o homem, produzindo um prurido doloroso com vermelhidão e inflamação. E' um insecto voraz e aggressivo. Os ovos são ellipsoides, brancos, passando depois a amarellado e finalmente a roseo vivo, cor com que nascem as larvas. Estas desde que saem do ovo já se fazem caçadoras das larvas do caruncho. Em estado de completo desenvolvimento o hemiptero continua atacando valentemente não só as larvas como tambem os insectos adultos da fauna parasitaria do milho, aos quaes

suga com a tromba. Até á primeira muda conservam a cor rosada, passando depois a um acastanhado que se pronuncia cada vez mais até ganhar uma definitiva cor preta inzente.

A fecundação parece dar-se no estado de nympha, quando commecam a apparecer as asas, isto é, depois da penultima muda.

Abandona o milho expurgado de insectos e detritos, escondendo-se nas frestas das paredes, dobras de tecidos, d'onde sae sorrateiramente em busca de victimas.

Seu desenvolvimento e detalhes podem ser observados nas microphotographias obsequiosamente tiradas pelo sr. Paulo Andrade de preparadinhos nossos feitos com insectos frescos.

E' costume dos nossos pequenos lavradores conservar o milho nas habitações ou em paiões contiguos; como tambem é uso encher colchões com palha de milho apenas rasgada, e se juntamos a isso o trato dos animais e a manipulação do milho, vê-se como o homem se expõe constantemente ás picadas desse insecto.

A morphéa, segundo "Münch" foi trazida da India para o Egypto: affirmam os scientistas que em toda a parte onde existe foi importada propagando-se, mais ou menos em determinadas zonas, localidades ou agrupamentos, ou estacionando e desaparecendo em outras pela falta de transmissores ou por condições especiaes ainda desconhecidas.

Entre nós, nas zonas onde a população vive em maior contacto com o milho, é onde mais se propaga essa terrivel molestia.

A' familia dos "Reduviidae" pertence o "Opisocetes (Reduvius) personatus Linn." chamado nos Estados Unidos de "Kissing bug" por picar de preferencia nas faces e perto dos labios; é uma especie quasi cosmopolita; tem dois centimetros de comprimento e é preto; o "Conorhinus sanguisuga" Lec. que segundo "W. B. Herms" prefere sugar sangue de segunda mão,



EXPLICAÇÃO DAS FIGS. — 1. Larva tendo feito a primeira muda; 2, 3, 4 e 5. Larvas em desenvolvimento; 6 e 7. Antes da última muda; 6. Fêmea chela;

vivedeira de um anno, a tentativa pode ser considerada como realisação, e merece toda a sympathia e apoio dos que se interessam pela cultura paulistana.

Entre os quadros vendidos, foram-n'o varios de Chambeland, de Parreiras, de Ferrigno, de Almeida Junior, de L. de Freitas, Carlito, Oswaldo, Clodomiro, Visconti, Selinger, Acevedo, Wash Rodrigues, F. Machado, Fiuzza, Baptista da Costa, Casella, De Corsi, Fabricatore, Oscar Pereira, Salinas, Alexandrino, Paulo Valle, Francis-cowich, Mugnaine e Corcos. Entre os que ainda lá se acham notam-se os que reproduzimos adiante: o *Outono*, grande tela de Paulo Valle que obteve menção honrosa na Exposição da E. de Bellas Artes do Rio em 1916; uma *Cabeça de camponesa* de Luiz de Freitas; a *Orphã belga*, suggestivo oleo do professor suizo L. Geraneo, residente entre nós; e o *Jesus descendo o monte das Oliveiras*, de R. Acevedo, bellissimo trabalho exposto ao publico pela primeira vez.

A BIOLOGIA E A MULHER

Entre os enigmas da biologia o que mais é sãfia a perspicacia humana é, sem duvida, a multiplicação dos seres. Nesse terreno, ultimamente, sabios curiosos e tenazes, ao cabo de explorações pacientes encontraram uma vareda promissora de revelações empolgantes, sensacionais, demolidoras do velhas e arraigadas crenças scientificas e religiosas, crenças tão velhas e tão profundamente arraigadas que já eram para os religiosos dogmas inabalaveis e, para os cientistas, theoremas insofismaveis.

Esses iconoclastas da nova especie demonstraram com todas as minucias experimentaes bastar o elemento feminino — o gameta femea — para a multiplicação das especies, operação transformada assim em simples reacção physico-química de

laboratorio onde o elemento masculino é substituído, sem prejuizo para o gerado, mesmo talvez com vantagem de diminuição de taras hereditarias, por acidos, alcalis e até por uma agulha ponteaguda.

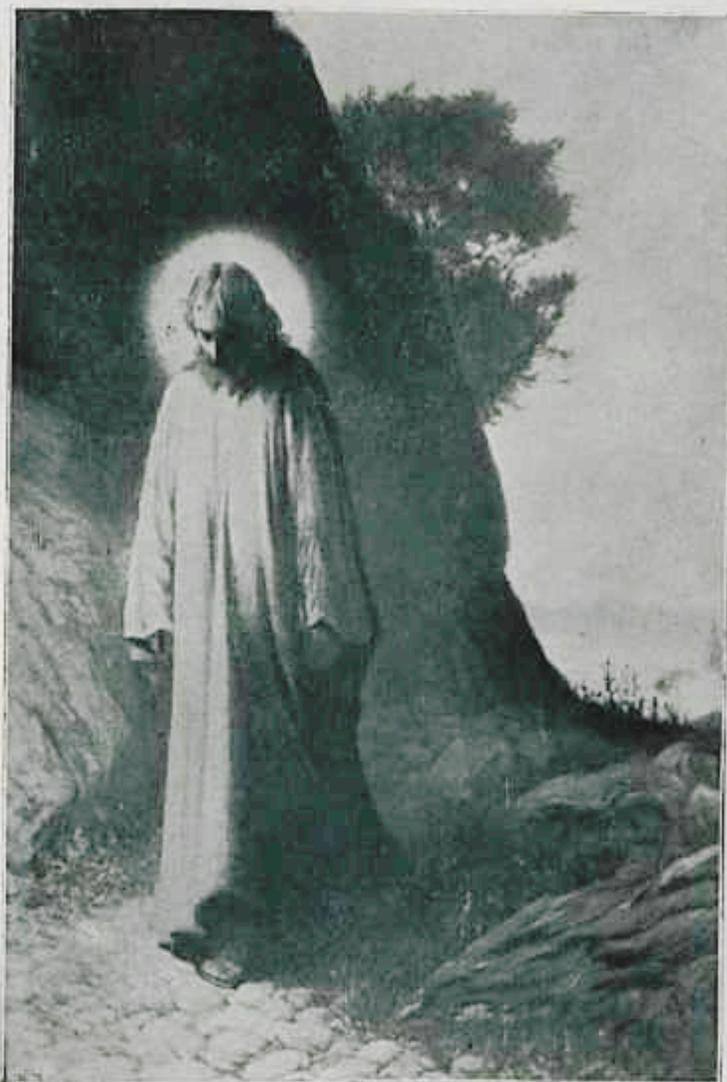
Felizmente, senhores, o novo processo de criação por enquanto só é applicavel em camadas inferiores do reino animal. Lá, só lá, Deusa louvada, pôde o sabio parodiando funcções divinas, pingando corrosivos ou espetando ovos, pronunciar o biblico — "crece ad multiplicamini."

A technica todavia está descoberta, aperfeiçoal-a não custa, não é pois impossivel applicarem-n'a em breve nas camadas mais nobres do reino a que pertencemos. Seja ou não seja essa a realidade a verdade é que Loeb Deltage e outros urriando a parthenogenese artificial, gerando sapos sem peccado original, deram um profundo golpe no sexo masculino, abalaram o seu prestigio e firmaram a predominancia e proeminencia do sexo feminino na conservação da vida das especies. Por consequencia não delira quem colloca á frente das especialidades clinicas a gynecologia, ramo da medicina que só se occupa com o estudo da physiologia normal e pathologica dos organos genitales da mulher.

Antigamente era a philosophia o guia de nossa organização social e a ella devemos uma serie de erros despoticos e irracionaes causadores de profundas injustiças socines principalmente em tudo que se refere á posição relativa dos dois sexos na sociedade. Hoje, já não imperando a metaphysica mudaram as coisas — é a biologia quem legisla nesse sentido, nalla se baseia a organização da familia, a organização da sociedade. E por isso grandes mutações se verificam na organização da vida moderna. A mulher, biologicamente mais valiosa que o homem na conservação da especie, conquista socialmente sua posição natural e propria, com o homem emparelha e quasi o supera ao progredir da humanidade, na manutenção da civili-

297

GALERIA ARTISTICA



JESUS DESCENDO DO MONTE DAS OLIVEIRAS,
Quadro a óleo de R. Amos



A ORPHAN BELGA, quadro a óleo de L. Geraneo

299

GALERIA ARTISTICA



OUTOMNO — Quadro a óleo de Paulo do Valle

300

GALERIA ARTISTICA



CABEÇA DE CAMPONEZA, quadro a óleo de L. de Freitas

nação. Queréis disso a prova? Atentaes um pouco para o que se passa nesta guerra estúpida desencadeada pelo prussianismo barbaresco e immoral. Seréis forçosamente obrigados a reconhecer que, sem o concurso do sexo fraco, na industria, na agricultura, nas sciencias e na administração — onde por toda parte substituíam elle os homens mobilizados de surpresa, ha muitos mezes teriamos sido aniquilados pela horripilante kultur. Pensaes poucos instantes no que seria o patrimonio moral e intellectual da especie humana se a Allemanha perfida e traigoeira tivesse esmagado o genio latino e te-reis ligeira idéa do mundo se nelle existisse a apregoada inferioridade da mulher. Senhores, a biología tem razão: a mulher não é apenas esse ente cantado em prosa e verso pela fantasia litteraria, ella é na verdade um elemento biologico, energico e efficiente, um valor animal e social igual senão superior ao homem e um factor politico indiscutivel como neaba de reconhecer a modelar Inglaterra concedendo votos a milhões dellas. E' impressionado por tudo isto que empresto a maxima importancia á gynecologia que exclusivamente da mulher se occupa.

(Da lição inaugural da Cadeira de Clinica Gynecologica professada pelo Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho na Faculdade de Medicina de S. Paulo).

REVISTAS E JORNAES

HOMENS E COISAS NACIONAES

A VALORISAÇÃO DO BRASILEIRO

A nossa população directamente empenhada na agricultura, ou della vivendo immediatamente, orça por dez milhões de individuos. Temos pois, dedicados á lavoura, tantos como dois terços do numero de pessoas que cultivam o sólo nos Estados Unidos; quasi o dobro dos occupados na agricultura da Allemanha — a qual na occasião em que começou

a guerra, estava produzindo 85 % dos generos necessarios á sua alimentação e ainda dispunha de asucar de beterraba e varios outros para exportação; o quintuplo dos braços applicados á lavoura argentina, e da cabana, a qual, só de asucar, exporta dois milhões de contos por anno.

Destes factos resulta evidente que o nosso pouco desenvolvimento agricola não pôde ser attribuido á falta numerica de braços, mas a causas diversas como a escassez de meios de transporte, cultura rotineira e desapparelhada de machinas e instrumentos aratorios, e outras razões, das quas a principal é a inefficiencia do trabalho; inefficiencia "physica", pois o impaludado e o opilado são fracos, debéis, sem resistencia; e "moral", porque o estado morbido produz o esmorecimento, o desanimo, a indolencia.

Os meios de transporte são escasos; mas não é essa a causa preponderante do atraso agricola. Temos em trafego 26 mil kilometros de estradas de ferro, e uma rêde de viação fluvial já consideravel. As terras marginaes dessas linhas, entretanto, ainda jazem em grande parte inaproveitadas. A propria Estrada de Ferro Central atravessa centenas de kilometros de terras incultas, onde vegeta em choças miseraveis uma população amarellada de sertanejos doentes. E se o imigrante se encaminha para essas regiões, não tarda a inutilisar-se. Ha terreos já com bocio em Curralinho, e italianos opilados em Pirapóra.

Esta população precisa ser salva e valorizada para o trabalho. A redução da immigration é para nós um facto providencial, porque chama a attenção publica para este problema, e faz voltar para a sua solução as vistas de homens publicos eminentes, e outros que vêm trazer apoio efficaz aos réclamos de illustres scientistas desde muito preoccupados desse assumpto.

A grande extensão do mal é a causa da pouca confiança e da pou-

ca disposição que ha para lhe dar cimbato. Vá-se lá sanear a metade do Brasil dizem os esmorecidos. Mas não é de tal que se cuida. Seria insensato. O de que se trata é de sanear quanto antes o habitante: o melhoramento do "habitat" é questão para depois. A sciencia tornou essa empreza praticavel, facil, e grandemente vantajosa, no ponto de vista economico. A ankilostomíase cura-se com duas capsulas de thymol, e previne-se com calçado e principalmente com a fôssa. O impudismo debella-se com a quinina, e previne-se com o resguardo da habitação contra o mosquito, e com a facillima extincção dos seus viveiros em torno dos nucleos de povoação. A molestia de Chagas evita-se com o rêboco da casa. Supprimidos os esconderijos domésticos do barbeiro, pouco mal causará este insecto, que tem habitos nocturnos, e não encontrará fóra das habitações senão raras oportunidades de fazer victimas.

Esta guerra mostrou que é facil mobilizar, classificar nações inteiras e levar a cada recanto, a cada residencia, a cada individuo a acção directa da autoridade.

Uma organização como a de que Oswaldo Cruz tinha o dom, e cujo segredo devem ter herdado alguns discipulos, baseada nas regras deduzidas do systema de Taylor, e associada aos methodos de propaganda simplissimos e efficacissimos postos em pratica nos Estados Unidos pelo sr. Hoover, o "ditador dos viveres", poderia levar dentro de pouco tempo assistencia medica a todas as choças de uma vasta região flagellada e a todos os seus habitantes, um por um. Dentro do mesmo curto prazo todos elles, das creanças aos velhos, poderiam estar dotados das seguintes noções: a) a causa das maleitas, da opliação, do bocio; b) o meio de evitar essas tres doenças; c) como se curam as duas primeiras.

Para isso seria necessario dinheiro. Mas não muito. Talvez a centesima parte, "per caput", do que tem despendido annualmente a

União para importar, hospedar, instalar immigrants estrangeiros e dar-lhes lotes de terras e casas construidas, instrumentos agricolas, sementes, assistencia medica, trabalho a salario e outros auxilios onerosos.

O dinheiro gasto nessas liberalidades seria, dos pontos de vista moral, politico e economico, muito mais bem applicado em soccorrer, curar, reerguer da invalidex e da inutilidade um numero muitas vezes maior de brasileiros.

O valor economico de um homem, é computado por Ernest Engel, em 2,000 marcos, média do custo de criação de um joven até os quinze annos. E' porém mais logico e mais scientifico calcular como W. Farr, os ganhos do individuo durante o seu tempo de existencia provavel e subtrahir as despesas. O resto representa o seu valor liquido para o país. W. Farr estima o valor do emigrante europeu adulto, trabalhador não especializado ("non skilled") em £ 175.

Numa leva de 100.000 immigrants ha os velhos, as mulheres e as creanças que ainda terão de consumir bastante antes de produzir. Calcule-se, sem pretensão a exactidão, apenas "ad exponendum", em 25 % o numero dos adultos validos. Destes 25.000 tirando-se a metade que é a porcentagem média do retorno dos adultos, restam 12.500 homens. Como as liberalidades especiaes do Serviço de Povoamento só se estendem a decima parte, se tanto, dos immigrants introduzidos, segue-se que a União empregou annos seguidos cerca de oito mil contos annuaes, para favorecer 12.500 estrangeiros que teriam de produzir para o país, a £ 175, cada um, £ 2.187,500 ou, ao cambio reinante na occasião, 3.657:000\$. Descontada a metade pelo menos para as remessas a suas famílias e parentes na patria, ficaria essa somma reduzida a 1.900 contos, a recuperar em trinta annos. Nesse prazo os 8.000 contos a juros compostos de 5 % teriam produzido 34.576:000\$000.

Estes dados são arbitrarios. 86

a argumentação é verdadeira. Foram adoptados apenas, como atraz ficou dito, para expor um raciocínio que demonstra a incongruência, o absurdo, a insensatez da colonização official, como vinha sendo feita até agora, com extraordinaria desproporção entre a despesa e os seus resultados.

Se os sessenta mil contos empregados no ultimo decennio em colonização pelo governo federal, houvessem sido empregados na reabilitação physica da população rural, o resultado hoje seria o seguinte: o numero de colonos estrangeiros entrados nesse periodo estaria defalcado daquelles que foram importados, installados, afazendados, e auxiliados dispendiosamente pela União, isto é, de oito a dez por cento, no maximo, da massa total dos immigrants que augmentaram a população nacional desde 1908 para cá. Em compensação essa somma judiciosamente applicada teria minorado a hecatombe dos seringueiros; tornado habitavel durante as maiores estagões a região semiárida do nordeste; defendido a população do valle do S. Francisco da malarin, da opilção e da molestia de Chagas, valorizando o homem e tornando-o elemento de trabalho e de progresso.

Desde que se restitua a saúde do sertanejo, e que se torne cada adulto nacional capaz de produzir a mesma quantidade de trabalho que o immigrant, o problema do braço para a lavoura está resolvido. O jogo natural dos factores economicos estabelecerá a migração interna, que equilibrará a offerta e a procura de trabalho.

E' o que se dá nos paizes onde o valor economico do homem é mais ou menos uniforme. Nos Estados Unidos, em 1890, 25,5 % da população vivia em logares diferentes de seu nascimento. Encontravam-se nessa data 1.233.629 filhos do E. de Nova York, em outros Estados da União. K. Maya Smith calcula que em 1910 a porcentagem teria mais que duplicado. Nos outros paizes se observa o mesmo facto.

Supprimida com thymol, a quina, e uma prophylaxia rudimentar, a chamada "indolencia, a preguiça" do nosso sertanejo, que não é mais que doença, elle deixará as choças onde arrasta a miseravel existencia, na região do Rio das Velhas, para ir substituir na matta e em S. Paulo o immigrant que não vem, ou o japonês que se quer mandar vir. E ainda restará numero sufficiente para alargar as lavouras de cereaes e grãos. (Mario Brant — *O Imperial*, Rio de Janeiro).

O SANEAMENTO DO BRASIL

De par com os tres flagelos endemicos, a opilção, a malarin, a molestia de Chagas, uma só das quaes bastaria para derrancar o paiz, a lepra campala infrene, a syphilis alarga os seus dominios, a leishmaniose — essa horrenda ulcera de Baurú ou ferida brava — deforma milhares de criaturas e a tuberculose avulta cada vez mais. A syphilis é contrabataida nas cidades pela medicação especifica que lhe atalha o passo ou minorra os effectos; mas no sertão, nesse maravilhoso sertão preluído na moleira dos poetas como um eden embalsamado de manacás, quem lida com ella é o negro velho ignorantissimo, quando não é o pharmacopola extravagantemente pittoresco do pica-fumo "curador". O treponema pallido, affeito a lutar com o mercurio e os arsenicases terribes, ri-se das miçagens, e rezas, e banandangas, e picumans, e jasmims de cachorro dos ingenuos Eusebios Macarios de barba rala. Ri-se, e em vez de paradeiro encontra fomento na absoluta inocuidade da therapeutica pé no chão. Diffundese, portanto, assustadoramente, sem peias, sem cura, sem prevenção possivel, arrazando o presente e sacrificando o porvir.

E' elle grande parte na espanto na mortandade das crianças.

As mulheres da roça são puras machinas de procriar; comegam a tarefa mais cedo que as da cidade, em regra aos 12 annos, e só des-

cansam quando sobrem "panne" nas engrenagens do aparelho reproductor, ou quando a velhice lhes acena com o basta. Não obstante, a população augmenta com morosidade extrema. Nascem mortos, ou morrem na primeira idade a grande maioria dos infantes. E' commum este dialogo:

- Quantos filhos tem, nha?
- Duas familias.
- E quantos perdeu?
- Só quinze.

Quinze, ou dezoito, ou vinte, sempre um numero em absurda desproporção com os sobrevividos.

Embora multiplas as causas desta lethallidade, cabe á syphilis a culpa maior.

Se a estas mazellas sertanejas aggregarmos o quadro da degenerescencia physiologica determinada pela cachaça, ficará completo o hediondo painel. A cachaça! E' inimaginavel a degradação a que ella arrasta milhões de roceiros. A pobre gente recorre a ella como a um lenitivo. Desnutridos pela parea e má alimentação, afriorentados pelas sezões, exhaustos pela ankylostomiasse, deprimidos de espirito pelo trypanosoma, sem raio de instrução na cabeça, escravizados pelo "graúdo", a cachaça é o oasis de esquecimento momentaneo onde a miseranda criatura repousa da vida infernal. Em troca dessa illusão passageira a victima não sabe que dá ao veneno da canna as ultimas energias do combalido organismo. E a diabolica bebida para logo derreia na demencia, no crime ou no aggravamento dos males a que por intermedio della o sertanejo procura fugir. Encachaçado, elle esquece. Esquecer, esquecer a realidade, fugir della por uns momentos — eis a preocupação constante de milhões de brasileiros!

Em todos os paizes do mundo as populações rurales constituem o cerne das nacionalidades. Taurinos, tanados do sol, enrijados pela vida sadia no ar livre, os camponezes, pela sua robustez e pela sua saúde, constituem a melhor riqueza das nações. São a força, são o futuro, são

a garantia biologica dos grupos ethnicos. Pela capacidade de trabalho elles mantêm elevado o nivel da produção economica; pela saúde physica, elles mantêm em alta o indice biologico da raça. E' com o sangue e o musculo forte do camponez que os centros urbanos retemperam a sua vitalidade. A tendencia do urbanismo infecte para a depressão da machina humana. O vicio, o artificialismo, o afastamento da vida natural, o ar impuro, a moradia anti-hygienica, conjugam-se para romper o equilibrio organico do homem citadino, robaixando-lhe o "tonus vital". Mas o campo intervem, e restaura-se o equilibrio. A infiltração permanente de sangue e carne de boa tempera, vinda dos campos, contrabalança o desmedramento urbano.

Entre nós é possivel pedir á roça o sangue revitalizador? Não: o elemento rural é peor que o urbano. As nossas cidades se vêm forçadas a importar sangue de fóra, se querem escapar ao marasmo duma senectude extemporanea. No interior do Brasil as cidades que se não retemperam no modo de S. Paulo caem na mais desalentadora cachexia.

Os homens mingoam de corpo, as mulheres são um rastolinho rachitico incapaz de bem desempenhar sequer a missão reproductora, embora as não acolem nenhuma das endemias precitadas.

Belisario Penna transcreve no seu precioso livro um trecho tomado a um editorial do "Correio da Manhã", onde se esculpe, num sobrio rigorismo de synthese, o diagnostico exacto do paiz: "O Brasil é um paiz de dentes no sentido literal da expressão. A nossa miseria financeira e economica é o reflexo da desnutrição organica que converte a maioria dos nossos cidadãos em inuteis unidades sociais, incapazes de concorrer com a quota do seu esforço para o augmento da riqueza commum. A nossa incapacidade militar é o resultado synthetico da fraqueza physica de uma enorme população rural es-

tiolada pelos germens da molestia. A nossa falta de energia moral é o precipitado ethico da deterioração cerebral e nervosa de um povo invalido". Não ha homem de boa fé, conhecedor do paiz, que, pondo a mão na consciencia, não murmure — confere. Se não o faz, mente. Pois bem. Se é assim, a missão commum e geral, tanto de particulares como de governos, é uma só: curar o Brasil, sanear o Brasil. Todo programma de acção que não adoptar este lemma, será um programma criminoso. Em face dum moribundo o medico que lhe receta com litteratura, ou reformas electoraes, ou fardinhas, em vez de acudir com o topico adequado, é um criminoso. E criminoso da peor especie, porque consciente e deliberado. Depois dos estudos de Carlos Chagas, de Arthur Neiva, e mais intemeratos discipulos de Oswaldo Cruz, e depois das vehementissimas palavras de Bellaario Penna, governo nenhum, nenhuma associação, nenhuma liga pôde allegar ignorancia. O véu foi arrancado. O microscopio falou. A fauna mentirosa dos apologistas que vêm curo no que é amarello e luz na simples phosphorescencia putrida, recolhe os safados adjectivões que vendaram criminosamente durante tanto tempo os olhos da nação. Pangloss que emmudeça. Se a tarefa é asseperbante hoje, será maior amanha. É impossivel, depois de amanha. Começamos. O simples acto de começar representa meio caminho andado.

Começamos, que é muito doloroso apodrecer antes de maduro e é este positivamente o aspecto que, como nação apresentamos ao mundo. Um dos paizes mais novos do continente, a cair aos pedaços, de verminosa lazeara, vindo ao norte o maravilhoso surto americano, e ao sul a pujante floração argentina. E para suprema vergonha e desdouro eterno do nome brasileiro a consciencia de que desmedrou assim arrastado por males ou evitaveis ou de facilissima cura. Males de que todos os paizes de

mesologia identica se libertaram pela prophylactica intelligente, com lentidão uns, com rapidos fulgurantes outros. Está ahí Cuba, desgraçada ilha degradada em rapida consumpção por malestias irmanas das nossas, e que, em poucos annos, ao influxo da hygiene norte-americana, virou a maravilha que todos sabemos. (Monteiro Lobato — *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo).

PELO NACIONALISMO

E' desnecessario demonstrar a imprevidencia notoria da nossa acção administrativa no que se refere á conservação do caracter nacional e a defesa do nosso meio ambiente contra todos os processos larvados de desnaturalização, que, aos poucos, se vão infiltrando no organismo social brasileiro. Entre tantos documentos de nosso descaeo pelo fortalecimento do nacionalismo, basta recordar o que nos fornece a historia da immigração no Brasil, com o encaminhamento de grandes correntes, de uma só nacionalidade, para zonas relativamente pequenas do territorio brasileiro e quasi despovoadas do elemento nacional. Se é certo, como o notou o economista Roscher, que as colonias agricolas tomam immediatamente um caracter democratico, pela natureza de sua vida em contacto directo e continuo com todos os elementos de um ambiente livre, — não se pôde negar, por outro lado, que essas colonias exercem em todas as regiões despovoadas, que lhes estão contiguas, uma influencia semelhante á que praticam nos insidiosos *hinterland* os modernos Estados colonizadores, em seu irreprimivel desejo de expansão á custa dos fracos, regulando entre si a partilha das terras sem defesa. Dessas colonias irradia o progresso material, mas com elle tambem a influencia moral de todos os poderosos factores, cujo conjuncto os allemães designam pelo termo geral *Deutchtum*.

A nossa Constituição, reunindo

todos os systemas de aquisição da nacionalidade, escancára as fronteiras do paiz a todos os alienigenas e confere a cidadania *jure soli, jure sanguinis* e por acto do Executivo federal, em virtude de cartas de naturalização; mas, não se limitou a isso, pois que, além de ter considerado brasileiros todos os estrangeiros que, achando-se no Brasil a 15 de novembro de 1889, não declarassem, dentro em seis mezes depois de entrar em vigor a Constituição, o animo de conservar a nacionalidade de origem, conferiu igualmente, não só a nacionalidade, como também a cidadania, aos estrangeiros que possuírem bens immoveis no Brasil e forem casados com brasileiras, ou tiverem filhos brasileiros, contanto que residam no Brasil, salvo se manifestarem a intenção de não mudar de nacionalidade. A interpretação que se tem dado a esta última clausula constitucional (art. 69 n. 5) tem alargado excessivamente a respectiva comprehensão, como procurei demonstrar o anno passado na Camara dos Deputados. O Supremo Tribunal Federal tem revelado, mais de uma vez, de modo inequivoco, quanto lhe repugna em certos casos essa exagerada medida de quasi completa equiparação do estrangeiro ao nacional, mas tem continuado a applicar-a em sua mais lata comprehensão, por entender que o texto não comporta as restrições, muitas vezes aconselhadas pelo patriotismo e pelo amor proprio nacional.

Parece, entretanto, que, para adquirir a nacionalidade e a cidadania no Brasil, não basta, para um estrangeiro, o facto de possuir elle bens immoveis aqui, ser casado com brasileira ou ter filhos brasileiros, e residir entre nós; — uma condição ainda se faz necessaria e é a de querer elle abandonar a nacionalidade de origem e tomar o laço juridico-politico, que o faz nosso co-nacional e cidadão. Mesmo quando tenha elle aquelles requisitos da residencia entre nós, de possuir bens immoveis no Brasil e de ser casado com brasileira, ou de

ter filhos brasileiros, — a Constituição dispõe literalmente que não será considerado brasileiro, "*se manifestar a intenção de não mudar de nacionalidade*". Ora, essa intenção pôde manifestar-se, tanto por declarações escriptas, quanto verbaes, assim por actos, como pelo silencio, sendo que deste ultimo não será logico concluir-se o animo de mudar de nacionalidade, mas, ao contrario, a intenção de conservar a propria.

Escrevendo acerca da nacionalidade, nas relações creadas entre a Alemanha e os Estados Unidos por força dos tratados Branerft, sustentou o internacionalista Keidel que um allemão, munido-se de um simples passaporte, ou de um certificado de indigenato, "*manifesta sua intenção de conservar-se allemão*"; — essa doutrina foi creada para suavisar o rigor da antiga lei prussiana, em virtude da qual a ausencia do paiz, prolongada por mais de dez annos, infligia ao ausente a pena de perda de nacionalidade. A méra providencia da matricula nos livros, ou registros dos respectivos consulados constitue, na opinião geral dos autores a manifestação clara e positiva de que os individuos assim registrados querem conservar a nacionalidade de origem.

Não seria, pois, necessario o exemplo culminante da famosa lei Dehrück, de 22 de julho de 1913, para que abrissemos os olhos á evidencia e procurassemos dar ao texto da nossa Constituição a interpretação que, sendo perfeitamente conciliavel com a sua letra, é exigida pela segurança da ordem interna e até mesmo pela garantia da defesa nacional. A solução é a do artigo 12 da lei federal n. 904, de 12 de novembro de 1902: Ao estrangeiro que possuir bens immoveis no Brasil, fór casado com brasileira, ou tiver filhos brasileiros, e residir no Brasil, será expedido titulo declaratorio de cidadão brasileiro, se o requerer *por si*. Esse requerimento do interessado importa a renuncia voluntaria de sua nacionalidade

de origem, renuncia essa que a lei americana exige se faça claramente na petição: "*renounces his allegiance to his former country*".

A outorga da nacionalidade pelo simples silencio do estrangeiro e independente da expedição do titulo declaratorio seria um factor constante de casos de dupla nacionalidade, invocando o estrangeiro os direitos de ambas, ao sabor das circunstancias, e eximindo-se dos deveres impostos, por uma e outra. A nacionalidade é regulada pelo direito publico interno de cada Estado; mas, quando ao mesmo individuo se podem attribuir duas ou mais patrias, surgem conflictos de leis e as soluções escapam então ao dominio do direito interno, para serem dadas pelos principios de direito internacional. Querer impôr soluções baseadas no direito nacional de um determinado povo é pretenciosa aspiração, que não logra exito e serve apenas para prejudicar esse mesmo povo e a sua organização politica. E' certo que, nos casos do artigo 25, alinea 2 da referida lei allemã de 22 de julho de 1913, nenhuma garantia nos offerecerá o titulo declaratorio de cidadania brasileira, nem mesmo a propria carta de naturalização passada em favor de um allemão, visto que a dita lei lhe permite conservar a sua nacionalidade de origem, não grado a naturalização em outro paiz, desde que, antes de naturalizar-se, obtenha elle das autoridades allemãs licença para tal acto. Entretanto, a providencia lembrada evitará, em outros muitos casos, que passem por brasileiros numerosos alienigenas, que, mesmo quando invocam os direitos conferidos pela Constituição aos nacionaes, fazem a reserva mental de conservação da respectiva nacionalidade de origem. As leis de nacionalidade são, no dizer do escriptor chileno Alejandro Alvarez, *leis de vitalidade*. Não façamos dellas applicação imprudente, como seja a de presumir nos heimathlos de todo genero, que aportam em nossas plagas atraídos pela nossa generosidade, o ver-

dadeiro e sincero amor á nossa patria.

O nacionalismo não é incompativel com os nobres ideaes de solidariedade humana. Ao contrario, a verdade está no conceito de Leopardi, quando disse que, se todos os homens se reunissem em uma só nação e patria e fizessem profissão de amor universal por toda a respectiva especie, não se propondo a amar paiz algum de modo particular, elles dissolveriam a stirpe humana em tantos povos quantos fossem os homens e cada um odiaria todos os demais, não amando de todo o coração senão a si mesmo. (Afranjo de Mello Franco — *Carreio da Mauhá*, Rio de Janeiro).

JOÃO FRANCISCO LISBOA

João Francisco Lisboa foi um modelo de prosador, sem haver sido intencionalmente um purista, o que torna o estylo por vezes aggressivo ou pelo menos irritante. Aprendeu, porém, a escrever com os classicos, que não andavam ausentes daquela sociedade intellectual, pela que conviviam intimamente com o mestre Sotero dos Reis. A escola foi por certo melhor que a dos jornaes da actualidade, que hoje cursam com desolador exclusivismo muitos aspirantes a publicista. Quando João Francisco Lisboa se revelou tal na "*Chronica Maranhense*" e depois no "*Jornal de Timon*", fez-o com uma autoridade de pensador e de artista da fórma capaz aliada de surpreender os que se lembrarem de que lhe faltavam estudos regulares. Não obteve portanto graus academicos, devendo a si tão sómente sua illustração e seu atticismo.

O Brasil de hontem contou mais de um João Francisco Lisboa, no sentido desses eruditos e de uns tantos primorosos jornalistas de provincia que não lograram debanear os que hoje em dia almejam um e outro qualificativo embora sem sciencia e sem estylo. Não sei se o amor ao estado era

então maior, ou se o meio favorecia mais a mencionada instrução voluntária — o facto é que têm ido desaparecendo da vida dos Estados os representantes daquella especie de estudiosos, gente de "croisé", cartola e calças brancas, que dantes constituíam em muitos casos, pela competência, pela compostura, pela sinceridade dos seus propositos e pelo fervor dos seus ideaes, um dos títulos de honra das provincias e um argumento moral em pró da descentralização. Este teve todavia, pelo que se vê, o resultado opposto.

Nenhum contudo se pode comparar com o maranhense eminente que teve por objectivo capital, indicado com felicidade pelo dr. Pedro Lessa, harmonisar a politica com a moral — um consorcio que quando chega a ser celebrado, dá as mãos das vezes promptamente em divorceio. As illusões eram então grandes, e grande a generosidade dos idéas. João Francisco Lisboa deu prova individual desse estado de alma collectivo, quer dizer do escol dos seus contemporaneos brasileiros; mas ao mesmo tempo, e foi isto o que o salvou da banalidade dos desiludidos, alliou sempre á sua elevação de espirito um senso caustico das realidades que o tornou um excellento critico de costumes e de caracteres, com fóros de pamphletario. Timon não foi para elle um nome vão: do ateniense teve a graça mordaz e o desprezo do quanto o mereço. De quanto e de quantos.

E' claro que João Francisco Lisboa nasceu com dotes literarios. "On devient cuisinier, mais on nait rôtisseur". Elle não se contentou entretanto com ser um cozinheiro trivial: foi exímio na arte, o que só se adquire com a pratica e o cuidado. Ora elle foi essencialmente um estudioso. Quando falleceu, em Lisboa, occupava-se em estudar nos archivos portuguezes o passado nacional, no qual soube enxergar mais do que uma série de successos militares ou um rol de capitães generaes e vice-reis, descobrindo e aprofundando os aspe-

ctos sociaes e economicos. Fel-o antes que a sciencia estrangeira nos indicasse essa orientação, mesmo porque nas influencias que pesaram sobre seu espirito, como nas preoccupações á que obedecia seu espirito, João Francisco Lisboa foi sempre rigorosamente nacional.

A sua obra de historiador confunde-se com a de moralista politico que elle sobretudo foi, na definição bem achada por José Verissimo, mas o moralista não desmanchoa com suas divagações a necessaria pureza das línguas historicas. Seus melhores ensaios neste campo foram o ottimo trabalho sobre a conspiração do Boqueimão e a biographia incompleta, por haver-o surpreendido a morte, do padre Antonio Vieira. Incompleta muito embora, é excellento. O assumpto tem allás tentado varios escriptores de nota, que desanimaram a meio do caminho, sentindo-se perdidos no labyrintho de argucias e subtilezas do famoso jesuita. Neste momento a elle se consagra um historiador de grandes dotes, espirito parecido com o de João Francisco Lisboa na severidade do methodo, na sobriedade do estylo, na imparcialidade dos juizes. Refre-me ao sr. J. Luelo de Azevedo. O prestigio de João Francisco Lisboa não só se derivou contudo do seu talento: tambem e não pouco se derivou do seu caracter. Toda a vida se impoz pela seriedade do proceder e pela compostura da acção. Era digno de ser imitado, o que não acontece com outros, que no entanto se dão como modelos a serem copiadas. Além da honestidade sem jaça, possuia outra virtude, então como presentemente rara — a tolerancia, que sabia estender aos adversarios, uma tolerancia espontanea da sua alma, que todavia não era a de um optimista, e que fora fortificada pelo saber adquirido pelo proprio esforço e pelo respeito devido ás opiniões alheias, quando de boa fé e honradas. (Oliveira Lima — "O Estado de S. Paulo", S. Paulo).

MACHADO DE ASSIS

Para muita gente, Machado de Assis é ainda uma esphyngo. Era um tímido? Era um sceptico? Um orgulhoso? Um revoltado? Ou um ironico formidavel? As opiniões desencontram-se, porque elle era com effeito na apparencia contrastante. Descendente de homens de cõr, é o opposto do sangue africano caldeado entre nós. Quando neste sangue corre a scotilha divina, ha dynamite. Tobias, Cruz e Souza, Patrocinio são naturezas crepitantes. Machado de Assis é um consumido, um torturado, que anda de compasso e regua e gume florentino. Ha individuos que trazem a alma na bocca, no olhar, na face, revelando-a, num sorriso, numa palavra, num raio visual. Machado guardava a sua, secreta e inviolavel como no fundo de um poço. Os mais intimos nunca souberam como ella era. Só a pudemos conhecer por um esforço de interpretação e de adivinhação. Temos que enxergal-a na sua obra, e na attitude que elle tomou diante da vida, que foi uma attitude de conservação, e, portanto como diria Braz Cubas no meio do delirio, do egoismo. E' aliás esse o estatuto universal. Assim Machado de Assis procurará defender e desenvolver a sua personalidade. Será um intuitivo. Mas o seu individualismo não será o individualismo stirneano de insociabilidade e de mobilidade intellectual, e que é egoista e negativo. Será antes o individualismo aristocratico de um ironico (e a ironia é uma attitude anti-social) a reagir brandamente com o que ha em si de pessoal e de intimo contra as idéas, os criterios educativos, religiosos ou moraes, de eu social, meio desassociado, zombando d'elle com o espirito critico, malicioso e ferino. Tratou de enraizar o destino numa vida sedentaria, e fez-se burocrata, gozando no Imperio como na Republica o comodo papel de espectador. Era um impermeavel, sem porosidade nenhuma. Não creio por isso que o seu patriotismo ou o

seu nacionalismo fossem profundos. Aliás não o era o de Napoleão e menos o de Goethe. Bonaparte é o thaumaturgo que derrama através da Europa o maguetismo e os fluidos de uma Revolução de que elle vive mas que calcava a botas e esporas, e de uma patria cujos preconceitos não recebem a sua sanção. Goethe, que se declara impotente para combater Napoleão, se faz condecorar pelo "condottieri" corso, e glorifica-o.

Machado era uma criatura infinita em pensamento, e um espirito muito critico e intuitivo, de um intellectualismo e de um sensualismo assás ironicos para se refugiar no acampamento nacionalista, onde nem um bivaque tentou fazer Renan. Desse modo, o mundo em torno d'elle se agita e se transforma. Ha uma guerra externa de cinco annos. Depois se succedem a jornada abolicionista e a republicana e uma guerra civil. Elle não dá por nada disso. Do mundo exterior só o impressionam aquellas coisas que ondulam no seu pequeno mundo interior. Em sua obra, apenas Helena tinge-se de um colorido de heroína. Todos os seus typos têm qualquer coisa de enfesados; e quando fulgura a chamma azul do genio nenhuma d'elles, o escriptor toma-o suavemente pelo braço e recolhe-o ao hospicio. Nada do que é grande o arrobata. Dir-se-á que o apavora o ridiculo das grandezas. Elle é de uma incapacidade absoluta para o deslumbramento.

Hugo faria o D. Quixote que marcha para a origem dos seculos, cavalgando um centauro do Rheino ou um dragão fulvo. Braz Cubas monta desengonçado, no dorso molle de um hippopotamo, que em vez de asas, tem patas e anda a trote pesado. Não ha nelle um raio de fantasia visual. O mais enfeitador dos elementos, que é o fogo, deixa-o indifferente. O Rio é um panorama de encantamento. Ninguem deparará uma pagina sua de onlevo pela gloria desta natureza. Era uma sensibilidade árida, secca, como uma vegetação sertane-

ja em mezes estiveas. O excesso de subjectivismo estanca-lhe a sensibilidade, e, do momento em que a nevrose, que lhe mina a saúde, se accentúa, a onda de amargor e do pessimismo se encrespa. A nevrose opera-lhe phenomeno identico ao que se observou em Flaubert. A intelligencia empolga a sensibilidade, a idéa, a sensação. A hypochondria adjeja-lhe a asa subtil, e elle fica envenenado para o resto da vida. Torna-se então um cerebral, um especulativo, um solitario ainda mais ferrenho. O proprio Sôneto a Carolina é o gemido de uma dôr eruziante, mas de uma dôr que se mede, se domina e se reserva. Dizendo da companheira morta, recorda simplesmente os "pensamentos idos e vividos". E nos romances, do seu desespero, da sua tragedia intima, só desabrocha o sorriso, que é a flôr do espirito, e a ironia, que era a posse da duvida philosophica e a capacidade de tel-a attingido. A verdade é de uma expressão fugidia, nos seus personagens, que não negam nem affirmam — o que é a suprema habilidade, conclue Renan, nas obras de conciliação.

Tambem a estação romantica robusteceu-lhe a personalidade ou o radicalismo aristocratico. Da arte classica, elle conservou toda a vida, o amor da disciplina, da regra, da ordem e da medida. Mas o seu gosto por essa expressão artistica nunca o levou á subordinação da sua originalidade ao objectivo de unidade esthetica, moral e social, que é o fundamento do classicismo. Ao contrario, manteve integra a independencia individual que o romantismo se propoz a restaurar na ordem intellectual e social.

Explica-se a indiferença com que esse estheta individualista pôde atravessar meio seculo de literatura, vendo da sociedade os typos que a compunham e nunca os movimentos que a abalaram. O promontorio artistico é a derradeira muralha que ainda não foi submergida pela maré crespa da socialização. Por isso

mesmo que o seu contacto com o publico se circumscreve a uma esphera mais estreita, e que este não precisa do poeta nem do romancista como carece do legislador e do juiz, o liberalismo social é mais tolerante com o individualismo artistico do que com o individualismo politico. O artista pode ter mais individualidade. O homem é menos um animal esthetico do que politico. A formula politica, sobretudo a democratica e igualitaria, nivela, uniformisa despersonalisa e elimina a originalidade. A formula esthetica, ao contrario, é mais diferenciadora, porque a belleza é um padrão de supremacia e de valupia egoistica, de aristocratismo intellectual, de excepção, de vida autonoma e de personalidade. Suffocada pelo criterio da utilidade social, da solidariedade, da communhão espiritual, ou da "sympathia humana", ainda lhe sobram attitudes de clarividencia ironica. A sua marcha é menos anti-individualista do que a da politica. A poesia e o rythmo primitivos são cores. Quem dança e canta é toda a guilda ou todo o clau reunidos...

Machado de Assis fixa desse modo a intelligencia mais individualizada, de um egoismo mais robusto, que ainda viu o Brasil. Elle foi um amante exclusivo e apaixonado da belleza. A sua vocação era o pensamento. Nascou mais para contemplação do mundo do que para os seus contactos, mais para comprehendê-lo, observá-lo e dissecá-lo, do que para viver nella, para julgá-lo, antes que tolerá-lo. As paginas que concebeu isolado, como um asceta, pensando, reflectindo e discutindo consigo, examinando a consciencia responsavel, tendo diante de si a alma nua, são paginas onde ha a gravidade do silencio que as assistiu e commentou, com a volupia do sybarita. (A. Chateaubriand — "Correio da Manhã", Rio de Janeiro).



AS VELHAS ARVORES

O Rio de Janeiro foi a cidade das grandes e bellas arvores. Independentemente da selva luxuosa que lhe vestia as montanhas, as lindas montanhas que fórman a cinta da cidade, a velha metropole tinha os seus arrabaldes povoados dos renques de palmeiras e das frondosas arvores de fructa das chacaras de verão. Os habitos de outro tempo, quando a vida era vista sob outros aspectos de calma e de conforto, impunham aos antigos cariocas, desde que a sorte lhes favorecia com uma certa abastança, o ideal de uma chacara. Não havia ainda a preocupação das fachadas, o empenho, que o evoluer dos costumes nos trouxe, das construções evidentes, que firam e prendam a attenção visual do que passa, no rapido minuto da desfilada de um auto em terceira velocidade, e para as quaes o terreno em derredor é dispensavel por inutil e a arvore afastada como um tapa-vistas impertuno. O antigo sentia o seu "domus" de outro modo; e plebeu ou fidalgo, remedado ou opulento, não havia habitante da velha "urbs" que, dispondo de uns tantos recursos, não fizesse a sua chacara, como residencia permanente ou refrigerio dos dias ardentos de dezembro a março. E nesses retiros amigos, onde a morada modesta ou rica tinha a searinhala um ambiente de sombra, de frescura e de tranquillidade, e o morador gozava a recompensa bendita da flor, do fructo e da belleza das arvores que plantara, o carioca vivia, no circulo formado pelas linhas do affecto e da sociedade, a vida caracterizada pelo leal acolhimento do homem e pela dadivosa abundancia da terra.

E foi assim que o Rio de Janeiro se encheu das grandes e bellas arvores.

Na vasta extensão dos arrabaldes enxameavam as chacaras: do Engenho Velho no Alto da Tijuca, com as ramificações do Rio Comprido e da Fabrica das Chitas, da Gloria á Gavea, do Cattete no Cosme Ve-

lho, nas vertentes de Santa Thereza, em Catumby e no Andaraely Grande, de S. Christovão á linha dos suburbios, — e até nesse transformado Mata-Cavallos, que era ha meio seculo considerado "chacara", arrabalde da cidade restricta, — as copadas arvores de fructo e as alteiras arvores de palma que foram o orgulho do velho Rio de Janeiro, multiplicavam-se nas habitações da gente do dinheiro e prolongavam-se, não raro, na via publica, ou pela providencia de alguns edis para quem a arvore não era apenas a madeira de construcção e a lenha, ou pelo rasgamento o recéo de ruas, que traziam para o dominio collectivo lindos especimens da propriedade particular.

Havia timbre, em uns tantos homens de recursos, em ter nas suas chacaras toda especie de fructas, da jaca vultuosa e da fructa de pão á pitanga rubente e acida e a esse pequeno e bizarro araçá de corôa, que parece desaparecido já da flora carioca, e que é, pela graça delicada, entre os fructos tropicaes, o que era o rocoó nos estylos decorativos, mas cultivavam-se particularmente as bellas arvores. Através das devastações estupidas que se têm feito, ainda temos a impressão, nas mangueiras mutiladas, nos tamarineiros e jaboticabeiras desgarrados, nas palmeiras que vão, dia a dia, cahindo sob o machado dos vandalos, do que era, neste cuito da belleza vegetal, o Rio que desapareceu. (Sebastião Rios — *O Imparcial*, Rio).

HOMENS
E COISAS ESTRANGEIRASOS BASTIDORES DO MUNDO
LITERARIO

Edmond About, tão afamado pelo seu espirito e por toda a gente proclamado como o berdeiro de Voltaire, não poupava ninguém — e não recuava diante de nada. Tinha sido condiscipulo de Taine, na Escola Normal, onde fizeram es-

treita camaradagem. Ora, quando appareceu o primeiro volume das "Origens da Revolução", About, que não gostava desse livro, e o julgava com severidade, escreveu sobre elle um artigo violento, quasi brutal. Taine não gostou da coisa, e durante longos meses evitou encontrar-se com About, e mesmo, algumas vezes, lhe deu as costas. Mas um bello dia, levado pelas suas recordações da mocidade, estendeu-lhe a mão. Edmond About, sempre risinho, apertou-lh'a, dizendo:

— Eu sabia bem que dois bons amigos não haviam de ficar brigados por causa de um máu livro!

Era implacavel e incorrigivel. Como tantos outros escriptores, About teve varias occasiões de se queixar de Buloz, director da *Revue des Deux Mondes*.

Alexandre Dumas pae, que tambem se indispuzera com esse personagem, fez então o juramento de não escrever, durante um anno, uma só carta sem alguma coisa de desagradavel sobre esse a que chamava "o mais desagradavel dos homens". E começava assim, frequentemente as suas missivas desse anno: "Meu caro, Você que é tão superior a esse Imbecil de Buloz, comprehenderá logo..."

Ou então: "Meu caro amigo: Você, cujo credito é com certeza menos ignorante do que *mon sieur* Buloz..."

Dumas chegava mesmo a pôr, no endereço da carta:

"Ao sr. X. . . , rua des Pleassis — Versailles, a 23 kilometros distantes desse animal que é Buloz!"

Buloz era zabolho, razão pela qual Philarète Charles o appellidou de "Cyclope des Deux Mondes". A proposito desse mesmo defeito, corria uma quadrinha, attribuida por uns a Musset e por outros a Mügger:

Quand Buloz au tombeau sera près

[de descendra

Rien ne saurait le retarder:

Il n'aura qu'un oeil à fermer,

Et pas d'esprit à rendre.

A *Revue des Deux Mondes* tão seria, tão grave e veneravel hoje,

tinha como fim principal, ao ser fundada, nada mais nada menos que isto: distrair os seus leitores, ser um jornal "amusant" — tanto que tinha por titulo principal este: *Journal des Voyages...*

Era regra nessa revista, e por muito tempo se conservou a praxe — não se pagar o primeiro artigo do escriptor, fosse quem fosse. Buloz imaginava poder assim incentivar mais os principiantes. Por causa desse systema, o director teve varias vezes discussões com escriptores, entre os quaes se contava George Sand, a quem uma vez Buloz escrevia: "Fique sciente, minha senhora, de que a *Revue* dá mais do que dinheiro — dá honras."

Edmond About é que não quiz se submeter a isso. E como, certa vez, a *Revue des Deux Mondes* publicou a primeira parte de um romance seu, e não queria pagar-lh'a — elle, sem dar a perceber nada, pediu por alguns dias os originaes, já entregues, allegando que precisava modificar o defecho do romance. De posse dos originaes, About não os devolveu mais, apesar das constantes reclamações do Buloz: "Pas d'argent, pas de Suisse!", respondia elle ás cartas do director. Afinal, este foi forçado a capitular, pagando tambem a primeira parte do romance, cuja publicação proseguiu sem mais incidentes. (Albert Cim — *La Revue*, Paris).

AS RELIQUIAS DO MAR

Já um publicista aventou a ideia de um museu subterraneo onde se fechassem hermeticamente os productos de uma civilização, para fornecer nos posterios uma visão da epocha presente; mas não é novidade isso visto como a natureza tem procedido, de modo a nos proporcionar hoje traços de velhas civilizações extinctas. O mar, quantas naves não absorveu no seu seio desde os tempos mais remotos! Os pescadores do condado inglez do Kent têm por habito andar á procura de ancoras, perdidas no fundo do mar, que os navios com frequência abandonam, para fugir á

violencia da tempestade. A's vezes, nessas rebuças, se fazem descobertas interessantes, como a de dois velhos canhões, encontrados em 1775 e em 1830. O primeiro desses canhões remontava ao anno de 1370, acreditando-se que fosse portuguez. O segundo, todo de ferro, parecia ainda mais antigo, e é conservado no museu de Dover. As duas armas pertencem ao mesmo typo, com ligeira differença. Atribuiram-as á famosa "Armada" hespanhola, mas não é provavel que ella empregasse armas tão antiquadas.

Muitos outros canhões foram encontrados no fundo do mar. Mas não se encontraram lá somente canhões: o mar tem conservado em seu seio innumerables objectos preciosos, nelle perdidos, dos quaes muitos já foram descobertos. Assim, em 1860 o navio "Vigilant" encontrou uma amphora romana, da altura de meio metro, e com a capacidade de quasi cinco litros, a qual é conservada no museu municipal de Hull.

O mar tem mesmo restituído objectos de uso pessoal. Conta-se, por exemplo, que tres pessoas reclamaram como suas uma dentadura postica pescada em Chesapeake Bay, á qual se agarrava uma ostral. Do "Royal George", que foi a pique em 1728, lezaram-se, além de 23 canhões, os seguintes objectos: um moinho de café, uma garrafa, um cachimbo, um lenço de seda. Alguns desses objectos traziam ostras incrustadas.

E' muito curioso o caso do retrato do capitão E. Williams, o amigo de Shelley, que foi victimado em companhia do poeta, em 1822. O retrato era um desenho do proprio Williams e muito pouco se deteriorara depois da immersão. Contrastando com a fragilidade dessas reliquias, ha a citar a carraçagem de posta representada das areias de Goodwin com as rodas ainda presas no eixo. Ha alguns annos os pescadores de esponjas descobriram ao longo das costas africanas, perto do porto de Mabella, um antigo navio afundado. Os escaphandristas verificaram que

se tratava de uma galera grega, carregada de thesouros de arte da primeira epocha christã, estatuas de bronze e de marmore, estatuetas e medallhões. O marmore é que tinha mais soffrido com a acção da agua marinha, ao passo que o bronze se conservava intacto.

Além desses objectos de arte, o navio continha moveis e utensilios, inclusive leitos, cadeiras, vasos, e uma lampada de terra-cota em que ainda se encontrava o pavio.

O cavallo de bronze que se vê na Ponte Nova, em Paris, foi fundido na Toscana por ordem de Maria de Medici, viuva de Henrique IV e filha do grão duque da Toscana. Dahi se transportou para Paris, por via maritima, mas o navio se perdeu nas costas da Normandia, ficando o cavallo de bronze immer-so durante um anno. Encontrado, afinal, chegou ao destino, e foi collocado onde hoje se acha. (W. A. Atkinson — *Chambers's Journal*, Londres).

O SUBMARINO NA ANTIGUIDADE

A idéa de trabalhar e navegar sob a agua não data dos tempos modernos como se poderia suppor. Quando Fulton, no principio do seculo XVII fez as suas primeiras experiencias, contava já numerosos precursores. Com effeito, já desde Aristoteles se pensava em submarino ou coisa equivalente; o philosopho descreveu um apparelho denominado *Exeta*, de que se serviram os marinheiros de Alexandria no assedio de Tyro, no anno de 332 antes da era christã, para collocar sob os navios inimigos cadeias e ganchos, especies de torpedos primitivos de que se ignora a natureza. Na historia das guerras punicas, como tambem em diversas narrativas arabes das Cruzadas, se faz menção de apparelhos analogos. Em 1538 em Toledo, na presença de Carlos V, se realisaram experiencias com um submarino que Bacon descreve assim: "Uma machina em forma de pequeno navio, graças á qual os homens podem percorrer sob a agua um es-

paço bastante grande". Em 1580 William Bourne construiu um aparelho submarino e em 1605 Pagelina fez experiencias com outro. Um hollandez, Cornelio Van Drebbel, medico na corte de Inglaterra construiu um submarino em que cabiam cerca de vinte pessoas, entre as quaes doze remadores. Fez navegar o submarino no Tamisa em 1620, com excellentes resultados, tanto que permittia conduzir nelle, numa das suas imersões, o rei Jacques I. Acreditava-se então que aquelle medico honravel resolveu o problema da renovação do ar a bordo do seu barco. Com effeito, seu genro, dr. Keiffer escreve: "Drebbel, tendo descoberto que o ar contém uma parte que é principalmente util á respiração, compuzera uma especie de licor a que deu o nome de "ar quintessenciado"; algumas gottas desse licor espargidas num aposento fechado bastavam a renovar o ar viciado, de sorte a tornar a respiração possível aos que ali se encontravam." E' heito ver em Drebbel um precursor de Lavoisier! Acaso o seu licor conseguia formar oxygenio? Ou não seria antes um producto que absorvia acido carbonico? Talvez mesmo não fosse senão um perfume. Possa o que fosse, nós não podemos passar de hypothesis, porque a formula do precioso licor ficou ignorada. Outros medicos se-

guiram a via traçada por Van Drebbel, entre os quaes se citam o dr. Payerne, que inventou em 1842 uma especie de campanula submersivel, com reservatorio de ar comprimido, e preconizou em 1845 um motor de combustivel sob pressão em vaso fechado, motor de Allest; e o dr. Barbor que construiu em 1869 um submarino cuja helice era accionada por um motor de acido carbonico.

Mas tornemos aos procursores de Fulton: em 1634, o padre Merenne descreveu um submarino de guerra. Em 1660 os padres Merenne e Fouruler fazem outras tentativas. De 1660 a 1675 um mechanico inglez de nome Day, fez investigações e construiu um submarino, no qual morreu afogado á segunda imersão. Em 1680 Borelli fez novas experiencias e em 1747 Simons construiu na Inglaterra e fez mover no Tamisa um barco de remos cuja imersão era produzida por odres de couro. Finalmente em 1773 Bushnell construiu nos Estados Unidos a *Tortue* que caminhava mediante remos especiais, levava uma pessoa e permanecia meia hora immergida. Fulton não era, pois, tão innovador como se crê geralmente, quando se lembrou de offerrecer o seu *Nautilus* ao primeiro consul que recusou valer-se de semelhante instrumento. (Jules Régnault — *Progrés Medical*, Paris).

PUBLICAREMOS NOS PROXIMOS NUMEROS :

- TRES POETAS, pelo sr. Claudio Ganns.
 ALMAS ITINERANTES, pelo sr. V. Mello Franco.
 UM ALBUM DE ELISA LYNCH, pelo sr. A. E. Taunay.
 CLARINHA DAS RENDAS, pelo sr. Mario Sette.
 VOCABULARIO ANALOGICO, pelo sr. Firmino Costa.
 MEU PARENTE, pelo sr. Godofredo Rangel.
 A OBRA DO SR. PEDRO LESSA, pelo sr. F. Linhares.

AS CARICATURAS DO MEZ



O Papa — Paz em nome de Deus!
Voz Populi — Mas de qual deles?

(“D. Quixote”, Rio)

CORDEALIDADE



A paz com a Ukrania

(J. Carlos — “Caretta”, Rio)

À BEIRA DO ABYSMO



— Agora, menina, dá-me um beijo espontaneamente.

(J. Carlos - "Caretta", Rio)

Joallierie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'Importation

Bento Loeb

RUA 15 DE NOVENBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèverie — Argent. Bronzes
et Marbres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

Casa de Saude □

Dr. **HOMEM DE MELLO & C.**

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. **FRANCO DA ROCHA,**

Director do Hospicio de Juquery

Medico Interio — Dr. **Th. de Alvarenga,**

Medico do Hospicio de Juquery

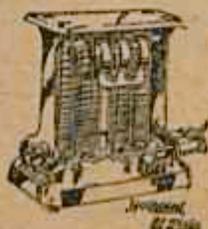
Medico residente e Director — Dr. **C. Homem de Mello.**

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. **HOMEM DE MELLO** que reside á rua Dr. *Homem de Mello*, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Calva do Corralo, 12 **SÃO PAULO** Telephoo, 560



A' ILLUMINADORA

RUA DA BOA VISTA, 47

ENCARREGA-SE DE QUALQUER SERVIÇO
DE ELECTRICIDADE.

MATERIAL ELECTRICO EM GERAL,
LAMPADAS, PILHAS, FIOS, ETC.

INDICADOR

ADVOGADOS:

DR. S. SOARES DE FARIA —
Escritório: Largo da Sé, 15
(salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE',
LEVEN VAMPRE' e PEDRO
SOARES DE ARAUJO—Travessa
da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,
J. ALBERTO SALLES FILHO e
JULIO MESQUITA FILHO —
Escritório: Rka Bon Vista, 52
(Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOU-
RA — Das Universidades de Ge-
nebra e Munich. — Cirurgta —
Operações — Rua Líbero Badaró,
181. Telephone 3492, das 13,30
às 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PES-
TANA—Medico do Asylo de Ex-
postos e do Seminario da Gloria.
Clínica medica especialmente das
crianças—Res.: R. Bella Cintra, 139
Consult.: R. José Bonifacio S-A,
das 15 às 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA—Medi-
co. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Es-
pecialista das molestias das vias
urinarias, com pratica em Paris.
— Consultas das 9 às 11 e das
14 às 16 horas. Rua Barão de
Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIXO DE
PROTESTOS DE LETRAS E TI-
TULOS DE DIVIDA, NESTOR
RANGEL PESTANA, tem o seu
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-
tor official — Escritório: Tra-
vessa do Commercio, 7 — Te-
leph. 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-
retor official — Cambio e Títu-
los — Escritório: Travessa do
Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-
LHO — Corretor Official — Es-
critório: Travessa do Commer-
cio, 5 - Tel/323—Res.: R. Albu-
querque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEO-
NIDAS MOREIRA—Caixa Postal
174. End. Teleg. "Leonidas, S.
Paulo". Telephone 626 (Central)
— Rua Alvares Penteadó — S.
Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Santos:
Praça da Republica, 23. Teleph.
258. Caixa, 107.—Rio: Rua Can-
delaria, 60. Teleph. 3.629. Caixa,
881. — S. Paulo: Rua Boa Vista,
15. — Teleph. 381. Caixa, 135.
Telegrammas: "Bellico", Genova
(Italla), Piazza Scuole Pie 10 —
Casella 1.459. End. tel. "Bel-
lico".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emi-
lio Rocco — Novidades em case-
mira inglesa. — Importação di-
recta. — Rua Amarel Gurgel, 20,
esquina da rua Santa Izabel, Tel.
3333 — Cidade — S. Paulo.

Wilson Sons & Co. Limited

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Teleg. "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES:

de carvão de pedra, forja, anthracite, coke, etc.; ferro guza, cobre, chumbo, chapas e canos de ferro galvanizado, folhas de flandres e ferragens; óleo de linhaça e tintas; drogas e adubos para industrias; barro e tijolos refractarios, barrilha etc.

AGENTES DE:

- Alliance Assurance Co. Ltd., Londres**
Seguros maritimos e contra fogo
- J. B. White & Brothers, Londres**
Cimento Portland "J. B. W."
- Aberthaw & Rhose Portland Cement & Lime Co. Ltd.** Cimento marca "Mitra"
- Read Brothers Limited, Londres**
Cerveja Guinness "Cabeça de cachorro"
- Curtis's & Harvey Ltd., Londres**
Dynamite marca "Dragão"
- Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres**
Chá preto e verde marca "Bond"
- William Pearson Ltd., Hull**
Creolina, Pacolol e Pacofluido
- Andrew Usher & Co., Edinburgo**
Whisky "Liqueur"
- J. Bollinger, Ay Champagne**
Champagne "Bollinger"
- P. Virabian & Cie., Marselha**
Ladrilhos e Cimento
- Holzapfels Ltd., New-Castle-on-Tyne**
Tintas preparadas "Lagoline"

Acceltam pedidos para importação directa mediante modica commissão



O MELHOR TAXI

Telephone

3

Central
ou
Cidade

Garage RODOVALHO

Loteria de São Paulo

PARA 12 DE ABRIL

100:000\$000

Por 9\$000

Os bilhetes estão á
venda em toda a parte

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.



RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega



S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFÉ MANDIOCA
ARROZ MILHO
ASSUCAR FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

Rua de São Bento N. 29-C

SÃO PAULO

OFFICINAS DO -O ESTADO DE S. PAULO

